

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

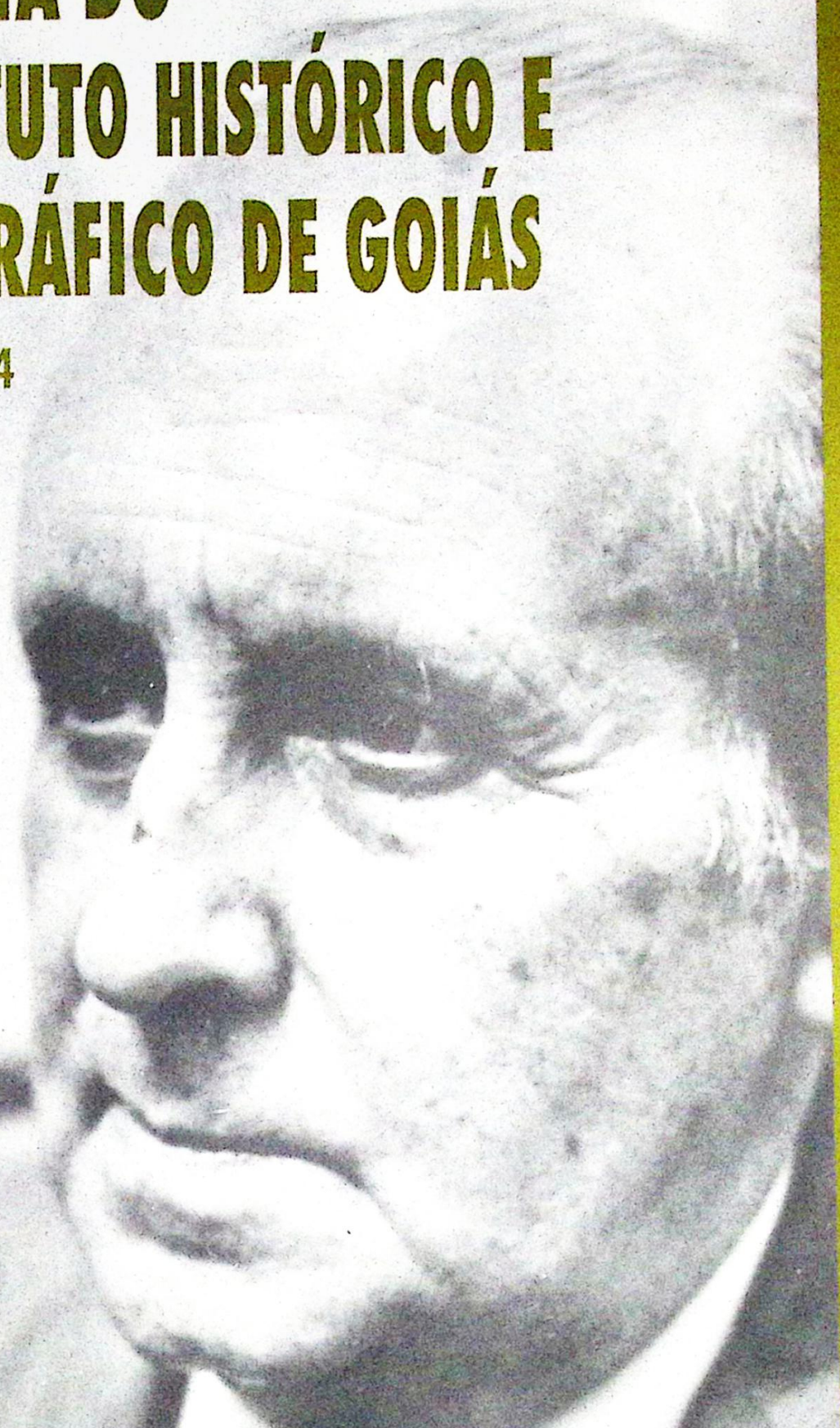
# REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Volume 14

Nº 1

jul/dez

1998



Homenagem ao Professor  
**COLEMAR NATAL E SILVA**

## SÓCIOS TITULARES

### Cadeira Nº 01

Patrono: Pedro Ludovico Teixeira  
Titular: PAULO BERTRAN WIRH CHAIBUB  
End. SQN 316 BL 1 Apto 504 - Brasília-DF  
Cep: 70.775.090  
Fone: (061) 274-0748

### Cadeira Nº 02

Patrono: Maria Angélica do Couto Brandão  
Titular: BELKISS SPENCIERE CARNEIRO DE MENDONÇA  
End. Av. Tocantins, 776 - Centro - Goiânia-GO  
Cep: 74.015.010  
Fone: 223-1272

### Cadeira Nº 03

Patrono: Francis Castelau  
Titular: LENA CASTELO BRANCO FERREIRA FREITAS  
End. Chácara Santa Cruz - Rodovia GO-060 - Km 11,5  
Trindade - Caixa Postal 101  
Cep: 75.380.000  
Fone: 294-5889

### Cadeira Nº 04

Patrono: Guimarães Natal  
Titular: URSULINO TAVARES LEÃO  
End. Rua 14 nº 95 Apto 503 Ed. João Paulo I - Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep: 74.125.120  
Fone: 225-9230 / 223-0938 / 215-4026

### Cadeira Nº 05

Patrono: Albatênio Caiado de Godoy  
Titular: MARILDA GODOI DE CARVALHO  
End. Rua R-15 nº 134 Apto 704 Ed. Nápoles - Centro - Goiânia-GO  
Cep: 74.030.020  
Fone: 223-1248

### Cadeira Nº 06

Patrono: Zoroastro Artiaga  
Titular: WALDYR DO ESPÍRITO SANTO CASTRO QUINTA  
End. Rua 1 nº 800 Apto 101 Ed. Minerva - Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep: 74.125.020  
Fone: 215-1985

### Cadeira Nº 07

Patrono: Arlindo P. Cardoso  
Titular: JOSÉ ASMAR  
End. Rua 10 nº 950 Apto 1502 - Residencial Brenner  
Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep: 74.120.020  
Fone: 215-5992

### Cadeira Nº 08

Patrono: Luís Antônio da Silva e Souza  
Titular: JOSÉ MENDONÇA TELES  
End. Rua 89 nº 333 Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.093.100  
Fone: 241-3612

### Cadeira Nº 09

Patrono: Antônio Félix de Bulhões Jardim  
Titular: MARIA AUGUSTA CALLADO DI SALOMA RODRIGUES  
End. Rua 128 nº 150 Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.080.180  
Fone: 241-6598

### Cadeira Nº 10

Patrono: Gelmires Reis  
Titular: NELLY ALVES DE ALMEIDA  
End. Rua 103-B nº 103 Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.310.010  
Fone: 241-5357

### Cadeira Nº 11

Patrono: Honestino Guimarães  
Titular: GERALDO COELHO VAZ  
End. Rua 14 nº 25 Apto 103 Ed. João XXIII - Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep: 74.310.010  
Fone: 214-2215

### Cadeira Nº 12

Patrono: Capistrano de Abreu

### Titular: JOSÉ LUIZ BITTENCOURT

End: Rua T-48 nº 225 Apto 201 Ed. Piratini Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep: 74.140.130  
Fone: 251-7206

### Cadeira Nº 13 - VAGA

### Cadeira Nº 14

Patrono: Joaquim Bonifácio de Siqueira  
Titular: ELDER CAMARGO DE PASSOS  
End: Travessa da Boa Vista nº 01 - Centro  
Cidade de Goiás-GO  
Cep: 76.600.000  
Fone: 371-1049

### Cadeira Nº 15

Patrono: Emmanuel Pohl  
Titular: DALÍSIA ELIZABETH MARTINS DOLES  
End: Rua 3-A nº 210 - Setor Aeroporto - Goiânia-GO  
Cep: 74.075.090  
Fone: 207-4611

### Cadeira Nº 16

Patrono Saint Hilaire  
Titular: BRASIGÓIS FELÍCIO CARNEIRO  
End: Rua C-24 Qd. 22 Lt. 18 - Jardim América - Goiânia-GO  
Cep: 74.265-140  
Fone: 285-5823

### Cadeira Nº 17

Patrono: Raimundo da Cunha Matos  
Titular: GILKA VASCONCELOS FERREIRA SALES  
End: Av. Tocantins nº 850 Apto 906 Ed. Jarina - Centro  
Goiânia-GO  
Cep: 74.015.010  
Fone: 292-1071 / 224-0836

### Cadeira Nº 18

Patrono: Couto Magalhães  
Titular: MARI DE NAZARÉ BAIOCCHI  
End: Rua 3 nº 906 Apto 1401 Ed. John Carneiro - Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74.115.050  
Fone: 245-1475 / 214-1343

### Cadeira Nº 19

Patrono: José Martins Pereira de Alencastro  
Titular: ISÓCRATES DE OLIVEIRA  
End: Praça Santa Cruz nº 32 - Centro - Pirenópolis-GO  
Cep: 72.980.000

### Cadeira Nº 20

Patrono: Luis Gonzaga de Faria  
Titular: CRISTOVAM FRANCISCO DE CASTILHO  
End: Rua 101 nº 171 Apto 201 Ed. Goyá - Setor Sul  
Goiânia-GO  
Cep: 74.080.150  
Fones: 224-1396 Res. 215-1736 Trab.

### Cadeira Nº 21

Patrono: José Lobo  
Titular: NANCY RIBEIRO DE ARAÚJO E SILVA  
End: Rua 107 nº 312 - Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.085.060  
Fone: 241-0783

### Cadeira Nº 22

Patrono: Sebastião Pompeu de Pina  
Titular: AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO  
End: Rua 23-A nº 70 - Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74310  
Fone: 241-8424 / 977-1875

### Cadeira Nº 23

Patrono: Crispiano Tavares  
Titular: MÁRIO RIBEIRO MARTINS  
End: Rua Inglaterra Qd. 8 Lt. 6 Nações Unidas  
Cx. Postal 827  
Anápolis-GO  
Cep: 75.001.970  
Fone: 324-9266

### Cadeira Nº 24

Patrono: José Lopes Rodrigues  
Titular: NEY TELES DE PAULA  
End: 1.124 Qd. 223 Lt. 09 - Setor Marista  
Goiânia-GO  
Fone: 212-2713 / 216-2605 / 973-5519 / 242-1907



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

**REVISTA DO  
INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

volume 14, número 1, jul./dez. 1998

Desejamos estabelecer permuta com Revistas similares  
On désir établir l'échange avec les Revues similaires  
Exchange with similar journals in desired

© 1940, IHGG

Editor responsável: Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães

Projeto Gráfico: Hélio Antônio Batista

Editoração eletrônica: Hélio Antonio Batista

Revisão: Sueli Lima de Freitas

Normalização: Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás

Resumos: Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães

Tradução dos resumos: Prof.a. Waldirene Maria de Araújo Gomes -  
Faculdade de Letras/UFG

Capa - criação e arte: Ailso Braz Corrêa

Impressão: Editora Kelps

Periodicidade: Semestral

\* Catalogação na Fonte

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de  
R454 Goiás. — Vol. 1, n.1 (1940) -. — Goiânia:  
O Instituto, 1940-

v.

Semestral

1. História - Goiás - Periódicos 2. Geografia -  
Goiás - Periódicos I. Instituto Histórico e  
Geográfico de Goiás.

\* Preparada pela Divisão de PT da BC/UFG.

Endereço: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Rua 82, nº 455 - Setor Sul - CEP: 74083-010 - Fone/Fax: (062) 224-4622

Goiânia - Goiás - Brasil

# SUMÁRIO

## CONTENTS

volume 1, nº 14, 1998.

### ARTIGOS

*O Semeador de Futuros* ..... 6

*Sowing Seeds For The Future* ..... 7

***José Mendonça Teles***

*Goiânia: A Utopia do Progresso na  
Marcha para o Oeste* ..... 8

*Goiânia : The Utopia Of The Progress  
In The March To West* ..... 14

***Nasr Fayad Chaud***

*Aspectos da Cultura Francesa em Goiás* ..... 16

*Aspects of French Culture in Goiás* ..... 20

***Maria Augusta Calado***

*Confrarias Religiosas como Expressão  
Artística nos séculos XVIII e XIX nas  
Minas dos Goyazes (Irmandades de  
Branços, Pretos e Mulatos)* ..... 21

*Religious Congregations as an Artistic  
Expression in The Eighteenth and  
Nineteenth Centuries in the Mines of  
the "Goyazes" (White , Black , and  
Mulatto Brotherhoods)* ..... 32

***Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães***

*A Bagagem Histórica de Corumbá de Goiás* ..... 37

*The Historical Background of Corumbá de Goiás*.... 47

***Ramir Curado***

*Raízes do Café Nativo no Vale do São Patrício* ..... 48

*Roots of the Native Coffee in the São Patrício  
Valley River* ..... 53

***Adalberto Gonçalves De Araújo Júnior***

<b>DEPOIMENTOS</b>	<i>Depoimento do Professor Colemar Natal e Silva ao Museu da Imagem e do Som de Goiânia - Goiás - Brasil</i> .....	55
	<i>Professor Colemar Natal e Silva's Testimony</i> .....	69
	<b>Maria Ruth Rocha</b>	
	<b>Maria Teresinha Campos de Santana</b>	
	<b>Cecília Brazão Costa</b>	
	<i>Depoimento sobre Wolf Jesco von Puttkamer</i> .....	70
	<i>Statement about Wolf Jesco von Puttkamer</i> .....	72
	<b>Jerônimo Coimbra Bueno</b>	
	<b>BIOGRAFIAS</b>	
	<i>Brigadeiro Felicíssimo do Espirito Santo/ Perfil Biográfico e Genealogia</i> .....	73
<i>Brigadier Felicíssimo do Espirito Santo Biographical Profile and Genealogy</i> .....	87	
<b>Antônio César Caldas Pinheiro</b>		
<i>Zoroastro Artiaga: Pioneiro da Geografia de Goiás</i> ...	88	
<i>Zoroastro Artiaga: geography pioneer in Goiás</i> .....	92	
<b>Horieste Gomes</b>		
<i>Biografia do Comendador Antônio de Pádua Fleury</i> ..	93	
<i>Biography of Commendator Antônio de Pádua Fleury</i> ..	94	
<b>Jarbas Jayme</b>		
<b>DISCURSOS</b>	<i>Discurso de posse</i> .....	95
	<i>Inaugural speech</i>	
	<b>Horieste Gomes</b>	
	<i>Discurso de posse</i> .....	99
	<i>Inaugural speech</i>	
	<b>Wolf Jesco von Puttkamer</b>	
<b>DOCUMENTOS</b>	<i>Doação dos retratos a óleo do Comendador Antônio de Pádua Fleury e sua esposa ao</i>	

*Instituto Histórico e Geografico de Goiás ..... 101*  
*Donation of oil paintings of Commendator Antônio*  
*de Pádua Fleury and his wife to the Historical*  
*and Geographycal Institute of Goiás by the writer*  
*Rosarita Fleury*  
***Rosarita Fleury***

*Curriculum Vitae*  
***Wolf Jesco Von Puttkamer***

## **INFORMAÇÕES**

# O SEMEADOR DE FUTUROS\*

José Mendonça Teles\*\*

---

## RESUMO

*Esta crônica do escritor e Presidente atual desta Instituição, publicada logo após a morte do Prof. Colemar Natal e Silva, Presidente Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, enaltece a figura e sublinha alguns aspectos de sua obra ao contribuir na criação de Goiânia e de um polo educacional e cultural no Centro-Oeste brasileiro.*

---

**Palavras-chave:** *idéias, cultura, entidades, Goiás.*

---

Há homens que não se deixam subjugar sob os limitados e fechados horizontes de seu tempo; dotados de uma vontade férrea de sonhar e realizar, recusam o papel de caudatário de idéias gastas, enferrujadas, e jamais se fazem satélites de lideranças capengas. A cultura é a força transformadora das idéias, o dínamo sagrado do ideal, até vislumbrarem a janela e o horizonte salvadores. São homens pela cultura e para a cultura, e são da estirpe que levou Unamuno a escrever: "Por cultura entendo a mais intensa vida interior, a de mais batalha, a de mais inquietação, a de mais ânsia". Foi sob o signo de idéias-força, levando em sua mente a determinação de interferir positivamente no cenário da nascente cultura goiana, que este homem extraordinário, *Colemar Natal e Silva*, exerceu e cumpriu o seu viver.

*Colemar* desaparece justamente no exato momento em que as três principais entidades fundadas por ele - Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Academia Goiana de Letras e Universidade Federal de Goiás, estão passando por momentos difíceis, abandonadas pelo Governo que não quer lhes estender a mão da solidariedade.

*Colemar* foi o último Dom Quixote da saga dos sonhadores e construtores de Goiânia. Como Pedro Ludovico, como Venerando de Freitas, morreu pobre de bens materiais. Deixou o nome no bronze da história. Durante 15 anos convivi com ele o dia-a-dia cultural. Por sua determinação, presidi a Academia

---

\*Crônica publicada em "O Popular", Caderno 2, em 9 de Março de 1996.

\*\* Escritor, pesquisador, Diretor Geral do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central da Sociedade Goiana de Cultura e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Goiana de Letras de 1985 a 1995, e assumi, depois, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ao receber a sua carta, manuscrita, letras trêmulas, quase ilegíveis. “Estou sob recomendação médica, para repouso, daí o motivo que me impede de continuar presidindo a nossa Entidade”.

Foi a última missão de *Colemar*, depois de presidir o Instituto por mais de duas décadas. Afastando-se da direção da Entidade, foi-lhe outorgado o título de Presidente Honorário, e mesmo doente, ainda participou de algumas sessões, para depois recolher-se, definitivamente, em sua casa, aos cuidados da família e de uma enfermeira.

Acometido de enfermidade que lhe impedia de pronunciar corretamente as palavras e lhe dificultava a memória, seu mal se agravava a olhos vistos, daí a preocupação dos familiares em evitar que ele tivesse contatos

com amigos. Era emoção demais para o grande guerreiro. Homem que nunca se abateu diante do tempo, correndo sempre na frente, antecipando as horas e os minutos na construção da História, *Colemar* ficou refém do próprio tempo que o deixou parado, silenciosamente parado, no apartamento da Rua 85. Aos 88 anos de intensa vida interior (e exterior), o grande sonhador recolhe-se à solidão das estrelas, deixando para trás um legado de mais de 60 anos de vida cultural, caminho longo a ser desbravado por pesquisadores que por certo irão buscar as minúcias de sua caminhada pela esteira da emoção.

*Colemar Natal e Silva* viveu intensamente Goiás. Com ele fecha-se o último capítulo da história pioneira de Goiânia. Foi um homem de pensamento e ação. Não há, em Goiás, nenhuma entidade cultural que não tenha sido fundada por ele ou que não tenha recebido o calor de suas idéias-força. Foi um sonhador, o plantador da imensa árvore cultural que sombreia todos os horizontes do Centro-Oeste. Foi um autêntico semeador de futuros.

---

## ABSTRACT

### SOWING SEEDS FOR THE FUTURE

*This chronicle was written by the actual President of this Institution and published after the death of Professor Colemar Natal e Silva who was the President of the Historical and Geographic Institute of Goiás . The chronicle exalts Professor Colemar's image and underlines some aspects of his work which are related to the creation of Goiânia and of an educational and cultural pole in the West of Brazil .*

---

**Keywords:** *ideas, culture.*

---

# GOIÂNIA: A UTOPIA DO PROGRESSO NA MARCHA PARA O OESTE.

Nasr Fayad Chaul<sup>1</sup>

---

## RESUMO

*O Autor analisa neste artigo as condições de criação das novas cidades, criticando a utopia modernista e a construção resultante de uma transformação dos antigos farrapos da 1ª República, em noção de progresso e sobrevivência política.*

*Reafirma ser a cidade de Goiânia edificada sobre parâmetros vários, sejam políticos, econômicos, e sociais, além dos educacionais e culturais.*

*Demonstra como a velha geração cede à nova Ordem, com a nova mentalidade e sua noção de Progresso, com a ocupação capitalista da Amazônia, na chamada "marcha para o Oeste" e sua importante influência no surgimento de Goiânia, sendo encarada por ele como o resultado da imaginação utópica da época em que foi projetada, na reafirmação do poder e do ideário do Estado Novo.*

---

**Palavras-chave:** *Goiânia, Oeste, utopia, construção, Estado Novo.*

---

A História da construção das cidades como centros políticos, guardiãs das memórias e utopias das sociedades, é antiga entre nós. A imaginação grega de uma República organizada dos caminhos históricos de um povo remonta à antiguidade clássica, dando, de certa forma, um segmento ao que os egípcios, por volta de 1350 a.C., planejaram com a cidade de Akhetaton.<sup>2</sup> A "polis" grega refletia a preocupação com o homem e seu ideal de democracia antiga.

Já na Alta Idade Média A Cidade de Deus de Santo Agostinho determinava os desígnios e as soluções celestiais para os problemas materiais. Na transparência refinada do Renascimento, o anseio de uma cidade ideal, que orientasse os caminhos das sociedades ganha plenitude com A Utopia de Thomas More e com A Cidade do Sol de Campanella, seguidas por Francis Bacon com sua Nova Atlântida.<sup>3</sup> De acordo com um estudioso da arquitetura das idéias e das cidades dos homens, "nos três casos, partiu-se da realidade para a utopia e

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História e do curso de Pós-Graduação em História da UFG, Mestre em História pela UFG e Doutor pela Universidade de São Paulo (USP).

*desta para aquela. A noção de cidades ideais e o sonho utópico de organização benfazeja da vida social, a partir da idéia transformada em doutrina, marcaram, indelevelmente, o mundo ocidental. Não se tratava mais de esperar o reino da felicidade eterna depois da morte e sim de trazer o céu para a luz da vida na terra. ” 4*

Assim, o Iluminismo e o comboio de idéias que se seguiu ao anarquismo - comunistas e socialistas pré-marxistas- atualizam o utopismo renascentista. “A presença dos elementos utópicos no socialismo contemporâneo já era percebida em 1929, por Karl Mannheim. De acordo com o autor, a mentalidade socialista tinha conseguido a redefinição da utopia em termos de realidade, superando a hesitação liberal. Todavia jamais aplicou o método a si mesmo e nunca refreou seu próprio desejo de ser absoluto.” 5

Desta forma, uma das fontes do urbanismo moderno viria na trilha da crítica que os socialistas utópicos e “científicos” fizeram às cidades que emergiram com a Revolução industrial, uma crítica ao ideal burguês de mundo.

Desde a Grécia, então, a cidade foi entendida como abrigo da utopia de uma sociedade. Os modernistas, porém, introduziram a noção de utopia racial. “Para os modernistas, a utopia não é só um lugar que não tem lugar, como queriam os gregos, É um lugar como alternativa possível. Essa possibilidade está embutida numa disciplina, numa arquitetura, numa linguagem que pode ser colocada em prática. O modernismo contribuiu com uma diferença em relação à utopia de Thomas Morus, por exemplo. A utopia modernista era tanto crítica racional, porque apresentava um modo de chegar a um futuro desejado.”6

Nesse emaranhado de idéias e ideais de construir utopias e edificar cidades que projetassem a vida e a visão de mundo dos homens, podemos ter breve noção desse imenso painel, que demonstra como o processo histórico possibilitou a construção de capitais em vários centros do mundo, inclusive em vários Estados brasileiros. Assim, Goiânia vai surgir como uma decorrência desse todo talhado a tempo e a história, a memória e a utopia, de um povo de um lugar.

Sobre a construção de Goiânia muito já se falou, mas ainda não é muito o que se falou. Filha dos anos trinta, gestada em lenta gravidez de idéias nos séculos XVIII e XIX, a idéia de mudança da capital do Estado de Goiás foi retomada por Pedro Ludovico no início da década de trinta, como filha adotada, que se tornou dileta, espelho dos olhos, esperança e progresso, estratégia e sobrevivência política.

O início dos anos trinta no país foi conturbado. Foram depostos os antigos grupos políticos dominantes na Primeira República através de um movi-

mento que aglutinou, em Goiás, grupos políticos ligados aos interesses econômicos e políticos do sul e sudeste do Estado e que não haviam conseguido, até então, uma participação na política estadual que projetasse seu potencial desenvolvimentista.

Trinta no Brasil foi uma tentativa de reorientar o cometa desordenado da economia brasileira, de colocar um pouco a lucidez na loucura curável do capitalismo brasileiro. Não deve ser entendido como processo homogêneo para o país, uma vez que Goiás não contava com a composição de forças políticas que originaram os estudos mais fecundos sobre a época. Estas forças, presentes no Centro Sul do país, praticamente inexistiam em Goiás, nos moldes em que ficaram conhecidos por boa parte da historiografia do período, ou seja, burguesia e proletariado. Goiás passava pela estruturação de um Estado cuja composição política-social oscilava entre os grupos políticos que centralizavam as decisões nas cidades de Goiás, Porto Nacional e Morrinhos, ligados aos moldes e práticas políticas da Primeira República, e outros grupos situados no Sul e Sudoeste do Estado, cujo potencial econômico não encontrava o devido respaldo político e cuja mentalidade era, para a época, mais modernizante<sup>7</sup>, embora ligada com o afínco de uma raiz à estrutura fundiária.

Goiânia foi edificada sob parâmetros vários. Serviu de estratégia política de poder para seu mentor, Pedro Ludovico, numa época em que o governo era provisório e o governante um interventor indo ao encontro das eleições constituintes de 1933 que elegeriam os representantes governamentais e senatoriais em 34. A idéia de mudança da capital era uma bandeira empunhada como argumento, defendida como necessidade, posta como anseio de um povo, requisitada como fundamento e representatividade de um Estado carente de uma capital à altura de seu pretendido salto político-econômico. A mudança da capital ocultava a face mais real de seu intento. Não era apenas o deslocamento do centro de poder dos Caiados. O era também. Não era apenas a vontade atávica de uma idéia de um povo ou de um político que buscava concretização. Era bem mais que isso. Feita em nome do progresso, da esperança e do pretensão “novo” que se contrapunha ao suposto “velho”, Goiânia representava o veículo de condução político burocrática capaz de levar o estado a uma maior inserção no mercado nacional, a uma dinamização do processo de acumulação capitalista nas fronteiras mais desenvolvidas economicamente no Estado. Antes de ser uma capital para Goiás, Goiânia era uma capital para o Sul e Sudoeste do Estado, uma vez que estes grupos haviam encontrado a abertura de participação política

necessária aos seus intentos no Movimento de Trinta, via Aliança Liberal, e concretização de tais anseios no Partido Social Republicano (P.S.R.),

liderado por Pedro Ludovico nas eleições de 33/34. Pedro Ludovico, um médico em busca de ascensão política, um liberal, um humanista, um lídimo representante dos anseios políticos e econômicos dos grupos ligados ao Sul e Sudoeste do Estado. Um carisma solidário às transformações.

A construção de Goiânia efetivava-se no burburinho político das vozes contrárias às mudanças da capital. A oposição, em especial a da cidade de Goiás, alegava problemas de toda ordem para a não efetivação de ato tão protelado ao longo da história goiana. A falta de verbas, a carência econômica de um Estado face aos gastos tão múltiplos que se iria fazer, a aplicação dos mesmos na solução de problemas crônicos de vários municípios nas áreas de saúde, educação e energia. Os ouvidos mudancistas se dispunham a emitir silêncios. Não se tratava de remodelar o “velho” e sim providenciar o “novo”. Não se tratava de prever os gastos e sim calcular os investimentos. Não se tratava mais de manter o atraso para se obter maior autonomia de poder.

A verba viria dos lotes vendidos na área da construção de Goiânia, pingaria como chuva de verão dos cofres do governo federal por meio de apólices e empréstimos. Obviamente não cairiam do céu numa época de tempestades internacionais geradas pelo “Crack de 29”, seguida pela grande depressão mundial que atinge o Brasil com maior intensidade ao longo dos anos 30.

A mão-de-obra básica teve que ser chamada do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, para formar um contingente operário que não havia se formado no estado ao longo de seu processo histórico. Os quase 4.000 anônimos, a outra face dos construtores de Goiânia, viviam em condições sub-humanas de vida e os salários, quando pagos, viravam vales, que viravam dívidas nas mãos dos agiotas que acabavam por virarem lucros nas cantinas dos exploradores.

Uma parcela da sociedade da época, a que tinha expressão na política local, escondia o fazendeiro por trás do profissional liberal. Era o médico, o advogado, o farmacêutico, o engenheiro, o bacharel, etc., quase todos ligados à estrutura fundiária, que demonstravam por si mesmos ou através de seus representantes uma mudança nos quadros da política estatal. Se fazia crer que o velho, os grupos políticos depostos, tinha cedido lugar a uma nova ordem, de novos homens, entre jalecos e leis, remédios e construções, que, assim, dariam ao Estado uma nova mentalidade: mais progressista, mais moderna, mais dinâmica. Era um reflexo dos anos trinta. Uma mentalidade urbana com os pés plantados em solo rural. Tal mesclagem (urbano - rural), pode, até os dias atuais, ser notada nas várias facetas da cidade que se tornou Goiânia, a Capital.

Destaca-se nos anos trinta o crescente interesse do Governo Federal na ocupação capitalista da Amazônia, dentro da chamada “Marcha para o Oeste”,

da qual Goiânia seria o símbolo do Brasil “grande”, do “novo”, do “progresso”, que levaria o Estado de Goiás a sair do marasmo político-econômico, além de representar o “novo-tempo” que se estruturava nos horizontes nacionais.

Pode-se observar através do que foi dito que, dentro da ideologia do progresso, Goiânia seria um símbolo de força e unificação dos grupos do Sul e do Sudoeste, cooptadas para e pelo exercício do poder. Goiânia seria a própria antítese de Goiás. Todo o passado esculpido e arraigado na velha capital seria projetado, a passos largos, rumo ao futuro com a construção de Goiânia.

Há um outro ponto bastante elucidativo no contexto da mentalidade e da ideologia no que se refere a Goiânia: a esperança, entendida como “um traço que deve caracterizar o ser humano ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se esperança; esperança de que aquilo que não é, não existe, pode vir a ser...”<sup>8</sup> Assim, Goiânia representava, além de uma necessidade, uma esperança de se contrapor ao “evento defeituoso” que Goiás passou a simbolizar, Goiânia poderia vir a ser aquilo que não era mas que poderia existir.

A idéia de uma nova capital pode assim ser concebida como uma “imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado”<sup>9</sup>

Para estudiosos que hoje se ocupam em trabalhar uma nova interpretação de UTOPIA, a imaginação exigente recebe o nome de imaginação utópica, ponte entre a vida e o sonho. A imaginação utópica se processa, num primeiro momento, em nível individual, absorvente, posteriormente, a tendência social da época, dirigida através das possibilidades objetivas e concretas do momento. É, por isso, uma imaginação utópica concreta e não um sonho abstratamente utópico. Torna-se assim a projeção do consciente.

As capitais se erguem para o capital. São racionalidades administrativas e burocráticas do Estado que se impõem na lógica do capitalismo. São espaços que permitem organizar o jogo político, são palcos do aplauso dos oportunistas de plantão, mas são também perspectivas que se abrem rumo a modernidade. Arquitetonicamente falando Goiânia foi o símbolo do moderno e do urbano em solo rural. Um teatro de “art déco” cravado no meio do planalto central. Um ruidoso berrante do Pantanal tocando no Olympia de Paris. Os homens do sertão demorariam a entender os estranhos “currais” de concreto.

A ideologia do progresso, dinamizada pelo nacionalismo desenvolvido pelo país afora, que, por sua vez, sofreu influências internacionais, chegava

com força total para consolidar uma época em que o Brasil caminhava a passos largos rumo a centralização do poder. Goiânia, no contexto, era um espelho representativo da política de Vargas e de seus seguidores.

As palavras do redator da revista Oeste, uma das maiores divulgadoras das idéias estado-novista, são bastante claras: “Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos do Brasil Novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo e num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres, do Brasil que se ergue do berço esplêndido e começou, já a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de cadinho, em que se cozem e purificam os nossos vários caracteres. Nela, mais que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasis - o do litoral e o do sertão - nela se está formando a célula do Brasil integral para todo o Brasil, Goiânia adquire uma fisionomia inconfundível e a sua posição se delinea, sob o ponto de vista nacional, verdadeiramente, a conquista do Brasil pelo Brasil, isto é, a Marcha para o Oeste era um intuito inicial, um propósito básico. E Goiânia foi a manifestação prática desse movimento profundo de nacionalidade.”<sup>10</sup> Talvez nem Pedro Ludovico nem seus aliados soubessem que Goiânia representava tanto e tantas coisas assim.

Goiânia pode assim ser encarada como a imaginação utópica da época. Perspectiva de uma nova vida, de um novo tempo, ideologicamente disseminado pela “Revolução” de 30. Esperança de dias melhores, de ruptura com o passado, de sonho a ser conquistado, enfim, de concretização de um projeto humano resultante de relações humanas. Assim, a idéia de progresso serviu fartamente aos ideais de consolidação política de Pedro Ludovico, através de sua proposta de mudança da capital. Mudando a capital, Pedro Ludovico não só estaria seu ideal político em prol do progresso das regiões Sul e Sudoeste, como estaria também criando um novo centro de poder. A mudança da capital significava também ganhos políticos, uma vez que mudando a capital o Governo estaria criando o necessário espaço urbano à nova etapa de acumulação capitalista no Estado além do espaço necessário à sua afirmação no poder.

Foi, portanto, sob o prisma luminoso do progresso que se atacou de todas as formas a antiga capital e sob o mesmo refrão procurou-se justificar a nova capital. Pedro Ludovico, por sua vez, utilizava seu saber médico e tratava a cidade de Goiás como a um doente em um quase pré-coma na UTI do capitalismo, desenganada pelos mais célebres cirurgiões do Sul e do Sudoeste do Estado. A velha Goiás era ideológica e taticamente o exemplo de como não devia ser uma capital. A Goiás Velha era vista como a antítese dos tempos, o buraco do sertão goiano, paciente em fase terminal. A velha Goiás, berço de Cora Coralina, misto de jornalista, doceira e poeta, cujos poemas podem servir

para demonstrar os universos que o planeta história pode alcançar na dimensão do conhecimento humano, estava velha demais para uma plástica eficiente. Suas rugas no espelho do tempo serviam de demonstração não valorativa, diferente das rugas de Cora e de sua poesia.

A marcha desenvolvimentista de Vargas e seu espelho em Goiás, Pedro Ludovico, necessitava, assim, de uma capital que espelhasse o progresso, acessível, na vanguarda dos tempos pós-30. Uma capital que coordenasse a vida política e estimulasse a econômica.

Em suma, Goiânia pode ser considerada um fruto do Estado Novo, uma vez que sua realização dependeu basicamente do regime instalado em 30 e que culminou na ordem imposta por Vargas em 37. Para o regime que se instalava o inverso era também verdadeiro: Goiânia era a representação maior do “nacionalismo”, do “bandeirantismo”, da “sagacidade” do brasileiro, termos cantados e decantados pelos ideólogos do Estado Novo.

Torna-se claro que Pedro Ludovico e o Estado Novo tinham um forte ponto de convergência: Goiânia. Pelo lado de Pedro Ludovico, o regime servia como suporte de sua mais alta realização política - sua e dos grupos políticos do Sul e Sudoeste - pelo lado do Estado Novo, Goiânia servia como concretização dos ideais do momento, como símbolo que encarnava na prática, o nacionalismo apregoado pelo regime. Eles se serviam, se complementavam. No tocante à mudança da capital, podemos afirmar que o Estado Novo foi o catalisador final da transferência da capital, bem como o início de uma dependência política cada vez maior junto ao Governo Federal.

Chegava-se a uma época de definições em relação a Goiânia. Sua inauguração oficial só se daria cinco anos mais tarde, em julho de 1942. A História dessa cidade sexagenária, capital dentro do interior, campo - cidade, Campinas e Goiânia, vem a ser um exemplo daquilo que Marco Polo ensinou a Kublai Kan nas Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino: “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”.

---

## ABSTRACT

### GOIÂNIA : THE UTOPIA OF THE PROGRESS IN THE MARCH TO WEST

*In this article the author analyses the conditions of creation of new cities. He criticises the modern utopia and construction as a result of the transformation of the ancient “farrapos” of the first Republic into idea of progress and political surviving.*

*He affirms the city of Goiânia to be built upon many parameters which*

may be political , economic , social , or cultural .

He shows how the old generation surrenders to the new Order with a new way of thinking and its idea of Progress , during the Amazon capitalist occupation , in the so-called "march to West " and its important influence in the appearance of Goiânia . He sees Goiânia as the result of the chimerical imagination of the time when it was planned , in the confirmation of the power and of the New State project.

---

**Keywords:** *Goiânia, West, utopia, construction, New State.*

---

## NOTAS

<sup>1</sup>Cf. WASSEF, Ayyam. **Akhetaton do Sol**. Correio da Unesco. As utopias ou a Busca do Impossível. Rio de Janeiro, ano 19, nº 4, p. 17/8 abril de 1991.

<sup>2</sup>Ver MORE, Thomas. **A Utopia**. 2a. Ed. São Paulo: Abril Cultural; CAMPANELLA, Tomaso. **A Cidade do Sol**. São Paulo, Abril Cultural, 1978 e BACON, Francis. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza: nova Atlântida**. São Paulo, Abril Cultural, 1979. Col. Os Pensadores.

<sup>3</sup>LOPES, Luiz Carlos. **Projeto Brasília: Modernidade e História**. São Paulo, USP, 1992. Tese de Doutorado.mimeogr. p.11.

<sup>4</sup>MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. p. 268. Citado por LOPES, Luiz Carlos. op. cit. p.11

<sup>5</sup>HOLSTON, James. Entrevista à Folha de São Paulo, caderno MAIS, 25 de abril de 1993. p. 12.

<sup>6</sup>modernidade aqui está entendida dentro da visão dos grupos políticos que se assenhoram do poder em 1930, como progresso, o culto do novo e a rejeição do passado, como forma de inserir, cada vez mais, Goiás no cenário nacional.

<sup>7</sup>COELHO, Teixeira. **O que é Utopia**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

<sup>8</sup>Idem. p. 8.

<sup>9</sup>Paulo Augusto de Figueiredo, *Revista Oeste*, 1983.

# ASPECTOS DA CULTURA FRANCESA EM GOIÁS\*

*Maria Augusta Calado\*\**

---

## RESUMO

*A pesquisadora, ao reunir, cronologicamente, a influência da cultura francesa na cidade de Goiás, antiga Capital, sobre vários aspectos de sua formação, enfoca o seu poder salutar no contexto das épocas abordadas e seu desdobramento na tradição, em inúmeras áreas, tais como, costumes, formação intelectual e comportamento.*

---

**Palavras-chave:** *Cidade de Goiás, cultura, influência, França.*

---

As minas auríferas dos “Guayazes” foram encontradas em 1725; em 1727 foi fundado o arraial de Sant’Ana e em 1739 instalada a Vila Boa de Goiás, em homenagem ao seu fundador Bartolomeu Bueno, bandeirante audaz, filho do “Anhangüera”.

A povoação iniciada com a miscigenação do bandeirante (de origem portuguesa ou paulista), a “índia pega a laço” e o elemento negro tiveram seus costumes rigorosamente estruturados na cultura portuguesa, manifestados na arquitetura, mobiliário, prataria, culinária, festas paralitúrgicas, música popular, vestuário, etc.

Favoreceu a permanência da característica portuguesa o isolamento do sertão goiano, a distância e o difícil acesso que não incentivavam a penetração. Os habitantes que aqui se fixaram, afirmaram seus costumes conforme a mãe Pátria.

A cidade de Goiás, como capital, centralizava as figuras mais destacadas: Presidente da Província, magistrados, eclesiásticos, professores, militares. Progressivamente foram chegando funcionários públicos, provenientes da Corte, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Vários fatores, sucessivamente, foram ocorrendo e estruturando no povo goiano caracteres próprios que os leva a um conhecimento atualizado com a

---

\* Artigo publicado no jornal “Régards”, Alliance Française, nº 04, Brasil, dez. 1994.

\*\* Pesquisadora e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Corte e muitas vezes em posição de vanguarda.

Em 1792 foi criada por Dona Maria (a Louca), a Escola de Filosofia Nacional. Em 1799, estabeleceu-se o Correio da Província.

Em 1801, Dr. João Mascarenhas de Menezes criou o Horto Botânico, situado logo abaixo do atual Hotel Vila Boa. Esse Horto foi anterior ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro que data de 1811.

Entre 1804/1809, Dr. Francisco de Assis Mascarenhas incentivava a navegação do rio Araguaia e constrói uma fábrica de tecidos.

Em 1825 é fundado o Hospital São Pedro de Alcântara.

Em 1835 surge a Loja Maçônica “Asilo da Razão”, que foi essencialmente abolicionista.

Em 1837, o Governo compra as máquinas do “**Matutina Meiapontense**” (1830) e cria o primeiro jornal da capital goiana: “Correio Oficial”.

Em 1840, diplomam-se os primeiros estudantes nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Direito de São Paulo. O importante foi que os estudantes, concluindo o curso, sempre retornavam a Goiás e suas novas idéias e ideais concorreram sem dúvida para manter o espírito de desenvolvimento da velha Goiás.

O Lyceu foi criado em 1846.

A presença de intelectuais e artistas justifica a construção do Teatro São Joaquim, em 1850, e a fundação do Gabinete Literário, em 1864.

O Tribunal da Relação data de 1871, atraindo para cá novos magistrados procedentes das Escolas de Recife e do Largo São Francisco de São Paulo.

A cidade constituía-se de famílias de poucas posses, porém, que se preocuparam em desenvolver as qualidades morais e intelectuais de seus filhos.

Profundamente alicerçados na cultura portuguesa manifestada na tradição e hábitos, esse povo absorveu intensamente a cultura francesa que então dominava o mundo.

A passagem, em 1819, do naturalista francês A. Saint-Hilaire, observador além da flora, costumes e pessoas, é um dos primeiros contatos com a França.

Na velha Capital de Goiás falava-se fluentemente a língua francesa. Identificavam-se profundamente com os hábitos franceses, sua filosofia e o seu ideal de liberdade.

O sentimento de liberdade que a França expandiu pelos continentes ficou fortemente encastado entre as elevações da Serra Dourada. Um dos fatos mais curiosos que confirma essa assimilação e identificação, é que quando em 1822 chegou dois meses atrasada a notícia da Independência na antiga capital, o povo se reuniu na praça da “Liberdade” em frente ao Palácio Conde dos

Arcos e, com emoção e entusiasmo, cantou “**La Marseillaise**”, único canto que naquele momento poderia expressar o mais íntimo e aprisionado grito de independência e liberdade.

Era também “**La Marseillaise**” que encerrava as sessões abolicionistas do “Centro Libertador de Goiás”.

As estantes particulares colecionavam autores franceses.

O Gabinete Literário oferecia para leitura e consulta, livros em francês de medicina, direito, filosofia, botânica, mineralogia, religião, como também Rousseau, Emile Zola, Auguste Comte, A. Dumas pai e filho, Victor Hugo, entre outros. Nas reuniões desse Gabinete, mantinha-se o hábito de só se conversar em francês.

Os devotos liam diariamente em francês seus manuais de missa e hinários.

Os artistas goianos embasavam-se em livros franceses como os que vamos encontrar no inventário do grande escultor goiano, Veiga Valle (1806-1874): “um jogo de dicionário francês” e “um volume de gramática francesa”. Os livros de teoria musical e harmonia do importantíssimo mestre de orquestra e professor de música, José Marques Tocantins (1844 -1889), eram todos em francês.

Entre as peças apresentadas no fim do século no “Teatro São Joaquim”, muito apreciadas estão a do autor revolucionário Félix Pyat (1810 -1889).

Em 1889, chegam da França as irmãs Dominicanas que exerceram relevante papel na instrução e educação das moças goianas. Transportaram para Goiás sua cultura, aperfeiçoando o já falado francês, ensinando regras de etiqueta para o convívio social, introduzindo novidades em trabalhos manuais, lecionando desenho, pintura, teoria musical, solfejo e piano às suas alunas. Essas irmãs tanto se preocupavam com a instrução que mantiveram, no Colégio Santana, uma escola paralela que era gratuita.

A imprensa foi a formadora das idéias vilaboenses.

Os jornais desempenharam papel fundamental na difusão dos conceitos, das opiniões, do intelecto. Abraçaram campanhas autonomista, federativa, abolicionista e republicana.

Além de políticos, noticiosos, os jornais de Félix de Bulhões divulgavam a filosofia positivista de Auguste Comte, contribuindo expressivamente para o desenvolvimento da antiga capital. Publicavam e comentavam trechos de Flaubert, Zola, Daudet, Diderot, A. Dumas e outros.

Através de seus jornais, Félix de Bulhões propagou, com entusiasmo, as idéias do filósofo francês Saint-Simon (1825) que pensava reorganizar a sociedade e pregava que a mulher deveria ser igual ao homem na família, na Igreja

e no Estado. Esse pensamento veio reforçar e reafirmar a já existente posição da mulher vilaboense que se libertou dentro do próprio lar, através de ofícios e conseguiu impor-se no magistério, na música, teatro.

Vale ressaltar que precursoramente subiram ao palco do “Teatro São Joaquim”, desde 1886, época em que até na Corte as mulheres ainda não ultrapassavam a sala de jantar.

Participaram do movimento literário da cidade, escreveram verso e prosa e quando, em 1904, foi fundada, em Goiás, a Academia de Letras, elegeram, por unanimidade, para a primeira presidência, Eurídice Guimarães Natal.

Nos costumes habituais da cidade, realizavam bailes no Palácio Conde dos Arcos e nos salões residenciais, denominando-os: “Soirée rose” e “Soirée blanche”, aos quais as damas e “demoiselles” deveriam comparecer em trajés na cor rosa ou branca. Nesses bailes só era permitido falar em francês e as danças eram a “quadrilha francesa” e o “cotillon”, marcados em francês. Os cavalheiros eram inscritos nos “carnets de bal”.

O contato com o comércio estrangeiro era feito através dos “cometas”, chegando a mercadoria encomendada, em carro de bois ou através da navegação do rio Araguaia, aportados em Belém do Pará. Da França chegavam perfumes, rendas, “marron glacé”, ameixas, bonecas de louça e porcelanas de Sèvres em vasos ornamentais e “biscuits”. Marques Tocantins era o representante dos pianos Pleyel, Debain, Baudet, instrumentos de corda e sopro e músicas das editoras Alphonse Leduc, Henri Lemoine, que chegavam em Goiás.

A moda no vestir da então capital goiana era ditada pelos figurinos importados de Paris. Um alfaiate francês, Jacob Dinimi, que lá se instalara por volta de 1870, foi o oficial predileto para ternos e sobretudo.

As crianças assimilaram os cantos de roda franceses, cantando em grupo: “Je suis riche, riche, riche/ je m’en vais, m’en vais, m’en vais./ Je suis riche, riche, riche,/ je m’en vais d’ici”. Outro grupo de crianças respondia: “Je suis pauvre, pauvre, pauvre...”

Cantavam em francês as crianças da velha capital, como afirmou a historiadora Ofélia Sócrates do Nascimento, antes mesmo desta cantiga de roda abraçear-se, amalgamar-se na alma brasileira e ser hoje cantada no linguajar do povo: Eu sou rica, rica, rica,/ de maré, maré, maré,/Eu sou rica, rica, rica/ de maré descí...

Absorvida pelos vilaboenses com admiração e afeição, a cultura francesa não só inspirou o intelecto local, como arraigou-se no íntimo dos lares do passado, permanecendo para sempre os elos culturais franceses encastoados entre as elevações da Serra Dourada.

---

## ABSTRACT

### ASPECTS OF FRENCH CULTURE IN GOIÁS

*The researcher gathered chronologically the French cultural influence in the city of Goiás , the former capital of the state , in many aspects of its formation. By doing so , she emphasises the healthy influence in the context of the times . Also , she points out the development of the tradition of Goiás in many areas such as customs , intellectual background , and behaviour.*

---

**Keywords:** *Cidade de Goiás, culture, influence, French.*

# CONFRARIAS RELIGIOSAS COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA NOS SÉCULOS XVIII E XIX NAS MINAS DOS GOYAZES (IRMANDADES DE BRANCOS, PRETOS E MULATOS)\*

*Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães\*\**

---

## RESUMO

*O Autor, através deste resumo da introdução de sua obra "Memória das Artes na Capitania e Província de Goiás e Estados de Goiás e do Tocantins", (5 vols.) analisa a formação artística e cultural de Goiás e do Tocantins, a partir das irmandades religiosas nos séculos XVIII e XIX, chamando atenção para os núcleos populacionais primordiais, para onde se convergiram e determinaram os traços fundamentais da cultura do Centro-Oeste brasileiro, nas áreas de arquitetura (civil e religiosa), literatura, artes plásticas, teatro, música, mobiliário e ourivesaria, entre outros importantes aspectos, e sua persistência na atualidade.*

---

**Palavras-chave:** *Confrarias, religião, formação, cultura, artes.*

---

Não se pode estudar a sociedade colonial brasileira sem verificar a importância social motivada pela presença das irmandades. Estas associações religiosas determinarão um papel decisivo na formação de uma inteligência nacional, quando se pensa que o evoluir de nossas artes e de nosso pensamento foi, em grande parte, moldado pelo desenvolvimento e projeção do trabalho dessas associações de leigos, em que pesem o sentimento e o pensar do homem colonial, nos séculos que precederam a formação de uma cultura nacional. Essas primeiras associações civis foram responsáveis por algo vivo no cotidiano cultural da época vigente, tomando-se como base, pois, através delas e de seu tempo, todas as manifestações importantes, principalmente no desenvolvimen-

---

\* Comunicação apresentada no Congresso Internacional "América 92" Universidade de São Paulo (USP) - SP, 1992 e no Simpósio "América: 500 anos depois" promovido pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Goiás em 1992.

\*\* Poeta, escritor e pesquisador. Ex-Coordenador Cultural da Universidade Federal de Goiás e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

to das artes e da cultura popular, delas participaram como pontos de formação de núcleos culturais independentes e, através delas, moldaram seus traços regionais, da maior importância na cultura atual.

Essas associações de voluntários leigos, com fins pios e assistências, resumiam-se na Irmandade ou Confraria, a sua célula menor, podendo-se, em alguns casos, agruparem-se em Arqui-Confraria ou Arqui-Irmandade, dependendo do núcleo social colonial, fato este verificado nas Minas Gerais. Uma importante variante da primeira são as Ordens Terceiras.

Fundada sob antigas raízes dos primeiros tempos de Constantinopla e Alexandria, adquiriu sua feição como chegou a nós, no século XII, data da primeira irmandade conhecida: o Bispo Dom Odo, morto em 1208, fundava, em Paris, uma congregação leiga, sob a invocação de N. Senhora. Espalhada pela Europa, foi-nos trazida pelos primeiros povoadores como um traço cultural dos mais marcantes em sua tradição. Em 1432, aparecia em Portugal uma organização semelhante para implorar clemência pela peste na Cidade de Lisboa. Muitas outras irmandades foram surgindo, atingindo o seu ponto alto na Metrópole durante o século XVI.

Com o trabalho de catequese e das primeiras igrejas brasileiras surgem estas instituições de caráter privado (e, ao mesmo tempo, coletivo), que apesar de não terem sido criadas pela iniciativa oficial do Estado e da Igreja, na maioria das vezes, são profundamente fiscalizadas por eles e de maneira mais evidente, pelo poder real; afinal o Grão Mestrado da Ordem de Cristo, confundia e dominava, na prática, interesses laicos e eclesiásticos sob seu poder.

Gilberto Freire considera essas associações como uma das instituições mais importantes da América Portuguesa.

Aqueles dois pilares eram, na verdade, um só: o sagrado e o profano reunindo-se nas futuras etnias, cada qual contribuindo com seu peso e seu destaque. Aqui, entre nós, a ordem dos leigos foi mantida dentro da instituição religiosa maior, vigiada de perto pelo poder real, originando os contornos de uma associação que, por se encontrar vinculada à igreja portuguesa, vai sendo marcada pela ascensão do regalismo, cujos reflexos foram a intromissão do poder temporal na nomeação dos cargos eclesiásticos.

As irmandades, conforme vemos, formam estamentos importantes na sociedade do século XVIII. Essas reuniões pias, profundamente marcadas por seu caráter devocionário, terão suas ações no campo social reguladas pelas leis canônicas e pelas ordens reais, sob a proteção do Padroado, pois afinal, a partir de D. Manoel, era El-Rei, o Grão-Mestrado da própria Ordem de Cristo, que reunia este duplo poder em suas mãos.

Importantes são as relações decorrentes desse poder ao nível do tempo-

ral, para a devida sustentação econômico-financeira e social, tornando ambíguos aqueles pontos de contato, provocados pelo direito de soberania do Grão-Mestrado.

Entre outras, as questões dos dízimos eclesiásticos, das cômguas e das conhecenças, vieram provar o açambarcamento da Coroa na utilização indevida desses bens, motivando a secularização, pelo menos parcial dos primeiros, e criando problemas eclesiásticos e civis.

Sendo o Rei encarregado de prover o culto e sendo o Grão-Mestrado, o arrecadador dos dízimos eclesiásticos do Brasil, tinha o privilégio de poder utilizar o restante da renda desses dízimos recolhidos como aprovasse o Estado, muitas das vezes, abusivamente. Era de sua obrigação sustentar, com o recolhimento desses dízimos, a construção das casas de oração e o devido culto mantenedor, bem como a sustentação do clero e demais obras pias, sendo um importante fato que muito contribuiu para que o absolutismo controlasse de perto a própria Igreja em imantados laços temporais e eclesiásticos desse poder, o mesmo da Santa Sé.

Sendo a Irmandade uma propriedade coletiva, cujo caráter era perfeitamente estruturado e rígido em seus objetivos, de grupos reunidos em torno de inúmeros interesses de representantes de faixas sociais determinadas, no século XVIII, terminou sendo a responsável, por exemplo, pela construção da maioria das igrejas, além de auxiliar no culto religioso, por simples transferência de função do Estado para a representação laica, inserida nas várias camadas de organização civil.

Tal fato, entre outros, na história da arte em determinadas regiões brasileiras alcançaria grande repercussão, no sentido de serem provisionadas por irmandades pobres, cuja função, se não fosse negligenciada pela Coroa, motivaria, provavelmente, uma outra formação cultural. Mesmo assim, as Irmandades, mesmo as paupérrimas, haverão de ser veiculadoras da arte e da cultura locais de diferentes regiões brasileiras. Nas “Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, há uma observação especial quanto às irmandades. “... estas Confrarias he bem as haja em todas as Igrejas...”. (1)

Fato comum em toda a história colonial brasileira, a Confraria ou Irmandade foi a célula básica de organização civil e religiosa da sociedade.

As motivações do surgimento destas uniões foram sempre de ordem religiosa: os irmãos se congregavam ao Santo padroeiro ou de sua devoção, de sua crença cultural; estes santos protetores e vanguardeiros o são segundo a classe social estabelecida.

Divididas em dois grupos, as Irmandades podiam ser de devoção ou de compromisso. Como tal, em zona de mineração, condição especial no Brasil,

as minas dos Goyazes não fugiu à regra desta característica referida.

As Irmandade goianas surgem como conseqüência da invasão bandeirante e a formação de segmentos sociais que, agrupados, erigem as primeiras capelas, ermidas, ou igrejas maiores.

As tradicionais e pioneiras são as Irmandades do Santíssimo Sacramento, criadoras das matrizes. Em seguida, surgem outras, de brancos e, posteriormente, de pretos e mulatos.

Em nossa pesquisa encontramos 105 Irmandades nos séculos XVIII e sua extensão, às vezes, no século XIX. Muitas ficaram indefinidas em seus segmentos sociais, por falta de documentação.

Quanto aos negros, às vezes, são discriminados em Irmandades de “negros livres ou forros”, ou simplesmente, de pretos, ou, ainda referidos como da “infecta nação”. Os mulatos são definidos como pardos e, em alguns casos, de “pretos crioulos”, confundindo-se também com a designação geral de “pretos”.

Encontramos: Brancos (30%); Pretos (54%); Pardos (16%).

As Irmandades, reflexo da dinâmica das relações coloniais de dominação, em sua maior parte, eram divididas por flagrantes segmentos raciais. Em muitos casos, também não.

Esta divisão procedia-se através da riqueza e da dor da pele. Embora os mesmos valores os ligassem no plano do espírito, a matéria era submetida à sua quantidade e à sua qualidade. Negro e escravo eram uma mesma palavra.

No Brasil, em Irmandades mais antigas, prevaleciam mais a cor que o dinheiro, de uma maneira geral, ao contrário de Portugal.

Os brancos, nas Minas dos Goyazes (ou Guayazes), reuniam-se, por exemplo, nas Irmandades do S. Sacramento (as mais antigas), ou do Senhor dos Passos; os pretos, geralmente, nas de N. S. do Rosário e S. Benedito; os pardos, sob a proteção de N. S. do Livramento, Sta. Efigênia, N. S. do Carmo e N. S. das Mercês. Existiram, entretanto, inúmeros outros cultos devocionários, cobrindo as etnias.

Estas relações, entretanto, não podem ser generalizadas, apresentando inúmeras particularidades locais. As Irmandades do Santíssimo Sacramento só admitiam pessoa branca, suficiente e que não fosse cristão novo. As de N. S. do

Rosário dos Pretos admitiam todas as pessoas, sendo seu Protetor, Escrivão e Tesoureiro, em muitas das vezes, pessoas brancas. As pardas admitiam em seus quadros pessoas livres, e escravos sob condição, (permissão do senhor) também em alguns casos.

Ricas foram as do S. Sacramento como as de Vila Boa, Traíras e Meia Ponte; de grandes posses, como a Irmandade do Senhor dos Passos, de S. José do Tocantins e Traíras, ambas privilegiadas por dois papas consecutivos; po-

bres como as Irmandades de N. S. do Rosário e S. Efigênia e S. Benedito.

Nas minas dos Goyazes não se registrou a presença de Ordens Terceiras e Arqui-Irmandades, bem como conventos, proibidos que foram pela jurisdição das minas.

A não ser uma espécie de filial da Ordem Terceira de S. Francisco de Ouro Preto dos Hospícios dos Esmolerês de Terra Santa, de Meia Ponte e Trairas, não se observa aqui o esplendor das terceiras mineiras.

Nos Goyazes, as Irmandades de brancos foram as primeiras a serem estabelecidas em decorrência da própria experiência portuguesa nas relações do Mestrado da Ordem de Cristo. Aqui aparecem como o levantamento das primeiras capelas. Constitui-se um fenômeno já urbano, agregativo. Não são encontradas nas zonas das roças, a não ser que o dono da fazenda, reunida sua grei, por alguma graça ou por devoção a um santo qualquer, mantenha o culto em sua casa em alguma capela, ou oratório particular. Como devoção, apenas.

As irmandades, de um modo geral, são o indicativo da acomodação dos segmentos sociais ao longo de sua história, relações estas, às vezes difíceis, mas sempre explicativas.

Nas minas dos Goyazes as irmandades foram regidas pelos mesmos anseios de suas congêneres brasileiras e, sob o ponto de vista organizativo, seguiram os princípios da Coroa portuguesa, também dona do Mestrado da Ordem de Cristo.

Os brancos são também cidadãos portugueses, vindos de vários pontos do Reino, de díspares profissões. Também de vários pontos das demais Capitânicas, os segmentos de várias raças terminam por se juntar nas minas.

São paulistas, emboabas e forasteiros aventureiros, mineiros, baianos e pernambucanos; índios, curibocas, bantus; “fulos”, pretos crioulos e bastardos; cuiabanos, negros da nação Mina e de Angola, cafusos, maranhenses e paraense. Brancos do Minho, do Douro, de Alavres, Trás-os-Montes, Extremadura, Lisboa, Braga, Porto

São também aristocratas, agricultores, altos funcionários, mercadores, comerciantes, artistas, artífices, padres, professores, vadios, degredados e aventureiros sem profissão definida em busca da fortuna nas regiões de mineração.

Os negros relativamente se reúnem cedo nas minas dos Goyazes. Seja qual for a data de redescobrimto destas minas, fim de 1725, ou começo de 1726, nove ou dez anos após, em 1734, já estava ereta a Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos em terras goianas. O exemplo demonstra quase imediata organização da sociedade, com período de existência legal da congregação dos pretos, próxima à faixa de organização dos brancos, sem, entretanto, oferecer a experiência natural e anterior dos arraiais mineiros em outras capitânicas.

No início de exploração da terra em busca do ouro, em 1736, a escravaria correspondia a 79% da população, taxa que vai caindo ao longo do final do século XVIII, paulatinamente, até meados do século XIX, acompanhando a curva de decadência econômica e a transição para a agricultura e pecuária.

Quarenta e sete anos após, em 1783, esta taxa, só na Freguesia de Vila Boa, correspondia a 57,4%; e um ano depois, em 1804, a escravaria girava em torno de 40% da população dos Goyazes, havendo apenas 10% de brancos e metade da população era composta de mulatos.

As Irmandades de brancos sofrem também a influência do reflexo econômico em sua permanência como instituição.

Em plena exploração aurífera, com mais fartos bens, às vezes, ou favorecida por grandes esmolas, permaneceram as Irmandades do Santíssimo Sacramento como as mais representativas deste período, em vários lugares das minas goianas.

As primeiras vão se perdendo, gradativamente ao longo do século XVIII, embora permaneçam, de modo geral, até cerca da metade do século XIX. São frutos da incipiente riqueza, resplandecendo rápido com ela, embora mantendo o traço religioso em suas festas por mais tempo. À medida que se instala a decadência das minas, há o surgimento da recente burguesia urbana, ainda fraca, em faixas econômicas de acomodação social, além da efetivação do comércio e das relações ditas urbanas, acentuando-se as Irmandades do Senhor dos Passos, por se tornarem as mais destacadas.

Em Goiás, em alguns poucos lugares, os abastados donos da terra, geralmente os pioneiros, construíam suas casas de oração dentro do perímetro dos arraiais ou no cercado de suas roças, para sua especial devoção.

Por outro lado, não era raro um Irmão pertencer a mais de uma irmandade, dependendo do lugar abordado, tendo em vista sua obrigação econômica, em meio à grande privação da era colonial.

Com o declínio, em importância, as fileiras das Irmandades do Senhor dos Passos absorvem os irmãos de algumas outras, buscando representação social.

Com a progressão dos descobertos das minas e instalação dos arranchamentos e primeiros núcleos mineradores, aproximadamente, em 23 anos (1734 a 1755), surgiram com mais intensidade as irmandades de pretos livres. Entretanto, a partir de 1760, em sua segunda fase, em que partem para a construção de capelas próprias, a maioria das vezes inacabada, adentram-se no século XIX.

É interessante notar que, em Goiás, com poucas exceções, como por exemplo, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Trairas, a matriz pioneira não agrupa os demais segmentos raciais de representação. As matrizes, por

exemplo, de Vila Boa e do Arraial de Meia Ponte, duas das mais importantes igrejas das minas goianas, não congregam sob seu teto as Irmandades de pretos e pardos.

Cerca de 1749, os homens pardos já estavam se organizando em Vila Boa. Nos demais lugares, os pardos se organizam, de fato, em torno de Irmandades, principalmente nas três últimas décadas do século XVIII, aproximadamente. Ocupando metade da população, em 1804, vinte anos após atingem a cifra de 56% do global.

Em Goiás são poucos exemplos de capelas próprias, de particulares. Com alguma exceção, a decadência das lavras não permitia tal luxo. Com a efetiva afirmação das Irmandades de N. S. dos Passos, principalmente em Vila Boa, Pilar, Trairas, S. José do Tocantins e Natividade, as melhores representantes, “os irmãos brancos”, geralmente os de maior projeção social destes lugares não constróem, porém, suas igrejas próprias. Não se despregam da Matriz, cujas irmandades principais e pioneiras são as do S. Sacramento. Destacam-se, no máximo, do corpo arquitetônico da matriz para construírem anexos à estrutura da mesma, surgindo as chamadas “capelas fundas”, ricas e ornamentadas.

Sendo a irmandade uma associação regida por Estatutos ou Compromissos, os irmãos de Mesa, juntamente com seu Provedor, Escrivão, Tesoureiro e Procurador eram os responsáveis pela contratação da mão-de-obra

local, planta de suas igrejas e pelo risco de seus retábulos, imaginária, alfaias e paramentos, tudo dependendo do gosto e da escolha coletiva, pois votavam em reunião a aprovação deste ou daquele plano de construção ou feitiço de altar e coro, exceção feita às Matrizes. No caso destas últimas matrizes, sob o ponto de vista da arquitetura religiosa, à exceção da Capela Mor, que era construída às expensas da Fazenda Real, o corpo das naves, frontispício e torres, além dos demais altares colaterais, ficavam a cargo das Irmandades, que, por sua vez, concorriam para a sua construção e ornamentação.

Em alguns casos, como por exemplo, a Irmandade de S. Sacramento de Meia Ponte, possuía muitos de seus artífices (carpinteiros, marceneiros, telheiros, etc. ) dentro de seus próprios quadros.

A mesa da Confraria escolhia os artífices mais capazes para a realização dos projetos, evidentemente de acordo com suas posses, discutia-os, apresentava novos riscos, dependendo de sua cultura ou influenciado pela lembrança de sua terra distante.

Meia Ponte, reduto pioneiro de portugueses, em sua formação, onde em meados do século XVIII os irmãos do Santíssimo pediam o “novo” na concepção do altar mor da matriz, trouxe elementos de composição em seu retábulo de concepção híbrida, mas de gosto arquitetônico, quando a mão de obra dos enta-

lhadores rareia e substitui os florões barrocos pela pintura entre os dos vãos, misturando e adaptando estilos vários e tardios.

A carência dos entalhadores e ensembladores provoca o aparecimento da união de antigas formas e adaptações, quando a sanefa recortada reproduz em silhueta o volume absorvido do adorno barroco. Ao nível das janelas e portas o desenho e a proteção dos mesmos aparece na recortada aba dos bancos dos consultórios e das varandas das casas particulares, bem como nos móveis, especialmente estantes e mesas, quando o torneado já aparecera no mobiliário cerca de 1754, nas minas goianas.

As construções paroquiais, especialmente as matrizes, apresentam aspectos dignos de nota. As primeiras capelas na formação dos lugares, dentro da economia da mineração, foram construídas pelos primeiros habitantes ou descobridores, muitas vezes sem consentimento da Coroa, numa primeira instância. Por aumento de população, notoriamente migrante, já não cabendo nestas casas de oração primitivas, ou por deterioração do tempo, foram construindo novas igrejas nos lugares das antigas. O caso da Catedral de Vila Boa é interessante no sentido de assinalar aquelas relações entre a comunidade e os poderes civil e eclesiástico. Sem autorização da Mesa de Consciência e Ordens, demoliu-se, em 1743, a primitiva igreja de N. S.<sup>a</sup> Santana e, em seu lugar, erigiram uma outra, com planta local. Apesar das reclamações da Coroa, quando a nova planta, feita em Lisboa, chegou em Vila Boa, a construção já estava adiantada, ao nível das cimalthas. Por questões de mão-de-obra escassa e, muitas vezes, de má qualidade, ou da qualidade dos materiais empregados e seus sistemas construtivos, ao nível arquitetônico, mostram, na prática, os locais de desmoronamentos de construções de longa demora, dando-se, por exemplo, na união do arco-do-cruzeiro, isto é, capela mor e nave, bem como ao nível dos frontispícios e torres. A Capela Mor era ereta com recursos da Fazenda Real; a nave, os frontispícios e torres, na maioria das vezes, pelo povo e pelas Irmandades.

Os sistemas construtivos, baseados na tradição luso-tropical, são híbridos, mas, na maioria dos casos são comuns, regionalmente falando. O uso do pau-a-pique e dos "taipais", reforçados com os mais variados aderentes, são encontrados na maioria dos exemplos. O adobe e as construções de pedra são observadas com menor frequência, e mais, no norte.

Quando à armação dos telhados, as "pernas de Às", anteriores à introdução da "mão francesa", são encontradas em todas as igrejas primitivas das minas dos Guayazes.

Os retábulos, grande parte de origem híbrida ou de transição, a maioria ao gosto arquitetônico, com elementos românicos na moldura da arquivolta, ostenta, de maneira rara, um D. João V autêntico e uma única mostra do estilo

D. Maria I.

A imaginária, provinda das escolas dos irmãos, bem como as alfaias, provêm, no primeiro momento, de Portugal e, a partir de meados do século XVIII, da fábrica da Bahia, principalmente, as de grande e médio tamanhos.

Embora com escassos escultores e imaginários, a Capitania (e depois Província) de Goiás terá, embora tardiamente, uma especial revelação na presença do escultor e encarnador José Joaquim da Veiga Vale (1806 - 1874), que nos legou a síntese dos propósitos escultóricos de uma época anterior, sendo o mais importante mestre surgindo neste período.

Dotados de senso das proporções dos volumes, embora com planejamento acomodado, suas imagens, com cânones bem definidos e harmoniosa relação de cores, mostra que este criador de numerosas peças, notadamente de tamanhos médio e pequeno, foi o mais procurado santeiro da região das minas goianas, notabilizando-se como um dos mais excelentes encarnadores de que se tem notícia. Esta figura singular, ao nível escultórico e pictórico, natural de Meia Ponte, que era Irmão da Irmandade do Senhor dos Passos, da antiga Vila Boa dos Goyazes, substitui, por outro lado, a demanda das encomendas das fábricas de Portugal e da Bahia, marcando de maneira indelével as características da imaginária local.

Os estilos tardiamente se misturam e se adaptam às condições e ao gosto da época, mesmo no menor arraial, onde a coluna compósita pode se assentar em mênulas ornadas com anjos de feições indígenas e de execução primária na proporção dos volumes.

No campo musical foi inigualável a contribuição das mesas constituídas das Irmandades. Todo o culto mantenedor e devocionário sempre foi acompanhado de música.

A formação dos coros, em todas as matrizes ou capelas próprias, foi de grande importância. Mesmo com o esforço pecuniário no levantamento das igrejas, arrastando-se longos anos, as Mesas destinavam permissão para os festejos das devoções mais caras, como a Semana Santa, Corpus Christi, N. S.<sup>a</sup> da Conceição e mais Santos padroeiros dos arraiais, sempre acompanhadas de músicas e coro. Cerimônias especiais, com Te Deum e participação ativa das vozes e conjunto básico (especialmente as 4 rabeças e 1 ou 2 rabeções) são comprovados documentalmente desde o primeiro quartel do século XVIII. As irmandades negras testemunham também a sua ação coral, estabelecida desde 1734. Muitos músicos pertenciam a estas irmandades.

Outras vezes, Provedores e Vigários, além de Irmãos, eram artistas e artífices, apresentando “riscos”, compondo músicas e ensaiando peças teatrais.

A música das igrejas misturava-se à música dos saraus por intermédio

dos mesmos executantes. Depois de um Te Deum, seguia-se, infalivelmente, de um sarau, com recitação de peças musicais, comprovadamente desde 1773.

Alguns nomes como o de José Joaquim Pereira da Veiga (1772 - 1840), vigário da Vara, e seu pai português, Custódio Pereira da Veiga (1728 - 1778), residentes em Meia Ponte, testemunham a formação comprovada de uma orquestra, fundada no final do século XVIII, ativa durante duas décadas no século XIX, com a execução de peças portuguesas e demais européias, bem como composições da lavra do primeiro nome referido. A presença da música nas igrejas e fora delas, nas manifestações profanas do calendário litúrgico, permanecem como resíduos setecentistas adentrando-se no século XIX e favorecendo a tradição.

O melodrama, o correspondente expressivo do barroco no teatro, foi largamente representado em todo o Brasil colonial, permanecendo na tradição das terras goianas até a atualidade.

No último quartel do século XVIII acentuam-se as representações dramáticas, em vários núcleos populacionais da Capitania, sempre acompanhando o calendário religioso ou outras cerimônias especiais e de grande agrado do povo.

Os mesmos músicos e artífices, reunidos sob a proteção das confrarias, embora corporativistas em muitos lugares, não adquiriram nas minas goianas tal exclusividade.

São eles que, por outro lado, planejam, ensaiam e executam os dramas musicados, as famosas “óperas” ou as comédias ou “entremezes”.

As grandes representações européias, não só de Portugal, mas de outros centros importantes, principalmente da Itália e Áustria, terão continuidade através dos tempos até os dias de hoje, na cidade de Pirenópolis, antiga Meia Ponte, através destas encenações, anualmente, por mais de dois séculos.

Dos 26 melodramas atribuídos a Pietro Metastasio, 43,2% deles foi ali representado, bem como a maioria das peças de Antônio José da Silva, o Judeu, com originais musicais que, apesar de tardiamente executados, foram compostos por Handel, Hasse, Jommellin, Piccinni, Cherubini, J. C. Bach, Gluck, Vivaldi e outros e, entretanto, foram também musicados por autores locais, como o Pe. Veiga, que musicou obras de Antônio José da Silva, o Judeu, e o poeta Florêncio Antônio Gostrom, natural de Trairas, as obras de Metastasio. Observa-se, também, a presença de Pleyel, Bach, Handel, em composições sacras e profanas.

A música portuguesa seiscentista pode ser observada na presença de Fr. Manoel Elias, ao nível da música sacra e coral, no final do século XVIII.

A incipiente literatura adquire através das oitavas antigas, tardiamente

utilizadas, o contorno expressivo de parcos poetas que versejaram, como o referido Gostrom e, de maneira especial, Antônio Ferreira Dourado, que executou o poema heróico “América” em oitava rima, confiscado na intervenção inquisitorial em 1761, nas minas goianas, em Vila Boa, cujos originais se perderam.

A redação dos “proêmios” ou “introduções” dos Compromissos das Irmandades, em vários casos, de boa lavra, é um exemplo de uma proto-literatura. A presença do “cordel”, por outro lado, veicula a poesia e muitos dos textos teatrais, melodramas e entremezes, aparecem nas edições em meados do século XVIII em diante, à feição da poesia cordelista, já livremente traduzidos e adaptados, conforme o gosto do tempo, sendo cantados e interpretados através de árias, duetos e trios, entremeados por longos recitativos.

Nas festas dos negros e pardos, cuja simbologia própria vai sendo invadida pela presença dos brancos, com o correr dos anos, elementos da cultura africana aparecem na expressão de certas danças populares, com o “bataque” e olundu, o primeiro proibido de manifestar-se, no primeiro quartel do século XIX.

Organizadas pelos Irmãos, as festas populares acompanham-se de manifestações paralelas à comemoração sacra propriamente dita, às vezes pomposas, como aquelas organizadas em 1773 por ocasião da chegada de D. José de Almeida Soveral e Vasconcelos, governador da Capital.

Observaram-se em quase todos os lugares, Te Deum, saraus, vários óperas e comédias, representadas em teatros e em praças públicas (os chamados “barrações”), bem como cavalhada, “encamisadas”, cujos resíduos expressivos encontram-se nos “mascaradas”, nos “batalhões” de Carlos Magano e outras manifestações comemorativas daquele período, como, por exemplo, na festa do Divino Espírito Santo.

Em determinados lugares, como Vila Boa, S. José do Tocantins, Pilar, Meia Ponte, Trairas e Santa Luzia, as solenidades da Semana Santa sempre foram acompanhadas de grande pompa, mesmo em que se pese a pobreza da Colônia, principalmente nas minas goianas, durante a decadência.

Canto, execução musical, representações próprias do calendário, como a teatralização dos mistérios e vidas de santos, o descendimento da cruz, etc. combinam-se para acentuar ainda mais as relações intrincadas e, às vezes, difíceis, do profano e do religioso.

Textos teatrais e partes musicais, vistas sob o ponto de acervo das instituições culturais, foram trocados e permeados entre os vários pontos da Capitania, fortalecendo a difusão cultural, que acentuou a persistência destes traços culturais misturados e adaptados, sempre tardios, mas que permanecem, até os

dias de hoje, como algo relevante de um processo sócio-cultural que ali, nas minas dos Goyazes, se instalou, adentrando-se no século XIX, quando o ouro escasseou de vez e a economia desviou-se para a agricultura e a pecuária, permanecendo-se, entretanto, a ilusão do fausto.

---

## ABSTRACT

### RELIGIOUS CONGREGATIONS AS AN ARTISTIC EXPRESSION IN THE EIGHTEENTH AND NINETEENTH CENTURIES IN THE MINES OF THE "GOYAZES" (WHITE, BLACK, AND MULATTO BROTHERHOODS)

The author, through this summary of the introduction of his work "Memória das Artes na Capitania e Província de Goiás e Estados de Goiás e Tocantins" (5 vols.), analyses the artistic and cultural background of Goiás and of Tocantins based on the religious brotherhoods in the eighteenth and nineteenth centuries. He calls attention to the primordial population centres where the religious congregations went and established the fundamental traits of the culture in the Centre of Brazil in the areas of architecture (civil and religious), literature, arts, theatre, music, furniture, and goldsmithery.

---

**Keywords:** brotherhoods, religion, formation, culture, arts.

---

## NOTA

1. VIDE, Sebastião Monteiro da, **Constituições do Arcebispado da Bahia, aprovadas no Sínodo de 1707**, São Paulo, Typographia 2 de Dezembro, 1853.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES PRIMÁRIAS

Tendo em vista a extensa relação das fontes primárias (manuscritas e impressas), listamos apenas os acervos utilizados, onde elas são encontradas:  
Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)  
Biblioteca Nacional (Lisboa)  
Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)

Arquivo Histórico Estadual (Goiânia)  
Museu das Bandeiras (Cidade de Goiás)  
Fundação Educacional da Cidade de Goiás  
Universidade Federal de Goiás / Biblioteca Central (Goiânia)  
Museu da Boa Morte (Cidade de Goiás)  
Loja Maçônica Azylo da Razão (Cidade de Goiás)  
Arquivo Público do Estado da Bahia (Salvador)  
Arquivo Público de Minas Gerais (Belo Horizonte)  
Gabinete Literário (Cidade de Goiás)  
Arquivo Sebastião Pompeu de Pina (Pirenópolis)  
Arquivos eclesiásticos da Cidade de Goiás, Pirenópolis, Silvânia, Uruaçu, Niquelândia, Tupiraçaba, Luziânia, Arraias, Pilar, Anápolis.  
Arquivos cartoriais da Cidade de Goiás, Pirenópolis, Niquelândia e Silvânia.

### FONTES SECUNDÁRIAS

- ALENCASTRE, José Martins Pereira, **Anais da Província de Goiás**, SUDECO/Governo de Goiás, 1979.
- ANTONIL, André João, **Cultural e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas**, São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro, **Memórias Históricas do Rio de Janeiro**, 10 vols., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945.
- ÁVILA, Affonso, GONTIJO, João Marcos Machado & MACHADO, Reinaldo Guedes, **Barroco Mineiro - Glossário de Arquitetura e Ornamentação**, São Paulo, Companhia Editora Nacional/Fundação João Pinheiro/Fundação Roberto Marinho, 1980.
- ÁVILLA, Affonso, **O Lúdico e as projeções no mundo barroco**, São Paulo, Editora Perspectiva, 1871.
- AZEVEDO, Fernando de, **A Cultura Brasileira**, São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- BARDI, P. M. **Mestres, artífices, oficiais e aprendizes no Brasil**, Banco Sudameris Brasil S. A.; 1981.
- BAZIN, Germain, **Histoire de l'Art**, Paris, Massin, 1953.
- BAZIN, Germain, **L'Architecture religieuse baroque au Brésil**, 2 vols., Paris, Plon, 1956.
- BOSI, Alfredo, **História concisa da literatura brasileira**, São Paulo, Cultris, 1970.
- BOXER, C.r., **A idade de Ouro do Brasil**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963.

- BRASIL, Americano do, **Súmula de História de Goiás**, Goiânia, DEC, 2ª ed.
- CARDOSO, Manoel da Silveira, **As irmandades da antiga Bahia**, São Paulo, Revista de História/USP, vol. XLVII, nº 95, 1973.
- CARVALHO, Ayrton; FILHO, Godofredo; COSTA, Lúcio; SAIA, Luís & ANDRADE, Mário, **Arquitetura Religiosa**, Textos escolhidos da Revista do IPHAN, MEC, 1978.
- CASAL, Aires de, **Corografia Brasilica**, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1976.
- CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ - 1832-1837, Arquivo Histórico do Estado de Goiás.
- D'ALINCOURT, Luiz, **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá**, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1975.
- ETZEL, Eduardo, **O barroco no Brasil**, São Paulo, Melhoramentos, 2ª ed., 1974.
- \_\_\_\_\_ **Arte Sacra-berço da arte brasileira**, São Paulo, Melhoramentos, 1984.
- FREYRE, Gilberto, **Some aspects of Social Development of Portuguese América**, in Charles C. Griffin, **Concerning Latin American Culture**, New York, 1940.
- GARDNER, George, **Viagens ao Brasil (1836 - 1841)**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1949.
- GOULART, Maurício, **Escravidão africana no Brasil**, São Paulo, Martins, 1949.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de, **História Geral da Civilização Brasileira**, 4 vols., São Paulo, Melhoramentos,
- JAYME, Jarbas, **Esboço Histórico de Pirenópolis**, 2vols., Goiânia, UFG, 1971.
- \_\_\_\_\_ **Famílias Pirenopolinas**, 5 vols., Goiânia, Gov. de Goiás, 1973.
- JUNIOR, Augusto de Lima, **A Capitania das Minas Gerais**, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1978.
- LANGE, Curt, **História da Música nas irmandades de Vila Rica**, vol., I, Belo Horizonte, Publicação do Arquivo Público Mineiro, 1979.
- LEITE, Serafim S. J., **História da Companhia de Jesus no Brasil**, Lisboa, 1938.
- LEMES, Pedro Taques de Almeida Paes, **Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania**, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1980.
- MACHADO, Lourival G., **Barroco Mineiro**, São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.
- MATTOS, Raymundo José da Cunha, **Chorographia Histórica de Goyaz**, Goiânia, SUDE/Governo de Goiás, 1979.
- NOIVAIS, Fernando A., **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema coloni-**

- al (1777-1808), São Paulo, Hucitec, 1979.
- NOVINSKI, Anita Waingort, **Inquisição - Inventários de bens confiscados e cristãos novos - Fonte para a História de Portugal e do Brasil** (Brasil - século XVIII), Lisboa, Imprensa Nacional, sem data.
- OLIVEIRA, Oscar de, **Os dízimos eclesiásticos no Brasil**, Belo Horizonte, UFMG, 1964.
- PALACIN, Luiz, **Goiás 1722/1822 - Estrutura e Conjuntura numa Capitania de minas**, Goiânia, DEC/SEC, 1972.
- \_\_\_\_\_ **Sociedade Colonial, 1549 a 1599**, Goiânia, Editora da UFG, 1981.
- POHL, Johann Emanuel, **Viagem no interior do Brasil**, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1978.
- RABELLO, Luiz Francisco, **História do Teatro Português**, Publicações Europa-América, 2ª ed., 1972.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de, **Viagem à Província de Goiás**, Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1975.
- SALLES, Fritz Teixeira de, **Associações religiosas no ciclo do ouro**, Belo Horizonte, UFMG, 1963.
- SCARANO, Julita, **Devoção e Escravidão**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- SOUTHEY, Robert, **História do Brasil**, 6 vols., Rio de Janeiro, Garnier, 1962.
- SOUZA, J. Galante de, **O Teatro no Brasil**, Rio de Janeiro, INL, 1960.
- SOUZA, Luiz Antônio da Silva e, **Memória Estatística da Província de Goyaz**, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1832.
- \_\_\_\_\_ **Memória sobre o Descobrimento, Governo, População e Cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz**, in Revista do IHGB, nº 16, 4º trimestre, 1849.
- TAUNAY, Affonso de E., **História Geral das Bandeiras Paulistas**, 3 vols., São Paulo, Melhoramentos/MEC, 1975.
- TRINDADE, José, **Lugares e Pessoas**, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1948.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de, **História Geral do Brasil**, 3 vols., São Paulo, Melhoramentos, 1978.
- VIDE, Sebastião Monteiro da, **Constituições do Arcebispado da Bahia, aprovadas no Sínodo de 1707**, São Paulo, Typographia 2 de Dezembro, 1853.

## JORNAIS

- A MATUTINA MEIAPONTENSE (1832 a 1833), 3 vols., Goiânia, SUDECO, 1979.
- CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ - (1832 - 1837) - Imprensa Official, Goiás.

## TRABALHOS INÉDITOS

ARTIAGA, Zoroastro, **Anotações sobre a Igreja Goiana**, manusc., Goiânia, Arquivo Histórico do Estado de Goiás.

MAGALHÃES, Carlos Fernando Filgueiras de, **Memória das Artes na Capitania e Província de Goiás e Estados de Goiás e do Tocantins**, 5 vols., Goiânia.

# A BAGAGEM HISTÓRICA DE CORUMBÁ DE GOIÁS

Ramir Curado\*

---

## RESUMO

*Neste presente artigo o pesquisador levanta a bagagem histórica de Corumbá, Goiás, um dos núcleos culturais mais importantes do Estado, desde o século XVIII até a atualidade, demonstrando através da genealogia de suas primeiras famílias, o esforço de construção e assentamento do homem à terra, após o ciclo aurífero e sua passagem para a agricultura. Analisa, também, os aspectos de uma cultura surgida no longínquo Corumbá, terra natal de escritores e artistas de renome nacional.*

---

**Palavras-chave:** *Corumbá, história, pioneiros.*

---

O viajante que seguindo pela Estrada Real deixava Corumbá rumo a Meia Ponte deparava a certa altura com uma imponente fazenda, cujo nome derivava do ribeirão que banhava as suas terras férteis: Bagagem. E se este peregrino conhecedor da hospitalidade goiana resolvesse ali pernoitar, poderia ouvir à luz do lampião e entre um golpe e outro café ali mesmo produzido e torrado, a história dessa fazenda que aqui narraremos até a atualidade.

O primeiro proprietário do Sítio da Bagagem foi, segundo a tradição, o Sargento-Mor Antônio José de Campos. Nascido nos primórdios do século XVIII na Freguesia de Santo André da Vila de Castelo de Ferreira de Avis em Portugal, aos trinta anos de idade ele deixou o lar de seus pais, Antônio de Abruñosa e Isabel de Almeida para “fazer-se ao mar”, indo em busca das ricas jazidas auríferas cujo roteiro recebera dos irmãos Mafra e que se situavam no interior do Brasil, na bacia de um rio que os nativos da terra chamavam de “Corumbá”. Tendo chegado ao distrito corumbaense provavelmente em 1734, pouco tempo depois Campos descobriu ouro no Ribeirão Bagagem, tributário do Corumbá, junto ao qual erigiu uma casa residencial de “3 lanços” e “4 águas” e que media aproximadamente 18 metros de frente por 25 metros de lados em cujas paredes a de pau-a-pique haviam portas de gonzo que tinham 2,30 metros de altura, tendo edificado também as senzalas para os cativos.

Defronte a casa-grande Antônio José instalou um engenho movido à

---

\* Historiador e Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

tração animal, uma vez que ali dos garimpos de ouro, ele possuía nesse sítio uma plantação de cana-de-açúcar como atividade econômica suplementar. Aliás, a tradição afirma que Antônio José era um empresário extremamente dinâmico, levantando sempre de madrugada para dirigir as suas múltiplas atividades. O Sargento-Mor possuía um físico atlético, uma vez que passava parte considerável do dia cavalgando seus cavalos indo de uma propriedade para outra já que chegou a possuir 28 garimpos de ouro, sendo 26 no Distrito de Corumbá e 2 em outros pontos do Julgado de Meia Ponte, um dos quais no longínquo Rio do Peixe.

Antônio José Campos possuía cabelos loiros, barba ruiva e olhos azuis, medindo 1,90 metros de altura, denotando-se claramente a sua ascendência visigótica. Dono de um caráter enérgico, poder bondoso, suas atividades eram sempre conciliatórias. Seus escravos eram todos batizados, e recebiam os últimos sacramentos no fim da vida, não havendo amasiados entre eles. Tendo erguido às suas custas a Capela de N. S. do Bonfim em Meia Ponte, para ela trouxe a imagem de Cristo crucificado vinda da Bahia juntamente com a imagem de N. S. da Penha de França que doou para a capela de Corumbá.

Também em seus sítios preferidos Campos tinha suas capelas particulares. Eram eles o Sítio do Córrego Euzébia (Tapera Grande), o Sítio do Buraco, o Sítio Cachoeira do Corumbá (Salto) e o Sítio da Bagagem. O oratório desse último tinha um altar de madeira em forma de uma pirâmide de degraus cortada verticalmente ao meio, no qual ficaram diversas imagens entre as quais duas merecem destaque. A primeira delas é a de N. S. da Conceição que possuía policromia em ouro que, segundo o Pe. André Wingen, possuía “uma anatomia característica do alto barroco apresentando um conjunto muito harmonioso, devendo ser proveniente das escolas de escultura mineira”. Isto nos leva a crer que tal imagem deve ter pertencido à sogra de Antônio, dona Maria Cerqueira D’Assunção, que era natural da Freguesia de N. S. da Conceição de Congonhas, Bispado de Mariana, Minas Gerais e que chegou a Meia Ponte ainda criança em 1732 junto com seu pai o tenente Clemente da Costa e Abreu, um dos primeiros moradores da solo meiapontense. A outra imagem de grande valor existente nesse oratório era a de Santo Antônio de Lisboa, um dos padroeiros onomásticos de Antônio José. Esculpida em madeira e de tamanho pequeno ela era guardada em uma caixa de madeira cilíndrica que lhe servira de embalagem durante a longa viagem de Campos da sua aldeia até o Distrito de Corumbá.

Antônio casou em 1756 com Ana Timótea Curado, filha do tenente José Gomes Curado e irmã de Joaquim Xavier Curado então com 10 anos de idade. Joaquim ingressou depois na carreira militar e o foi o primeiro goiano a con-

quistar o generalato, tendo ocupado diversos cargos públicos importantes como o de governador e de deputado por Santa Catarina. Xavier Curado teve ainda atuação de independência do Brasil e recebeu o título de Conde de S. João das Duas Barras. Antônio José e Ana Tiveram 12 filhos um dos quais - Jeronymo José de Campos - manifestou ainda criança vocação para o sacerdócio, sendo por isso enviado para um seminário em Portugal. Porém, quando já cursava teologia ele resolveu vir até Goiás para despedir-se de sua família já que pretendia ingressar na vida monástica em Portugal. Chegando em Meia Ponte acontece-lhe de ficar conhecendo uma moça chamada Bárbara Maria da Silva, filha do Capitão João da Silva Ribeiro, por quem se apaixonou e desistindo de sua vocação sacerdotal com ela se casou no dia 30 de maio de 1787 na Igreja de N. S. do Rosário de Meia Ponte. Tinha Jeronymo 19 anos de idade e Bárbara 17 anos.

Jeronymo escolheu o Sítio da Bagagem como sede principal de seus negócios e apesar de ter vivido na fase de decadência da mineração também dedicou-se a essa atividade. Tendo herdado do pai não só as características físicas - era alto, loiro e de olhos azuis - mas também o modo de agir equilibrado e as atitudes morigeradas e conciliatórias, é natural que tenha conseguido igualmente ser bem sucedido nos empreendimentos econômicos. Jeronymo possuía uma tropa com a qual importava mercadorias adquiridas no nordeste e no leste brasileiro, dedicando-se também, à semelhança de seu pai, ao comércio, demonstrando nas suas atividades econômicas o seu bom senso administrativo. Na Bagagem, Jeronymo José manteve as plantações de cana e a produção açucareira e, ao que tudo indica, a produção aurífera só que em menor escala.

Com a morte de Antônio José de Campos ocorrida a 3 de junho de 1795, o Sítio da Bagagem passou a pertencer de direito a Jeronymo. Antônio faleceu ainda lúcido aos 90 e poucos anos de idade, sendo seu corpo sepultado na Capela de N. S. do Bonfim. Na década subsequente o Sítio da Bagagem continuou a prosperar estando possivelmente no rol dos imóveis rurais exportadores de produtos agro-pastoris para outras localidades goianas situados no distrito de Corumbá dos quais nos fala Silva e Souza em sua Memória Histórica. Um fato porém veio mudar a vida de Jeronymo. É que no dia 7 de novembro de 1805 sua esposa faleceu em consequência do 9<sup>o</sup> parto que vivera. O viúvo, tomando essa morte como um castigo por não ter seguido a sua vocação sacerdotal, distribuiu os seus filhos com os seus irmãos e em 1807 ordenou-se padre tendo exercido o paroquiato em Cavalcante. Mais tarde porém, ele regressou à Bagagem onde viveu os últimos anos de vida tendo falecido a 9 de junho de 1840., sendo sepultado na Capela de N. S. do Bonfim. Jeronymo possuía uma imagem do menino Jesus com policromia em ouro junto a qual teve início a

tradição da trezena de natal que vai do dia 25 de dezembro, até o dia de reis, imagem esta que ainda hoje é entronizada no presépio de suas trinetas em Corumbá.

As filhas de Jeronymo e Bárbara: Ana Inocência, Bárbara Maria e Antônia Mariana não se casaram, continuando a viver no Sítio da Bagagem até o fim de suas vidas. A Bagagem era então uma imensa propriedade rural só justificando ser chamada de sítio pela proximidade do arraial de Corumbá. Suas dimensões colossais podem ser vistas no Registro Paroquial organizado em 1858 no qual esse sítio foi o primeiro a ser registrado. Seu limite norte situava-se na vertente do Córrego do João Gomes Ribeirão da Prata, e o sul 1,3 km abaixo no ribeirão Baião. Porém, sua maior extensão era no sentido leste-oeste pois, enquanto que do lado do nascente ela terminava na confluência do Ribeirão Bagagem no Rio Corumbá, portanto dentro do limite suburbano do arraial de Corumbá; do lado do poente ela findava em campo situado além do Mato Seco por onde passava a Estrada Real rumo à Meia Ponte e que distava 8 km do seu limite sul. Porém, com a partilha dos bens imóveis do Pe. Jeronymo ocorrida após a sentença judicial proferida a 1<sup>o</sup> de dezembro de 1805, o Sítio da Bagagem sofreu uma grande redução em sua área e em especial nas terras situadas mais a Oriente, continuando, entretanto, a ser um imóvel com dimensões consideráveis.

Não sabemos a quem o Pe. Jeronymo confiou a direção da Bagagem quando abraçou a carreira sacerdotal. O certo é que a sua filha mais velha - Ana Inocência de Campos - a quem chamavam de Donana da Bagagem, tinha 10 anos quando da morte de sua mãe e somente alguns anos depois é que pode assumir a administração desse imóvel rural. Na década de 1820 a Bagagem passou por uma crise econômica notada por Cunha Matos em seu "Itinerário", no qual fala da decadência do Engenho do Pe. Jeronymo. Tal situação que afetou na época outras fazendas goianas foi depois superada, graças principalmente ao zelo e à visão administrativa de Donana. Esta moça era extremamente laboriosa iniciando as tarefas cotidianas às 4 e pouco da manhã. O resultado de tal esforço pode ser visto na "Conta dos Dízimos" do ano de 1854 no qual ela declarou possuir na Bagagem 2 poldrinhos, 3 bezerras, 6 alqueires de feijão e 100 alqueires de milho. Nessas lidas ela contava com o auxílio das suas duas irmãs e principalmente dos seus escravos que recebiam dela um tratamento digno, comparável ao dos camaradas e das crianças dos

tempos atuais. Desses cativos sabemos os nomes de Manoel, crioulo, por ela adquirido em sociedade com suas irmãs em 1832, Gregório da Costa, Maria da Costa, Paulo Crioulo e Florinda Crioula, que herdara de seu pai por ocasião da partilha dos bens semoventes e móveis em setembro de 1840; Ma-

ria, de cor parda, nascida em 1822 e Piedade, de cor parda, nascida em 1850, sendo que estas duas últimas foram vendidas em setembro de 1878 para César Augusto Gaudie Fleury, esposo de sua sobrinha, a quem entregou no fim da vida a administração da Bagagem. E aqui vale destacar que, na mesma ocasião, Donana vendeu a César outras duas escravas, Maria, de cor preta nascida em 1812 e Florinda, também de cor preta com 30 anos de idade, e que cremos ser as mesmas que constam “na folha de partilha” de 1840. Isto nos permite constatar que Maria da Costa aos 28 anos foi avaliada em 400\$000 e que aos 84 anos de idade o seu valor caiu para 200\$000 enquanto que Florinda com 1 ano de idade valia 100\$000 e aos 36 anos passou a valer 400\$000.

Muito religiosas, as três moças da Bagagem realizavam todos os anos a trezena de natal em sua residência de Corumbá. Foram também muitas das doações que fizeram para a Igreja Matriz de N. S. da Penha de Corumbá cuja reforma e ampliação foi realizada por seu irmão caçula o Padre Manoel Inocência da Costa Campos que em 1840 tornou-se o primeiro vigário da paróquia de N. S. da Penha. Entre as doações feitas por elas ressaltamos a lâmpada de prata para o Santíssimo Sacramento que Ana Inocência mandou fabricar no Rio de Janeiro e na qual foram empregadas 1,140 oitavas de prata e que foi colocada no referido templo a 26 de fevereiro de 1856. Nesse mesmo ano, foi entregue ao vigário Inocência o legado de Bárbara Maria de Campos, falecida no dia 22 de julho de 1854, no valor de 600\$000 e que serviu para custear 51% do valor da torre que ele mandou erguer do lado esquerdo da Igreja Matriz de Corumbá, sendo que o restante da despesa com essa construção foi custeado pelo próprio vigário. E é interessante notar que a doação de Ana Inocência importou em 602\$790, ou seja, quase o mesmo valor do legado de sua irmã.

Ana Inocência sobreviveu as duas irmãs mais novas 25 anos, tendo, ao falecer, deixando todos os seus bens à sua sobrinha afilhada e filha de criação Maria das Dores Fleury que era filha do seu irmão Comendador João José de Campos Curado e de dona Ana das Dores Fleury. Donana morreu no dia 22 de dezembro de 1879 aos 84 anos de idade e foi sepultada no Cemitério Paroquial de Corumbá de Goiás, tendo sido a última pessoa de sua irmandade a falecer.

A nova proprietária da Bagagem Maria das Dores Curado ali residia desde antes do seu casamento com o seu primo materno César Augusto Gaudie Fleury, ocorrido na Igreja Matriz de N. S. da Penha de Corumbá no dia 12 de setembro de 1871, estando a noiva com 26 anos de idade. Maria das Dores, que era chamada pelos seus de Dona Nenê dedicava-se muito aos serviços da Fazenda sem contudo descuidar-se das leituras, tendo possuído na Bagagem uma biblioteca na qual havia principalmente obras sacras. Alguns desses livros chegaram às nossas mãos: “Respostas Concisas e Familiares às Objeções mais

Vulgares Contra a Religião” de MGR de Ségur, editado em Portugal no ano de 1874 e ofertado a César em 1879, e o “Manual do Cristão” de Goffiné, editado no Rio de Janeiro em 1900 e adquirido por Maria das Dores no ano seguinte. Nenê foi membro-fundadora das irmandades leigas do Apostolado da Oração e da Irmandade do Rosário da Paróquia de N. S. da Penha de Corumbá, para cuja Igreja Matriz ela doou uma imagem de São Domingos no ano de 1904, sendo que a referida imagem chegou a Corumbá alguns dias após o seu falecimento ocorrido no dia 26 de junho daquele ano. Maria das Dores e César tiveram 8 filhos, sendo 4 homens e 2 mulheres entre os quais César Donstan e Ana Inocência que mais tarde administrariam esse sítio.

No ano do falecimento de Donana, César iniciou a construção de uma nova casa-sede na Fazenda Bagagem. Essa nova edificação era bem maior que a casa construída por Antônio José de Campos que encontrava-se muito estragada e apresentava as desvantagens de ser muito úmida e de situar-se num local muito baixo, tendo sido demolida posteriormente. A nova moradia iniciada por César em 1879 foi construída com adobes ali mesmo fabricados, possuindo telhado de quatro águas, sendo que os portais da frente e do portão esquerdo possuíam vergas de arco abatido. O piso da sala era de tijolo, o da varanda assoalhado, havendo ainda cômodos com piso de terra batida e um saguão de lajes. Sua localização deveu-se ao fato de César querer fazer junto dela galpões para depósito e dois novos monjolos, uma vez que a casa velha possuía apenas um e o novo local por ser mais alto permitir o aproveitamento melhor da água para esse fim. A nova fisionomia da Fazenda Bagagem foi assim descrita por um dos irmãos de Maria das Dores. Antônio F. Curado em 22 de junho de 1881: “Estamos de falha hoje na Bagagem. Tudo aqui está mudado completamente e muito tenho apreciado. A casa tem ótimos cômodos e é bem construída. O quintal é imenso e está bem plantado. O César tem trabalhado muito e fez na Bagagem velha uma transformação para melhor”.

A principal atividade econômica implementada por César na Bagagem foi a cafeicultura, já que as terras desse sítio eram propícias ao plantio do café e esse produto era então o principal artigo de exportação do Brasil. Assim em 1884 ele exportou 95 arrobas de café para a capital de Goiás. César recebia também a colheita de outras cafeiculturas para pilar, sendo que em 1883 seu cunhado Francisco Herculano Fleury Curado enviou para a Bagagem 40

alqueires de café para serem pilados. Fleury tinha também atividades pecuárias em seu sítio e no Lançamento de Imposto sobre a Produção de Gado Vacum e Cavalari do Município de Corumbá feito em 1891 vemos que os 15 bezerras e 5 poldros que possuía na Bagagem, colocavam essa propriedade como o 5º maior rebanho do município em ambas as categorias de animais de

cria. Voltando a estudar a agricultura organizada por César Augusto na Bagagem veremos que, em 1904, sua produção cafeeira estava classificada em 28<sup>o</sup> lugar entre as 412 propriedades rurais do município de Corumbá que produziam tal gênero agrícola, e que correspondia a 10% da produção do maior plantador de café do município que, diga-se de passagem, tinha suas roças na Malícia ou seja, numa parte da Fazenda Bagagem que fora vendida anos antes. Em 1905 haviam onze mil pés de café no Sítio da Bagagem e a colheita encheu o pátio lajeado que servia para sacar esse produto, para depois preencher totalmente as grandes tulhas nas quais o café ficava guardado até ser vendido.

Porém, as atividades de César Gáudie não se limitavam à administração da Bagagem e das propriedades rurais que adquiriu no município de Pirenópolis. Tendo cursado o Liceu de Goiás até o 4<sup>o</sup> ano, César era também um homem culto e ligado à vida política, tendo sido eleito deputado provincial em setembro de 1889 e vice-presidente do Estado de Goiás em 1912. No âmbito municipal, foi Juiz de Paz no tempo do Império e Presidente do Conselho de Intendentes no início da República, além de Intendente municipal de Corumbá de 1907 a 1911 quando realizou importantes melhoramentos nessa cidade. Entre as múltiplas atividades de César Augusto é oportuno lembrar que ele possuía uma tropa de animais de carga para facilitar o escoamento da produção de sua fazenda e também para prestar serviços a terceiros e que nesse último mister a tropa de Gáudie Fleury foi escolhida para trazer de Uberaba para Pirenópolis e depois dessa cidade para o Torto os apetrechos da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, sendo que diversos membros dessa comissão estiveram no Sítio da Bagagem, inclusive Luiz Cruls que tornou-se amigo de César Fleury e com quem trocou idéias sobre a demarcação do local da futura capital do Brasil, local este que César visitou na sua campanha.

Com o falecimento de César Augusto Gáudie Fleury ocorrido a 2 de abril de 1914 em pleno mandato de vice-presidente do Estado de Goiás e aos 65 anos incompletos, o Sítio da Bagagem passou para seu filho César Donstan Curado Fleury então com 35 anos de idade. César foi sepultado no Cemitério de Corumbá no mesmo túmulo de Donana da Bagagem e de sua esposa. César Donstan que até aquela época trabalhava como tropeiro, mostrou à frente de sua nova tarefa um extraordinário senso administrativo dando novo impulso à Bagagem, tendo inclusive reincorporado através de compras algumas terras que já haviam pertencido esse imóvel. Sob a sua direção a Fazenda Bagagem transformou-se em uma autêntica autarquia produzindo todos os gêneros alimentícios de subsistência e ainda exportando grande quantidade café ali produzido. Donstan também dedicou-se à criação de gado tendo chegado a possuir um rebanho de 81 rezes bovinas, além de mulas e suínos. Para ter-se uma idéia

do crescimento da produção econômica da Bagagem a administração de Donstan pode-se comparar a classificação recebida no lançamento de impostos municipais em 1925 quando essa fazenda foi classificada como imóvel rural de 2ª classe e ficou em segundo lugar na lista dos maiores contribuintes rurais pagando um imposto equivalente a 60% da que devido pela fazenda colocada em primeiro lugar e o mesmo imposto cobrado em 1930 quando a Bagagem foi elevada a imóvel de 1ª classe e seu proprietário pagou o mais alto imposto rural do município que sobrepujava a fazenda classificada em segundo lugar em 21%.

Donstan também dedicou-se às atividades políticas em Corumbá, ocupando os cargos de Vice-Intendente Municipal, Conselheiro Municipal, Juiz Distrital e Juiz Municipal. Foi ainda durante quase quatro décadas o chefe político de Corumbá, onde foi presidente do Diretório local do PSD, tendo chegado a ocupar a vice-presidência do diretório estadual desse partido e ainda a vice-presidência estadual do PSP. No início da década de 1920, Donstan, juntamente com o seu primo Antônio Felix Curado, promoveu a construção da primeira rodovia ligando Corumbá a Anápolis e a Pirenópolis, tendo mantido linhas de transporte de veículos para passageiros e cargas entre essas localidades durante 25 anos. Foi ainda o encarregado da construção do trecho da linha telegráfica situada entre Santa Luzia e Corumbá.

Como cristão, César Donstan foi sempre assíduo nos deveres religiosos, tendo mandado fazer o atual cruzeiro colocado em frente à Igreja Matriz de Corumbá no ano de 1935 e também encabeçado, juntamente com o seu filho José Hercílio Curado Fleury e com os senhores João Paulino Gomes Parente e Dr. Alceu Galvão Velasco, o levantamento de recursos para o conserto do sino da matriz de N. S. da Penha de sua cidade que havia rachado. Assim como o seu pai integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento de Corumbá que fora fundada por seu tio Avô Padre Manoel Inocência da Costa Campos em 1847. Aliás, a tradição de se participar dessa confraria por parte dos antepassados de Donstan começou com o seu pentavô Clemente e Abreu que, em 1757, era o provedor da Irmandade do Santíssimo em Meia Ponte, da qual também participou o Padre Jeronymo e João José, sendo que esse último, tanto naquela localidade como em Corumbá, foi um dos primeiros integrantes. Donstan foi ainda vicentino, muito colaborando com o Asilo e também com a pobreza em geral de sua terra.

Tendo casado em dezembro de 1908 com a sua prima Ana Joaquina Fleury Curado que possuía uma residência em Corumbá, esse casal teve oito filhos, sendo que o primogênito, José Hercílio Curado Fleury diplomou-se em Direito no Rio de Janeiro, tendo exercido a advocacia em Goiás e em São Paulo

e também cumprido mandato de deputado estadual em Goiás. Sendo chamado a exercer importantes cargos no governo federal, representou o Brasil por três vezes na Organização Internacional do Trabalho em Genebra, Lisboa e Madri. É preciso ressaltar que Hercílio, quando exerceu a função de Deputado Constituinte Goiano no ano de 1947, liderou na Assembléia Legislativa a campanha pela mudança da capital federal para o Planalto Central. Donstan conseguiu ainda formar o seu segundo filho - Sylvio do Rosário Curado Fleury - em medicina, tendo ele exercido sua profissão em Belo Horizonte onde ainda trabalha prestando serviços médicos gratuitos aos Hospitais da Previdência Social, função esta que exerce há mais de 35 anos. Ele dedica-se, ainda, à pesquisa histórica.

Apesar de sua família e dos serviços rurais e na casa da cidade, Ana Joaquina que tinha o apelido de Senhorita quando solteira - não descuidava das atividades culturais, religiosas e sociais. Versada em línguas estrangeiras, cujas revistas e jornais recebia de seu irmão André Curado, Joaquim possuía um profundo conhecimento sobre a geografia da Europa Central. Também era apreciadora da história e da música, tendo ganho de seu esposo no ano de 1912 um piano importado de Paris e que foi trazido para Corumbá em carro-de-boi e no qual executava um vasto repertório musical. Integrante do Apostolado da Oração e da Irmandade do Rosário, doou para a matriz de Corumbá uma imagem de N. S. do Rosário. Seu falecimento ocorreu a 25.08.1963.

Na administração do Sítio da Bagagem, Donstan contou ainda com a decisiva ajuda de sua irmã Ana Inocência Fleury Brandão - apelidada de Anita, a qual repartiu durante várias décadas a administração da fazenda e a quem amparou nos momentos difíceis da vida. Donstan faleceu a 9 de abril de 1951 e Anita em 1960. Antes de seu inventário ficamos sabendo que César Donstan deixou, entre outros bens, três currais, três pastos junto da casa e cinco invernadas, sendo que o Sítio da Bagagem tinha então uma área de 150,80 ha.

Sucedeu Donstan na administração da Bagagem o seu filho Mário Curado Fleury, então com 35 anos de idade, sob cuja direção continuou a produzir café, açúcar, arroz e feijão de produtos de origem pecuária, tendo porém de lutar contra a escassez e carestia de mão-de-obra.

Mário casou-se em 1961 com Ana Adairce Abrantes. Eleito vereador em 1966 pela Arena, exerceu mais outros dois mandatos, tendo ocupado a vice-presidência da Câmara Municipal de Corumbá. Mário integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a Conferência de São Vicente de Paula e, em 1949, foi Imperador da Festa do Divino de Corumbá, à semelhança de seu pai que no ano de seu nascimento - 1918 - exerceu a mesma função. Adairce, sua esposa, foi sua constante companheira tanto nos serviços rurais como na militância

política, tendo ocupado a Secretaria de Educação Municipal. Seu falecimento ocorreu a 2 de janeiro de 1978 aos 42 anos de idade. Mário e Adairce tiveram 4 filhos, sendo que o primogênito do casal - José César Abrantes Curado é hoje o proprietário da sede da fazenda.

Em fevereiro de 1987, o Sítio da Bagagem foi partilhado entre os herdeiros de César Donstan dos quais hoje apenas 2 filhos - Mário e Alair - e 3 netos: José César, Leandro e Mário Celso, ainda possuem terras da Bagagem.

José César casou-se em 1980 com Rosimeire Ferreira Pio, tendo sido eleito no último pleito municipal vereador e, em seguida, Presidente da Câmara Municipal de Corumbá, cargo que exerceu atualmente, possuindo ainda na cidade uma máquina de beneficiar arroz. Sua esposa exerce atualmente uma das secretarias da Câmara de Vereadores e cursa o Colégio de 2<sup>o</sup> Grau de Corumbá. No que se refere ao Sítio da Bagagem hoje com dimensões bem reduzidas, hoje César possui plantação de hortaliças que destina a comercialização local e criação de gado leiteiro. O casal tem um filho - Bruno César Ferreira Pio Curado que, apesar de estar com apenas 8 anos de idade, tem um grande interesse pelo Sítio da Bagagem e por sua história mais que bi-secular. Ele é hoje a encarnação da esperança de que o empreendimento rural, iniciado na década de 1730, por Antônio José de Campos e continuando pelo Padre Jeronymo José de Campos, por Ana Inocência de Campos, César Augusto Gáudie Fleury, César Donstan Curado Fleury, Mário Curado Fleury e José César Abrantes Curado poderá ainda se perpetuar por muitas outras gerações dessa família pioneira de Goiás.

A Bagagem, onde existiram ricos e prósperos garimpos nos primórdios da formação de Corumbá e onde vicejou depois uma pujante agricultura de exportação, conserva a tradição histórica e política de várias gerações de corumbaenses ilustres. O velho casarão edificado em 1879 é um marco do desenvolvimento econômico de Corumbá de Goiás e deve ser preservado já que suas paredes guardavam imorredouras recordações de outras épocas. E foi inspirado na sua infância passada nessa fazenda que Hercílio Fleury fez este soneto com o qual encerramos nossa crônica histórica:

“No Sítio Bagagem  
no peito da noite  
tristonho bate o monjolo  
pilando saudade.”

---

ABSTRACT

## THE HISTORICAL BACKGROUND OF CORUMBÁ DE GOIÁS

*In this article the researcher considers the historical background of Corumbá de Goiás, which has been one of the most important cultural centres of the State since the eighteenth century. He shows, through the genealogy of the first families from Corumbá, the effort of construction and the man settlement in the land and the transition to agriculture. In addition, he analyses the aspects of a culture which appeared in the faraway Corumbá, the homeland of writers and well-known national artists.*

---

**Keywords:** *Corumbá, history, pioneers.*

---

# RAÍZES DO CAFÉ NATIVO NO VALE DO SÃO PATRÍCIO

*Adalberto Gonçalves De Araújo Júnior\**

---

## RESUMO

*Este artigo enfoca a introdução do plantio do café no Planalto Central brasileiro, chamando a atenção para o Vale do Rio São Patrício, Estado de Goiás, onde apareceram plantações nativas desde o século XVIII, mostrando a permanência deste cultivo na região.*

---

**Palavras-chave:** *café, nativo, cultivo, Vale do Rio São Patrício, Goiás.*

---

Originário da região de Kafa, na Etiópia, de onde vem seu nome, o café foi inicialmente cultivado em Moca na Arábia Feliz (Iêmen), onde encontrou condições climáticas favoráveis, espalhando-se por outros territórios asiáticos.

Atingiu a Europa continental no século XVIII e seu cultivo foi iniciado no Jardim Botânico de Amsterdã. De Paris, em 1720, foi a Martinica pelo capitão Declieux, e logo depois estava na Guiana Francesa. Em Caiena, Francisco de Melo Palheta conseguiu algumas sementes que foram cultivadas no Pará. Mas como afirmou o ilustre jornalista goiano Henrique Silva<sup>1</sup>, não foram estas sementes que deram origem aos cafezais brasileiros. O cultivo dessa rubiácea no Brasil remonta ao século XVI. Em 1587 o autor das "Notícias do Brasil" diz que "na Bahia crescia o café"<sup>2</sup> o que não é difícil de confirmar considerando que o comércio português com a costa árabe remonta ao século XV. Assim como tudo que vem do Oriente, o café foi inicialmente considerado um produto exótico. Entre nós brasileiros esteve eivado de significado mágico. Câmara Cascudo diz que "era bebida de escritores, fonte de inspiração, comadre do cigarro fumegante. Venceu o chá que entre nós, para o povo, era sinônimo de socorro terapêutico. A borra ou próprio líquido, atirados em superfície plana e branca, parede caiada, dava anúncios, profecias, palpites para jogo-do-bicho, conforme o desenho que a nódoa simulava."<sup>3</sup>

As primeiras sementes de café introduzidas na antiga Capitania de Goi-

---

\* Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisador bolsista da CAPES.

às “procederam da Bahia: foram plantadas no sítio do Riacho, no Município de Santa Luzia (atual Luziânia) em 1774<sup>4</sup>, como consta dos assentamentos paroquiais da velha cidade goiana. Daí foi que se alastrou a cultura do café tanto no sul como no norte do Estado.”<sup>5</sup> Quanto ao Vale do São Patrício, algumas considerações nos oferecerão pistas dos caminhos percorridos por ele até chegar a esta região.

O processo de povoamento da região do Rio São Patrício (também conhecido nos séculos XVIII e XIX por Rio Carretão) remonta ao ciclo do ouro em Goiás. Podemos constatar este fato a partir do “Índice de Requerimentos de Sesmarias e outros”<sup>6</sup>. O primeiro requerimento, que temos notícia, foi feito por José Pereira de Padilha em data de 14 de maio de 1757, no qual ele pede que “lhe conceda por sesmaria, meia légua de terra em quadra em um córrego braço do Ribeirão de São Patrício.”<sup>7</sup> As Atas da Câmara de Vila Boa dos Goyazes confirmam a antecedência da colonização na região, pois em 1º de outubro do mesmo ano, “o Sargento-Mor Fernando José Leal como tutor dos órfãos do defunto Inácio Dias Paes (diz) que estes se acham possuindo um sítio em terras do patrimônio deste Senado na paragem chamada São Patrício onde se acham alguns matos em serranias, capoeiras deixadas e devolutas e por que quer o suplicante para os ditos órfãos aforar os ditos matos e capoeiras que se acharem contíguas ao referido sítio na circunferência de meia légua.”<sup>8</sup> Alguns anos depois, em 3 de março de 1762, José Ferreira de Faria requer “terra no lugar denominado Ponte do Carretão.”<sup>9</sup> Em 1764, dois sesmeiros, Antônio Ferreira Regalado e Antônio José Ribeiro, requerem “numa légua de terra em quadra no Ribeirão Pequeno de São Patrício entre as sesmarias de Miguel Rodrigues e a de Antônio Vieira.”<sup>10</sup> O último requerimento do século XVIII, nesta área, foi o da viúva Inez Bueno de Silveira em 1765, neste ela pede “terra no Ribeirão do São Patrício.”<sup>11</sup> Em 1784, foi construído nas nascentes do Rio São Patrício o Aldeamento de Pedro III do Carretão. Os administradores e vigários que passaram por aí levaram consigo espécies vegetais destinadas ao cultivo indígena. É possível que este Aldeamento tenha sido difusor de culturas vegetais alógenas entre os habitantes da região. As ligações administrativas do Carretão com Vila Boa também eram uma via de intercâmbios. “Em 1798 existia na (antiga) Capital uma chácara de café que foi incorporada ao Horto Botânico de Goiás, cujo produto exportado para Belém do Pará pelo Araguaia e Tocantins reverteria em proveito do horto.”<sup>12</sup> Outra via possível de difusão foram os contatos comerciais dos sesmeiros da região com os julgados ao leste como São José do Tocantins, Cavalcante e estes por sua vez com os de Formosa e Santa Luzia.

Das referidas sesmarias setecentistas, entre outras, com uma economia basicamente agrícola, provinham muitos dos gêneros alimentícios que abaste-

ciam as vilas goianas do ciclo aurífero. Com a decadência do ouro e consequentemente do comércio, estas fazendas (sesmarias) caíram na obscuridade, isolando-se sempre mais de Vila Boa dos Goyazes.

Posteriormente, no início do século XIX, ocorre uma profunda reorganização das forças produtivas nas regiões mineradoras de Goiás. O próprio D. João Manoel (então Governador da Capitania) preocupado em dinamizar a economia agro-pastoril da capitania, tomou uma série de medidas: isenção de dízimos durante dez anos aos lavradores que criassem estabelecimentos agrícolas ao longo dos rios Araguaia, Tocantins e Maranhão; incentivo à navegação com a criação de presídios à margem dos rios, com o intento de proteger o comércio, auxiliar a navegação e colaborar para a utilização dos índios na agricultura; incremento da navegação no Araguaia e Tocantins. “Cuidados estes que foram coroados de êxito pois entre os anos de 1805 - 1808, conseguiu-se enviar através destes rios, ao Pará muitos produtos goianos entre eles o café.”<sup>13</sup>

Conforme Silva e Souza<sup>14</sup>, alguns julgados como o de Cavalcante e Pilar já exportavam café para outros julgados e províncias. Uma parte considerável do que hoje denominamos vale do Rio São Patrício, pertencia ao Julgado de Pilar, cuja balança comercial estava “voltada para a Província do Pará”<sup>15</sup>, cabendo ao café entre os produtos exportados “30 arrobas à 2v 400rs.”<sup>16</sup> Apesar das condições propícias ao cultivo do café, o declínio do comércio fluvial com o Pará significou também o declínio da cafeicultura na região. Em 1888 Padre Estevão Maria Gallais esteve no aldeamento indígena de Carretão de Pedro III, situado nas nascentes do Rio São Patrício. Narrando o que viu no Carretão, ele diz que “restavam somente uma ponte de madeira, casas arruinadas, um homem e duas mulheres índias mais ou menos puras, eis o que ficou reduzida a sua população. Nos arredores ainda se encontravam alguns caboclos ou descendentes de mulheres índias casadas com negros. As imensas derrubadas feitas outrora pelos índios do Carretão desapareceram; a floresta reconquistou há muito o terreno que havia perdido. Mas ainda se encontram em algumas clareiras, ou mesmo entre árvores da floresta, pés de café que sobreviveram, reproduzindo-se por si mesmo, o que dão colheitas que valem a pena aproveitar.”<sup>17</sup> Seu depoimento nos induz a pensar que, anteriormente, os índios deste aldeamento, cultivavam o café. As condições ambientais propícias permitiram a adaptação desta planta originária da África Oriental a um estado silvestre no Vale do São Patrício. Sobre a situação dos “cafezais nativos” do Vale do São Patrício temos, em 1925, preciosas informações de Henrique Silva: “na célebre mata de São Patrício, no município de Pilar, ao norte do Estado, existem muitos hectares de terras ocupadas por cafezais nativos. Esses cafezais são encontrados ora cerrados, ora espaçados. As plantas da nossa rubiácea assim abandona-

das à natureza, crescem muito, de maneira que as pessoas que ocorrem para esses lugares, a fim de fazer colheitas de café, às vezes, criminosamente, abatem os troncos desses cafeeiros! Segundo afirmam, só na mata de São Patrício há cerca de um milhão de cafeeiros nativos! Esse fato prova a grande fertilidade de que são dotadas as terras onde o café cresce e produz assim espontaneamente.”<sup>18</sup> Em 1929, o escritor Vítor Coelho de Almeida, em sua segunda viagem pelo interior de Goiás, nos confirma a exuberância do cafezal nativo: “Daqueles altos se avistam as cabeceiras da mata de São Patrício. Tem dez léguas de extensão e é célebre pela grande quantidade de moitas de café espontâneo, que contém. Ali se abastecem, todos os anos, moradores dos distritos de Crixás, Guarino e Pilar. Dão entrada a cerca de mil cargueiros para a colheita da café, orçada em 120.000 Kgs, notando-se, porém, que é colhida apenas uma parte.” E segundo o mesmo, o café aí colhido, era de ótima qualidade: “adquirimos um quilo daquele café, bem seco, claro, redondo (do tipo Moka), igual, de excelente aroma e sabor”.<sup>19</sup>

Já por este tempo especulava-se sobre a origem do “cafezal nativo”. O referido escritor disse acertadamente que “a origem desse cafezal deve ter sido o de alguma fazenda, das muitas que houve por ali e ora estão reduzidas a taperas, dentro de matagais”.<sup>20</sup> Dez anos depois, em 1939, Antônio Gonçalves De Araújo, oriundo de Araguari, Minas Gerais, comprou de dona Inhola (Isaura Rios de Castro Ribeiro), viúva de Diógenes de Castro Ribeiro, vulgo Castrin, grande parte da Mata do São Patrício, onde hoje está localizado o Município de Rialma. Funda então o povoado de Castrinópolis, não muito longe do Rio das Almas. Este será nestas plagas o primeiro núcleo de povoamento do século XX, cujos habitantes, em sua maioria mineiros ou goianos do sul, constituíram um dos contingentes populacionais da futura Colônia Agrícola Nacional de Goiás (C.A.N.G.). Muitos dos moradores de Castrinópolis tiveram oportunidade de conhecer o exuberante cafezal nativo. Como foi o caso de Antônio Gonçalves De Araújo que em 1944 adquiriu algumas mudas nas matas do Rio São Patrício, nas imediações da Fazenda Mata da Lavra, não longe do antigo distrito de Floresta, hoje a cidade de Itapaci. Estas mudas de café plantadas no fundo de quintal, em terra fértil tipo massapé, cresceram facilmente, alcançaram três metros de altura, produzindo um ótimo café.

Um pouco antes, por volta de 1940, o agrimensor Alberto Tredicci trabalhou com o Dr. Francisco Alves de Almeida, engenheiro responsável pelo serviço de topografia, levantamento e planta de uma parte considerável das margens esquerdas dos rios das Almas e São Patrício, próximo às cidades de São Francisco de Goiás, Itapaci e distrito de Castrinópolis, em áreas das antigas sesmarias de Conceição, Sant’Ana, Mato Dentro e Mata da Lavra, nomes que

recordam o período da mineração em Goiás. Nesta ocasião, este agrimensor teve também oportunidade de conhecer o “célebre cafezal espontâneo”, localizado “na margem esquerda do Rio São Patrício, nas proximidades do Arraial do Quebra-Coco, quando no tempo da colheita aparecia muita gente para colher o café nativo, armando então suas barracas.”<sup>21</sup> Atividade extrativa, anteriormente confirmada por Vítor Coelho.

No início da década de quarenta haverá uma mudança radical na organização do espaço geográfico do Vale. Por um decreto federal de 1941 foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás - C.A.N.G., cujos limites iniciais foram o Rio das Almas, São Patrício, Carretão, divisor de águas dos rios Areias e Ponte Alta, Rio Verde, até a confluência com o Rio das Almas. Estes limites atingiram praticamente toda a chamada Mata do São Patrício. Depois reformularam estes limites em virtude de um acordo entre o Estado de Goiás e governo federal. Por este acordo delimitaram para “um certo ponto no Córrego Mestre, por uma linha de 45°, até atingir o rio São Patrício, por este abaixo até o Rio das Almas por este acima até encontrar a foz do Córrego Mestre; por este acima até o ponto de onde partiu a linha 45°.”<sup>22</sup> Nesta segunda área delimitada ficava excluído o habitat do “café nativo”, cujo núcleo principal se encontrava, então, mais próximo às nascentes do Rio São Patrício - local em que alguns mapas ainda trazem o nome de “Rio Carretão”, denominação esta que vai até a altura do povoado de Vista Alegre (Imbiara) onde o afluente da margem esquerda, Ribeirão Ponte Alta e o da margem direita Córrego da Patrona, deságuam e passam a formar o Rio São Patrício.<sup>23</sup>

Mas nem por isso as “matas do café nativo” ficaram ilesas à destruição e ao desmatamento. Os colonos que não conseguiram lotes de terras na C.A.N.G., estabeleciam-se ao oeste e não se esforçavam para conviver harmoniosamente com o “eco-sistema da mata do café”, como os habitantes remanescentes do antigo Julgado de Pilar, antes da criação da C.A.N.G. Nesta área situada a oeste da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, não podemos esquecer o trabalho desempenhado pelo engenheiro Dr. Oscar Campos Júnior, que dividiu estas terras entre lavradores já instalados na região, “considerando as necessidades de cada um, sem perder de vista as necessidades do conjunto dos habitantes e o plano de divisão das propriedades por ele organizado”.<sup>24</sup> Deste plano surgiu um pequeno núcleo urbano que Oscar Campos não perdeu a oportunidade de denominar Rubiataba,<sup>25</sup> cuja etimologia híbrida quer dizer “aldeia do café”, uma homenagem aos antigos “cafeeiros nativos” da Mata do Rio São Patrício.

Hoje, mais ou menos, cinquenta e cinco anos após o início do repovoamento do Vale do São Patrício, quase nada restou do cafezal que outrora abastecia os habitantes das cidades de Crixás, Pilar e seus respectivos distritos. Em

janeiro de 1994 fui em companhia de meu pai conhecer, provavelmente, os últimos remanescentes do cafezal nativo. Estão numa mata ciliar no nordeste do Município de Rubiataba, na confluência do Rio Novo com o Rio São Patrício. Estavam ali viçosos no meio de árvores frondosas, deveriam ser pequeninos pois achavam-se sufocados pela floresta, mas não, alguns atingiam mais de dois metros de altura, encontravam-se em moitas dispersas e haviam mudas em torno dos cafeeiros. Estavam ali a testemunhar o primeiro povoamento do Vale do Rio São Patrício e o seu próspero comércio com o Pará.

---

### ABSTRACT

---

*This article focuses on the introduction of coffee planting in Brazil's Planalto Central, drawing attention to the São Patrício Valley River, State of Goiás, where there have been native plantations since the 18<sup>th</sup> Century, showing the permanence of this agriculture on the region.*

---

**Keywords:** *coffee, native, cultivation, São Patrício Valley River, Goiás.*

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - A Informação Goyana. Ano IX. nº 10, p. 73. Rio de Janeiro, 1927.
- 02 - Notícias do Brasil, L. 2, c. 44. Apud. Southey, Robert. História do Brasil. Vol I. p. 323. Ed. Obelisco. 3ª Edição brasileira. São Paulo, 1965.
- 03 - Câmara Cascudo, Luís. Dicionário do Folclore Brasileiro, p. 173. Ed. Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, 1984. p. 173
- 04 - Segundo Henrique Silva "esta data coincide com a que um monge belga de nome Molke teria apresentado (1774) ao Convento dos Capuchinhos algumas sementes de café susceptíveis de germinação. Isto antes do Bispo do Rio de Janeiro Joaquim Bruno promover o plantio cafeeiro nos atuais Estados do Rio, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo." Silva, Henrique. Op. Cit. Vol. IX. nº 5 de 1925. Nota de rodapé 2. ; p. 25
- 05 - Ibid. p. 25
- 06 - Índice de Requerimentos de Sesmarias e Outros. 1728 - 1801. Arquivo Histórico Estadual de Goiás.
- 07 - Ibid. Maço 16. Doc. 4; 1757

- 08 - In. Diversos: Avulsos e Fragmentos de Livros. 1750-1759. Arquivo Municipal da Cidade de Goiás.
- 09 - Índice de Requerimentos de Sesmarias e Outros...Março 12; 1762.
- 10 - Ibid. Maço 25. Doc. 44; 1764.
- 11 - Ibid. Março 25. Doc. 7; 1765.
- 12 - Silva, Henrique. Op. Cit. Vol. IX nº 5, p. 25
- 13 - Palacin, Luis. Goiás 1722/1822. Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas. Ed. Oriente. Goiânia, 1872. p. 147.
- 14 - Silva e Souza, Luís A. Memória Estatística da Província de Goyaz Typografia Nacional. Rio de Janeiro, 1832.
- 15 - Ibid. p. 167
- 16 - Ibid. p. 166
- 17 - Gallais, Estevão M. O Apóstolo do Araguaia. Revista dos Tribunais, p.74. São Paulo.
- 18 - A Informação Goyana. Ano IX. nº 2. p. 9-10. Rio de Janeiro, 1925.
- 19 - Almeida, Vitor Coelho, Goiaz: Usos, Costumes, Riquezas Naturais. Estudos e Impressões Pessoais - Revista dos Tribunais, Ltda. São Paulo. p. 76
- 20 - Ibid. p. 77.
- 21 - Tredicci, Alberto. Entrevista concedida ao autor deste texto em Ceres- GO, 03.10.1994.
- 22 - Faisal, Speridião. O Mato Grosso de Goiás. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. 1952. p. 87
- 23 - Conf. mapa do Estado de Goiás - 1989. Publicado pelo INDUR (Instituto de Desenvolvimento Urbano e Regional).
- 24 - Faisal, Speridião. Op. cit.
- 25 - Rubiataba: Nome híbrido originário do Latim, “rubia”, nome do gênero típico da família botânica do café (rubiácea) + “taba” do tupi “tawa”, “aldeia”, aldeia indígena. Conf. Holanda Ferreira, Aurélio B. de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa.

# DEPOIMENTO DO PROFESSOR COLEMAR NATAL E SILVA \*

*Maria Ruth Rocha\*\**

*Maria Teresinha Campos de Santana\*\**

*Cecília Brazão Costa\*\*\*\**

---

## RESUMO

*O depoimento oral do Prof. Colemar Natal e Silva, elaborado e colhido pelas Professoras Maria Ruth Rocha e Maria Teresinha Campos de Santana, e transcrito pela Prof<sup>a</sup>. Cecília Brazão Costa, para o Museu da Imagem e do Som, de Goiânia, revela aspectos interessantes na criação de uma Nova Capital, tentando se libertar de uma herança cultural anterior, de um modo geral, mas reafirmando a presença da "pólis", com aspectos políticos, econômicos, educacionais e culturais já pensados de modo diferente, incorporando numa nova visão e um exercício de um novo modelo para o futuro.*

*Foi ele o criador das principais instituições do Estado na áreas jurídica, da educação, da pesquisa, da História, sendo o guardador de arquivos e da memória, da cultura e das agremiações dos artistas, escritores, historiadores e geógrafos, e todas as áreas culturais afins. É da família dos pioneiros, embora nascido na histórica São José do Tocantins, hoje Niquelândia.*

**Palavras - chave:** *Goiânia, idéias, cultura, entidades, obras.*

---

\* Projeto de História Oral. Instituições envolvidas: Museu da Imagem e do Som e Museu Pedro Ludovico. Entrevista concedida às Professoras Maria Ruth Rocha e Maria Teresinha Campos de Santana em 20 de Fevereiro de 1989, no Estúdio do Museu da Imagem e do Som de Goiás, localizado no Centro Cultural "Gustav Ritter", na rua Marechal Deodoro da Fonseca, nº 237, Campinas, Goiânia - Goiás. Transcrição feita pela Professora Cecília Brazão Costa.

\*\* Historiadora, Graduada em História na UFG e Pós-Graduada em História da República, com especialidade em História de Goiás, pela UFG.

\*\*\* Historiadora, Pós-Graduada em Arquivologia pelo Arquivo Nacional do Brasil e em Museologia Social pela Universidade Lusófona de Lisboa (Portugal) e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

\*\*\*\* Historiadora, Pós-Graduada em História Geral pela UFG.

## CURRICULUM VITAE COLEMAR NATAL E SILVA

### Dados Bibliográficos:

- 1 - Nasceu em São José de Tocantins (Niquelândia) - Goiás, no dia 24 de agosto de 1.907.
- 2 - Fez o primário com sua mãe
- 3 - O secundário cursou no Colégio Lyceu de Goiânia
- 4 - A Faculdade de Direito no Estado do Rio de Janeiro
- 5 - Atividades como estudantes no Rio de Janeiro:
  - a) Foi membro do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira
  - b) Participou da criação da Casa do Estudante
  - c) Atuou na Comissão Estudantil da Aliança Liberal
  - d) Participou da criação do Centro Goiano no R. de Janeiro
  - e) Participou ativamente na Revista "A Informação Goiana"- Revista que mostrava a história e o desenvolvimento de Goiás e o Brasil Central.
- 6 - Atividades em Goiás em 1.930.
  - a) Foi defensor da mudança da Capital
  - b) Participou da escolha do local para edificação de Goiânia
  - c) Entre os cargos que ocupou estão:
    - Promotor Público da Capital.
    - Procurador Geral do Estado.
    - Secretário do Interior e Justiça.
    - Professor de História no Lyceu de Goiás e Escola Normal
    - Professor de Direito na Faculdade de Direito.
    - Foi o criador da Academia Goiana de Letras - Quando Pedro Ludovico Teixeira foi o Presidente de Honra.
  - d) Criou a MAEG e o Instituto dos Advogados.
  - e) Fundou a Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional de Goiás.
  - f) Criou o Instituto Histórico e Geográfico do qual é Presidente Perpétuo e de muitas outras entidades.
  - h) Participou da instalação da pedra fundamental de Goiânia (1933).
  - i) Criou o Palácio das Esmeraldas.

### PROJETO HISTÓRICO ORAL

#### Roteiro de Entrevista: COLEMAR NATAL E SILVA

- 1) Quando e onde o senhor nasceu?
- 2) O senhor cursou Direito no Rio de Janeiro e só voltou após a Revolu-

- ção de 1930. Como encontrou Goiás naquela época?
- 3) Quais foram os cargos que o Sr. ocupou no Governo de Goiás?
  - 4) Como foi a criação da Academia Goiana de Letras? E por que a escolha do nome de Dr. Pedro Ludovico como Presidente de Honra?
  - 5) E as relações de Dr. Pedro com os intelectuais como era? E quais deles tinham mais acesso a ele?
  - 6) Onde foi o lançamento da pedra fundamental de Goiânia?
  - 7) Como era o ambiente cultural de Goiânia, no início?
  - 8) E o Batismo Cultural de Goiânia, em 1942, como foi?
  - 9) E o Dr. Pedro dava apoio aos investimentos culturais?
  - 10) O senhor teve alguma dificuldade em se relacionar com o Dr. Pedro enquanto homem público?
  - 11) Existe alguma particularidade de Dr. Pedro que o Sr. gostaria de constar?
  - 12) Goiânia, na sua opinião, atingiu os seus objetivos propostos na sua construção?
  - 13) Atualmente o Sr. ocupa a Presidência do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura - IBEC - (Comissão do Brasil para a UNESCO - Seção de Goiás). O Sr. falaria um pouco deste Instituto?

## PROJETO DOCUMENTAÇÃO ORAL

ENTREVISTA: DR. COLEMAR NATAL E SILVA

INTRODUÇÃO: Prof<sup>a</sup>. MARIA TERESINHA CAMPOS DE SANTANA

“Goiânia, 20 de fevereiro de 1.989. Nós estamos aqui, no estúdio do Museu de Imagem e do Som, para dar início ao Programa de História Oral. Esse Programa é um convênio com o Museu Pedro Ludovico e visa a obter depoimentos de pessoas que vivenciaram a construção de Goiânia e participaram do dia a dia da luta de Dr. Pedro Ludovico Teixeira. Nós estamos aqui com o Professor Colemar Natal e Silva que será o nosso primeiro depoente.”

**Entrevista: *Professor, quando e onde o Sr. nasceu?***

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Eu nasci nos idos de 1.907. Eu tenho 81 anos. Até que não acho tanto. Eu nasci em São José de Tocantins, hoje Niquelândia”.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Teresinha: *Como foi a infância do Senhor?***

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “A minha infância foi muito boa, comum, convívio familiar muito agradável, no seio da família, entre os irmãos. Eu tinha 12 irmãos, sorte que o meu convívio com a família foi agradável”.

**Profª. Maria Ruth Rocha:** *Professor, o Senhor cursou Direito no Rio de Janeiro e só voltou após a Revolução de 30. Como se encontrava Goiás naquela época?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Goiás estava numa fase de mudança. Foi depois da Revolução de 30 que estabeleceu um hiato na vida política, social e econômica. Goiás naquela época estava numa fase inspirada, em reformas, e, principalmente, em avanço de uma organização social que estava superada pelo tempo”.

**Profª. Maria Teresinha:** *Que reformas seriam essas que estavam acontecendo?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Eram modificações de ordem política, de ordem social, e de ordem econômica. É uma nova fase na vida do Estado, sob o impacto de modificações de ordem nacional, ditadas pela vitória da Revolução de 30”.

**Profª. Maria Ruth:** *Durante o período de 30, teve o nascimento de Goiânia, ou seja, da Capital de Goiás. Então, o Senhor teve um papel relevante nessa época. Quais foram os cargos que o Sr. ocupou, no Governo, durante esse período?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Eu ocupei vários cargos. Eu fui nomeado Promotor Público; depois fui nomeado Procurador Geral do Estado; depois fui nomeado Secretário do Interior e Justiça. Inaugurei, também, a primeira Cadeira de História de Goiás, na Escola Normal, e lecionava, no Lyceu, História Universal. A minha participação na vida do Estado foi, efetivamente, intensa em cada um desses setores.

**Profª. Maria Teresinha:** *Professor, gostaria que o Sr. deixasse registrado, quando o Sr. ouviu os primeiros boatos, os primeiros murmurinhos a respeito da mudança da Capital?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “A mudança da Capital é uma idéia muito antiga. Foi D. Marcos de Noronha, o primeiro Governo da Capitania, que lançou a idéia da mudança. Depois dele, Miguel Lino de Moraes, primeiro Presidente da Província (depois da Independência, então, transformaram as Capitanias em Províncias). Ao assumir fez referência à idéia, considerando que a localização da Capital não era própria ao seu desenvolvimento. E depois veio, então, uma figura muito empolgante, que é a de Couto Magalhães. Ele foi um governo ativo. Ele, também, postulou isso. De sorte que essas idéias foram idéias pioneiras, principais, remontando ao passado, à História, não podemos deixar de

mencionar como nasceu, depois fixar como se processou, até chegar à efetivação da mudança e à situação atual da cidade. O ideal era antigo.

O mérito de Pedro Ludovico foi, principalmente, dinamizar essa idéia para tomar as providências necessárias à efetivação desse ideal de mudança. Se vocês interessam pela origem das atividades, podemos dizer que nós estávamos na porta do hotel da cidade de Bonfim, comentando a mudança agradável do clima, porque cidade de Goiás era muito quente, entre montanhas, temperatura muito enalorada. E ele interventor, estava dizendo: “Mas que clima ótimo!” Porque lá de fato é uma região alta. E aí ele disse: “É minha idéia mudar a Capital”. Foi a primeira manifestação de público, a primeira manifestação dele. E depois se tornou pública, porque, ao participar da solenidade de inauguração de coreto, feito pela Prefeitura, eu tive ocasião de mencionar que era idéia do Governador mudar a Capital. Isso aí foi reproduzido depois, na Velha Capital, constituiu, vamos dizer, uma “bomba”, porque lá na Antiga capital essa idéia era partilhada por uma minoria. Aí foi o primeiro passo. Depois disso o Interventor anunciou, em Goiás, essa idéia. E daí seguiram-se as providências. O primeiro ato administrativo, comprovando esse plano, foi justamente a nomeação de uma Comissão para estudar o local onde deveria ser edificada essa Capital. Foi fazendo parte dessa Comissão que nós demos a motivação, reproduzindo os motivos determinantes da mudança, e eles constam de um documento oficial que é a Ata da escolha do local em que houve as manifestações prioritárias. Por exemplo, nós postulávamos o desenvolvimento do Estado de Goiás, em 1932. Não era possível percorrer o Estado todo para a escolha do local. O problema da mudança adquiriu caráter prioritário. Era preciso usar os poderes iniciais, pela Revolução, para efetivar a medida. De sorte que a Comissão deliberou uma área. Essa Comissão era presidida pelo Arcebispo D. Emmanuel Gomes de Oliveira. Ela era composta de vários elementos, elementos que tivessem uma ampla visão do problema. Ao todo se compunha de dez elementos.

**Profª. Maria Teresinha:** *O Sr. recorda de algum nome?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Esses nomes eu recordo com certa tristeza, porque, desses dez elementos apenas restam dois vivos. O Coronel Pireneus<sup>1</sup> era um dos integrantes da Comissão, o Secretário da Saúde, também, era integrante, Gomes de Almeida.<sup>2</sup> Fora esses, o representante do Comércio também foi integrante. Era muito conhecido por Santana.<sup>3</sup> De sorte que esses nomes estão registrados na integração da Comissão. Eram, como estou dizendo, dez elementos integrantes da Comissão. Houve, então, a escolha do local. Recaiu justamente em Campinas, numa área onde foram examinados os requisitos es-

senciais: abundância de água, possibilidade de via férrea, para facilitar a locomoção de material, bom clima, condições de desenvolvimento, de expansão, que a antiga Capital não tinha. São elementos que devidamente mencionados, levados em consideração, conduziram a idéia da escolha do local. Foi a motivação que nos levou a escolher esse local, como local ideal para a construção da Nova Capital.

**Prof.<sup>a</sup> Maria Ruth:** *Professor, depois de escolhido o local da Nova Capital, quais foram os critérios usados para a escolha do nome da Cidade de Goiânia?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Houve um concurso para a escolha do nome. Houve uma série de opiniões. Uns acharam que deveria ser Petrolândia. Deram por escrito, Petrolândia, porque era a cidade de Pedro Ludovico e Pedro Ludovico teve a modéstia de achar que não deveria ser isto. Ele não aceitou essa idéia. Foram várias as idéias. Até o Professor Alfredo de Faria Castro, professor de História do Lyceu, sugeriu Goiânia, que foi o vitorioso.”

**Prof.<sup>a</sup> Maria Ruth:** *Quando foi a criação da Academia de Letras? E por que a escolha de nome do Dr. Pedro como Presidente de Honra?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Eu vou fazer para vocês em forma de depoimento para ficar na História. Eu vou localizar o “leitmotiv”, o motivo central dessa mudança é que o Governo vinha cogitando com muito empenho do desenvolvimento material do Estado. Era o progresso material. Então eu achava e até mencionei isto que sobre o impacto do urbano que foi tornando ciência, e nessa matéria nós tivemos mais sorte que Belo Horizonte (houve a mudança de Ouro Preto para Belo Horizonte). Mas nessa época ainda o urbanismo não era uma ciência e nós já nos valíamos da idéia do urbanismo como ciência. Então, a preocupação prioritária ia prevalecendo, quer dizer, rasgavam-se largas e harmoniosas avenidas, multiplicavam-se as construções de casas em elevado padrão de conforto, de beleza e de estética; executavam-se amplos edifícios públicos sob novas técnicas funcionais, e a própria delimitação de bairros, e localização de prédio era feita dentro de critério modernos e mais racionais. Isso tudo é que caracterizava o cortejo de preocupações de ordem material. Mas nós entendíamos que não bastava o progresso material, era necessário lançar a semente da cultura e do saber, mesmo porque nós vínhamos de uma cidade, a cidade de Goiás, que era o berço da cultura. Então, nasceu daí a idéia de que devíamos cogitar, também, disso. Então, se não bastava o progresso material, era necessário cuidar desde logo, prioritariamente, do progresso intelectual. Era necessário desenvolver, lançar as sementes da cultura e do saber. E foi

esse o motivo determinante da fundação da Academia Goiana de Letras. Que aliás, quando lá foi fundada, Goiânia tinha, apenas, quatro anos de existência. Ela foi fundada como órgão de cultural e de difusão da cultura, em 29 de Abril de 1939. Vai fazer agora 50 anos. É certo que a escolha de Pedro Ludovico para Presidente de Honra se prendeu ao apoio que ele deu à idéia. Ele, como Governador, apoiando a idéia, ela se tornou muito mais viável. Então, nós vínhamos do berço da cultura, vínhamos de Goiás, e o que eu dizia na ocasião, na minha representação, que hoje eu posso dizer a vocês para ficar-registrado, era justamente que as duas cidades deviam viver unidas. Porque Goiás foi o berço das tradições, de cultura; Goiânia é uma perspectiva do presente para o futuro quer dizer, era um princípio do porvir.

**Profª. Maria Ruth:** *Professor, como eram as relações de Dr. Pedro como os intelectuais?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - "Eram boas as relações. É certo que o governo estava muito envolvido em atividades de ordem material, que era justamente a construção da Capital. Com um complexo muito grande, construção de prédios públicos e outras preocupações decorrentes da feitura, da instalação de uma cidade, justamente de uma cidade destinada a ser a capital do Estado. Nós fizemos um apelo que essas duas cidades que estavam se hostilizando, porque na velha Capital a maioria era contrária à mudança, deveriam viver unidas. Uma como tradição e outra como prenúncio do futuro.

**Profª. Maria Teresinha:** *Professor, onde foi o lançamento da Pedra Fundamental de Goiânia?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - "A Pedra Fundamental de Goiânia foi lançada em 1933. Houve uma missa campal. Vocês me perguntaram e é interessante registrar o local, que foi, justamente, aonde se construiu o Palácio das Esmeraldas. Onde compareceram, a convite do Governador, numerosas pessoas. Foi registrada uma ata, o Professor Paulo Fleury que era membro, redigiu essa ata. 1 - Membro da Comissão para a escolha do local da Nova Capital. N.T.

**Profª. Maria Teresinha:** *Com relação às primeiras construções de Goiânia, o que o Sr. tem para depor?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - "As construções iniciais foram o Palácio do Governo, o Prédio que seria a sede do Governo: o Grande Hotel, porque era necessário um hotel para abrigar as pessoas, as autoridades, etc.; o Grande Hotel foi um dos primeiros prédios. Depois, posteriormente a ele, alguns anos depois, a construção do prédio de Cine Goiânia (hoje Teatro Goiânia). E seguiram-se

aí a construção dos prédios públicos, dos diversos prédios públicos para abrigar a administração.

E a primeira rua que abrigou esses prédios foi a rua 20. Na rua 20, aonde o governo se estabeleceu ali, num prédio que foi a primeira sede do governo, que hoje infelizmente foi destruído e no lugar dele construíram uma ... Nunca deveria ter acontecido isso, para preservar a História. Foi uma idéia infeliz de extinguir uma edificação. O Governo construiu dez prédios modelos que abrigaram a Secretaria, os auxiliares do Governo. Então eu tive a ventura de ocupar e adquirir o prédio que eu estava morando. Foi um prédio que, afinal de contas, dos dez prédios, naquele tempo, foi o primeiro. Foi o registro número um (nº 01), folhas 01, onde se estabeleceu a Secretaria Geral, onde funcionou, durante muitos anos, a Faculdade de Direito. Anos depois, transformaram o prédio, onde ficou sendo sede da Justiça Federal. Algumas outras casas abrigaram os elementos de Governo. Foi o começo, porque, realmente, antes disso o Governo funcionava numa casa de tábuas, debaixo de um tamboril. O Governo ali dava as ordens; era muito primitivo, não era possível continuar assim. Daí a idéia de que fosse construída, que num dos prédios fosse destinado a abrigar o Poder Executivo.

**Profª. Maria Teresinha:** *Teve alguma preocupação quanto ao estilo a ser construído, estilo arquitetônico?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Foi um estilo muito bom. A Velha Capital, a cidade nasceu com a mineração. Eu estava até conversando com a Teresinha sobre muito notável que é do Capistrano de Abreu.<sup>1</sup> Ele escreveu uma obra intitulada “Cidades Brasileiras”, em que começa dizendo que os núcleos populacionais se fundam sempre com uma motivação, têm sempre um motivo. Capistrano foi quem qualificou as cidades. Ele disse que o primeiro tipo de cidade que o Brasil possuiu foi a cidade criada pelo ouro. Eram agrupamentos que nasceram da exploração do ouro, então isso é chamado Ciclo do Ouro. Aí temos Vila Boa, tivemos Vila Velha, que é Cuiabá e outras. Agora, depois desse Ciclo de Ouro, a mineração desenvolveu, considerou, progrediu, depois regrediu, com a queda dessa motivação os núcleos populacionais estacionaram e alguns deles regrediram. Então nasceu daí o que? Nasceu daí a idéia de fazer as cidades que ele classificou de industriais. Por exemplo: Juiz de Fora, nasceu da indústria agrícola; Ribeirão Preto, era o café, era a indústria do café. A motivação foi outra. Depois, no cimo disso tudo estava a preocupação de fazer uma cidade dentro dos postulados científicos do urbanismo. A motivação foi diferente. Essa era a cidade planejada. Essa é Goiânia através de novos motivos, quer dizer, organizar uma cidade em moldes técnicos, funcionais, de abrigo de

uma população, de expansão, de desenvolvimento.

**Profª. Maria Ruth:** *Professor, como era o ambiente cultural no início?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “O ambiente cultural de Goiânia no começo foi precário, porque, realmente, não havia meios para se dedicar mais intensamente à cultura. De sorte que nós vivemos um período em que a cultura foi cultivada com a mudança dos órgãos culturais da Velha Capital para a Nova Cidade. Mudou o Instituto Histórico e Geográfico, fundado em 1932; o Instituto dos Advogados. São órgãos culturais para a Nova Capital. Isso importou em uma conquista valiosa, por que são órgãos que já tinham renome, já tinham passado de realizações e que se incorporaram à paisagem cultural de Goiânia”.

**Profª. Maria Terezinha:** *E o Batismo Cultural, em 1942?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Esse é de uma importância capital. O Batismo Cultural de Goiânia foi o “début” da cidade no conceito nacional. Foi a apresentação de Goiânia à comunidade nacional. Tanto que Pedro Ludovico no discurso dele, que, aliás, é uma peça muito importante, muito relevante, ele entregou a Cidade à comunidade nacional. Foi muito relevante! Além dele fazer essa entrega à comunidade nacional na presença aqui de uma série de altas autoridades. Foi a primeira reunião de elementos da administração do Conselho Nacional de Geografia e Estatística. Ele fez uma recapitulação, uma específica da razão de ser da cidade, de como ela nasceu e de como ela deveria ser. De sorte que, Pedro Ludovico, nesse encontro nacional, na solenidade de instalação, de inauguração da sede, ele ofereceu ao Prefeito, entregou ao Prefeito Venerando de Freitas Borges uma chave de ouro, vinda de Luziânia. Era a chave da Cidade. Teve muito sentido e teve muita repercussão esse gesto de entregar a chave para o Prefeito. Agora ela tem uma outra significação muito grande para Goiânia. É que ela é o sentido de brasilidade da construção da cidade. Era como que uma razão de ser inspirada, principalmente nas raízes da nossa civilização. Não era uma importação, não era um núcleo precursor, da civilização litorânea, porque o litoral foi precursor, não tinha condições e aqui, nasceu no centro do Brasil. Era uma cidade que representava o sentido muito puro de brasilidade. E isso foi traduzido nas manifestações em que levadas a efeito, justamente, nesse encontro nacional, nessa cidade.

**Profª. Maria Ruth:** *Professor, e o Dr. Pedro Ludovico dava apoio a esses investimentos culturais? Esse Batismo Cultural não foi apenas um evento ou ele teve espírito, realmente, de contínuismo, de continuidade?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Não, dava. Ele deu apoio. Ele deu, inicialmen-

te, até um bom apoio à idéia. Ele deixou o próprio nome dele ligado a isso pelo apoio que ele dava. Ele compreendeu que não podia cuidar só dos interesses materiais. Ele aceitou a idéia de que nós tínhamos que pensar na cultura. E isso foi gratificante para nós pioneiros. E isso representou o elo do governo. É certo que não foi tanto quanto devia ser. Esse apoio foi relevante, não tenha dúvida que se destinava a crescer, a se desenvolver, quando a cidade já tivesse melhores condições de receptividade, meio físico adequado ao desenvolvimento, ao cumprimento dos objetivos dessas entidades”.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Teresinha:** *Professor Colemar, o Sr. teve alguma dificuldade em se relacionar com o Dr. Pedro, enquanto homem público?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Eu tive uma divergência política com o Governador. A Comissão Executiva do PDS se sentiu melindrada com o fato do Governador não ter consultado a Comissão Executiva para a escolha do Governador. Então, houve uma cisão no partido. Dessa cisão eu fiz parte e nós, então, escolhemos um outro candidato. Ficou o candidato apoiado pelo Governo. Não venceu. Quem venceu foi o candidato da dissidência, que foi o Jerônimo Coimbra Bueno. De sorte eu fiz parte divergindo da orientação que rompeu com o Governo. Eu tomei parte ativa da luta pela eleição de um novo governador que não era o apoiado por ele”.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Teresinha:** *O Sr. recorda o nome?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - ‘Eu tinha mencionado, lá no Museu Pedro Ludovico, que era o José Ludovico. Eu corrigi isso; não é o José Ludovico, também foi candidato, mas em outro período. Era o Peixoto da Silveira. Esse é que foi o candidato votado. O candidato eleito foi o Jerônimo Coimbra Bueno, que depois foi consagrado até como um dos fundadores de Goiânia, porque ele fez parte da Comissão como engenheiro da Firma Coimbra Bueno”.

**Prof<sup>a</sup>. Ruth:** *Professor, com a sua construção, Goiânia atingiu só objetivos propostos na sua idealização?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Muitos deles Goiânia atingiu. Alguns não se concretizaram, na extensão que nós sonhávamos para uma capital, por uma série de limitações, notadamente, de ordem financeira. Agora, hoje, sim. Hoje, atualmente, nós podemos considerar que há um estágio cultural satisfatório: Goiânia com duas universidades; Goiânia com 16 entidades culturais. Havia uma dissonância entre o estágio cultural de Goiânia e o meio físico em que essas exerciam as suas atividades. Nessa ocasião nós postulamos a idéia de

construir o Palácio da Cultura, que seria justamente a sede de todos as entidades culturais. As entidades culturais existentes, algumas com longo passado de realizações, não tinham sede própria. A Academia Goiana não tinha; a Academia Feminina não tinha; a União Brasileira de Escritores não tinha. Em suma, essas entidades não tinham sede própria. Algumas vieram a ter posteriormente. Mas ainda hoje, nós temos projetos que não foram realizados para completar essa atividade. Agora, a Academia Goiana tem a sua sede; a Academia Feminina tem a sua sede; a União Brasileira tem a sua sede; a Associação Goiana de Imprensa tem sua sede, e assim por diante”.

**Profª. Ruth:** *Professor, já que o senhor falou das dificuldades de condições de construção de sede própria para as instituições que não tinham, o senhor poderia dizer alguma coisa da criação da Universidade?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Essa é uma pergunta muito gratificante para mim. Eu recebo com muita alegria. A criação da Universidade foi uma luta intensa: Era o ideal da mocidade. Foi criada uma entidade chamada Associação Pró-Criação da Universidade Federal de Goiás. Era uma entidade pró-criação da Universidade Federal, quer dizer que os elementos, esses elementos que participam dessa entidade, eram justamente cinco unidades: era a Faculdade de Direito, pioneira; a Faculdade de Engenharia; a Faculdade de Odontologia; o Conservatório de Música, depois transformado em Instituto. Eram cinco unidades. E como me coube a alegria, como pioneiro da idéia, de ser o Presidente dessa Comissão, então, nós iniciamos uma campanha organizada, no sentido de postular essa criação da Universidade Federal. Houve várias viagens, vários contatos. Argumentava-se que Goiás não comportaria duas universidades. Era ilusório isso, não correspondia à realidade, porque havia as universidades católicas em outros Estados e as universidades federais. Aliás, era um estímulo à existência de duas universidades. Sorte que, nós acabamos vencendo esses óbices e o Presidente Juscelino Kubitschek deu apoio à criação da Universidade Federal, aliás, cumprindo uma promessa que ele fez em campanha política, no sudoeste do Estado, ele prometeu isso. Então, depois de uma arregimentação muito intensa, depois de sanados os óbices que eram apresentados à direção. Depois de superar essa motivação toda no Palácio das Esmeraldas, no próprio terraço do Palácio do Governo, Juscelino Kubitschek assinou a lei criando a Universidade Federal. É o arremate. Aí, depois de coordenar as idéias de implantação, no dia 07 de Março de 1961, nós instalamos, no Cine Teatro Goiânia, a Universidade Federal de Goiás”.

**Profª. Maria Teresinha:** *Com relação às primeiras pessoas que vieram povo-*

*ar Goiânia, de onde vieram essas pessoas? Do interior do Estado?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Não, vieram de todas as partes. Goiânia recebeu um fluxo de mineiros e paulistas, notadamente de mineiros e paulistas, de nordestinos e nortistas. Goiânia se tornou um centro de atividades apoiadas e prestigiadas por filhos de outros Estados. Tanto que, cidade livre, foi sede justamente do núcleo dessas atividades”.

**Profª. Maria Teresinha:** *Existe alguma particularidade do Dr. Pedro Ludovico, que o Sr. gostaria de deixar registrado?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Uma particularidade que eu acho interessante, porque na Velha Cidade, na Capital Antiga, a reação foi muito grande com essa idéia. Então houve uma ingerência notadamente dos órgãos políticos locais, o Prefeito, inclusive, no sentido de postular que Pedro Ludovico mudasse de idéia, que Pedro Ludovico não prosseguisse na execução do plano. Aí a firmeza, um fato singular que eu acho e é positivo, é benéfico, foi a declaração que Pedro fez na Comissão que foi até ele para com o apoio de vários elementos, inclusive da política, lhe pleitear essa modificação. Ele disse textualmente para essa Comissão: “Só Deus me faria mudar de idéia”. Esse seu pronunciamento teve repercussão muito grande e representa uma singularidade na vida política do Estado”.

**Profª. Maria Ruth:** *Professor, atualmente, o Sr. ocupa a Presidência do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura - IBEC - O Sr. poderia falar alguma coisa desse Instituto?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura é no sentido federal de organização, o órgão mais importante de divulgação dos problemas culturais. A UNESCO é subscrita por 150 países. Existe aqui, instalada por nós, depois de uma preparação que foi relativamente longa de uma ambientação, existe uma delegação estadual do IBEC, do Instituto Brasileiro. É a continuação desse. Nós temos um programa, porque a UNESCO, ela foi constituída em 04 de Novembro de 1946 e ela já comemorou 40 anos de aniversário. Quer dizer que as razões da motivação do órgão e a execução de elevados objetivos que justificaram na atual conjuntura, quer nacional, quer internacional, tem um sentido muito profundo, muito amplo, muito abrangente. O que cabe mencionar, inicialmente, para ilustrar a resposta da pergunta que vocês fazem, que me é feita. É que o governo brasileiro tem dado um apoio relevante ao Instituto. Ele tem dado um apoio relevante na sociedade das Nações integrantes. Ele vem, plenamente, apoiando os ideais da Entidade. Nós estamos, também, com um programa aqui intenso de realizações em torno da

ampliação, da implantação mais ampla, mais genérica, mais produtiva, decorrentes da criação desse órgão. Já fizemos uma solenidade, lá na Universidade, de comemoração. Agora há uma referência que eu gostaria de fazer completando a pergunta. É que o Brasil foi o primeiro país a conter ... os da Convenção de Londres, criando uma Comissão Especial à Conferência Geral. O programa do IBEC, é um programa amplo, basta dizer o seguinte, abrangente. Ele é o Instituto de Educação, Ciência e da Cultura e é em prol da Educação, da Ciência e da Cultura que as nossas atividades se exercem.

**Profª. Maria Teresinha:** *Professor, quanto às primeiras construções de Goiânia, voltando um pouco ao início de Goiânia, nós gostaríamos de saber, como que eram feitas os estilos das construções, das casas, principalmente dos funcionários públicos?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “As construções obedeceram a um estilo novo. Não havia mais o tipo antigo, convencional. As casas tiveram um estilo diferente, bem diferente. Eram tipos de bangalôs, tipos diferentes do clássico, das casas antigas, das construções antigas. Era um estilo novo, mas com as exigências do urbanismo. As primeiras casas construídas, elas obedeceram a um novo estilo, mais moderno, mais amplo, mais atualizado na arquitetura moderna. Isto se desenvolveu durante muito tempo. Aquele estilo antigo não teve representantes aqui”.

**Profª. Maria Teresinha:** *O Colonial?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “O estilo colonial parecia com uma coisa exótica, daqueles que tinham muito dinheiro gostavam de fazer, de lembrar. Mas, não era a norma. A norma era um estilo novo de habitação. E esse era de melhor técnica e de uma arquitetura mais atualizada”.

**Profª. Maria Teresinha:** *Existe algum fato que o Sr. queira deixar registrado a respeito do bairro de Campinas. De como as pessoas aqui de Campinas reagiram quando ficaram sabendo que o local escolhido havia sido Campinas?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Houve um entusiasmo muito grande. Houve uma colaboração de Campinas, para que a cidade fosse a área escolhida. Nós tivemos o apoio do Prefeito Licardino de Oliveira Ney. Nós tivemos um apoio das entidades. O povo, em geral, ficou muito animado com a idéia de transformar uma cidadezinha modesta como era Campinas. Eles pensavam nos efeitos benéficos que seria a Capital próxima da área de Campinas. Houve muita participação, muito entusiasmo e muita colaboração em prol da execução desse ideal”.

**Profª. Maria Ruth:** *Tem alguma coisa que o Sr. gostaria de dizer, professor, de acrescentar?*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “O que eu menciono de mais grave, é o atual momento de cultura, é o atual momento de desenvolvimento da cidade em todos os setores. Ainda há muitas deficiências. O plano é grande, é muito amplo, exige ainda, requer ainda muitas atividades. Mas Goiânia realmente já representa uma realização pioneira e com boas perspectivas de ampliação, sem largas limitações financeiras, são o empecilho de um desempenho mais amplo, completo, que uma cidade moderna deve ter. Agora, na cultura, a então Academia Goiana de Letras está com uma cooperação muito boa. Dentre dos seus presidentes, dos seus ex-presidentes, notadamente do presidente último, do Ursulino Leão. Está tendo agora um programa muito intenso, muito abrangente, muito oportuno, do atual presidente, José Mendonça Teles. Nós estamos em plena atividade. A Academia não é um reduto de intelectuais aposentados, como muitos são. Não, é uma fonte permanente de cultura, de inovações, de consciência dos objetivos culturais mais amplos que ela deve ter. Para mim, particularmente, é muito grato, porque tendo sido a iniciativa que partiu de mim, tendo sido um título que me é muito grato apresentá-lo. Fundador da Academia Goiana de Letras, nada mais grato para mim, relevante, do que ver a Academia cumprindo as suas nobres e altas finalidades”.

**Profª. Maria Ruth:** *Obrigada, Professor.*

**Profª. Maria Teresinha:** *Obrigada, Professor Colemar.*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Eu estou tendo uma sensação agradável dessa organização aqui. É até original. Nós ainda não tínhamos uma coisa tão boa, tão adequada, tão propícia, e aqui é para ficar. Eu já disse para elas aí, que nós seguimos um postulado, um preceito romano. Os romanos diziam que: “Verba volant, scripta manent”, quer dizer: “A palavra voa, mas o escrito fica”. Então isso aqui é para ficar dentro do critério, da técnica, é muito grato estar aqui com vocês, de ver aquilo que está sendo feito aqui, neste Museu, que aliás, tem o nome expressivo, que é o do Gustav Ritter.<sup>4</sup> (Gustav Ritter - nome do Centro Cultural).

**Profª. Maria Teresinha:** *Nós gostaríamos de agradecer a presença do Sr., gostaria de deixar registrado que hoje é o nosso primeiro depoimento. Nós estamos, quer dizer: “Debutando o stúdio.”*

**Prof. Colemar Natal e Silva** - “Isso é mais uma honra que vai para o meu “Curriculum” (risos). Felicidades a vocês. De forma que, se a experiência, se a vivência dos problemas culturais, se for necessária a minha vivência, ela está à

disposição de vocês. Eu felicito à Diretora e felicito os elementos que estão participando disso, porque é eminentemente útil, construtivo. Eu é que agradeço as atenções que me fizeram aqui, o registro que vai se fazer através do que eu pude falar”.

**Prof.<sup>a</sup> Maria Teresinha: Obrigada.**

**Prof.<sup>a</sup> Maria Ruth: Obrigada.**

---

## ABSTRACT

### PROFESSOR COLEMAR NATAL E SILVA'S TESTIMONY

*The oral testimony of Professor Colemar Natal e Silva was elaborated and collected by the Professors Maria Ruth Rocha and Maria Teresinha Campos de Santana, and it was transcribed by Professor Cecília Brazão Costa to the Sound and Image Museum of Goiânia. This testimony reveals interesting in the creation of a New Capital which tries to free itself from an older cultural heritage, but which confirms the presence of the 'polis' in political, economic educational, and cultural aspects that have already been thought in a different way, incorporating a new vision and a new model for the future. He created the main institutions in the State in the areas of law, education, research, and history. In addition he was the keeper of archives and of memory, culture, and of the artists, writers, historians, and geographers associations and all the areas of common interest. He belongs to the pioneers' family although he was born in the historical São José do Tocantins, nowadays called Niquelândia.*

---

**Keywords:** Goiânia, ideas, culture, entities, works.

---

### NOTAS

- 1 - Antonio Pireneus de Souza
- 2 - Dr. Laudelino Gomes de Almeida
- 3 - Antonio Augusto de Santana
- 4 - Gustav Ritter - Escultor, ex-Professor do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás (UFG).

# DEPOIMENTO SOBRE WOLF JESCO VON PUTTKAMER

*Jerônimo Coimbra Bueno\**

No governo de Goiás, sugestionado pelos Senhores Ministros Jorge Latour do Itamaraty, como promotor do I Congresso Brasileiro de Imigração e Colonização”, em Goiânia, e pelo sertanista Wolf Jesco Von Puttkamer, resolvi empenhar-me a fundo no governo de Goiás, num esforço conjugado junto aos governos Federal, Estadual e Entidades Internacionais, no sentido de dar toda a cobertura e apoio possíveis a uma iniciativa audaciosa, sobretudo capitaneada pelas Entidades “Auxílio do Operariado Suíço”; “Auxílio Suíço para o Estrangeiro (Caritas)”, bem como “Caritas Suíça para a América do Sul”, esta representada no Brasil pelo Dr. J. Vayda contando com o apoio financeiro da “Comissão de Imigração da Ajuda Suíça-Europa”, e outras, todas visando à imigração progressiva da Europa para o Brasil, de até vinte mil famílias de Suábios, (Danubianos e outros ), gente altamente capacitada para opinar, instalar e desenvolver numerosos núcleos de produção agro-pecuária e sua industrialização com vistas aos mercados interno do Brasil e exportação.

Empenhados na campanha do preparo da região Goiana do Planalto Central do Brasil, para receber o impacto de Brasília, foi fácil convencer o então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e autoridades dar seus apoios pessoais a tal iniciativa, mormente porque deveria se iniciado por um primeiro grupo de 500 famílias, que passaria a ser o primeiro passo, ou a “semente” do grande empreendimento.

Ao Ministro Latour e ao sertanista Jesco, foram logo se juntando os Eng. Abelardo Coimbra Bueno, o Prof. J. Stefan, os técnicos M. Moor, George Bernet, René Bertholet e outros responsáveis pelas providências iniciais relativas à imigração e colonização. A simples mudança da Capital do País para a região justificava grandes inversões com alta taxa de reversão, mormente considerado o fato de que os colonos viriam em sucessivas levas, que uma vez instalados iriam consolidando o empreendimento.

Um dos primeiros passos foi dado em 1949, por uma Comissão Suíça de Trabalhadores e Sindicalistas que visitou e estudou as áreas previstas no Planalto Central e concluiu pela viabilidade e alta conveniência da iniciativa.

Em Julho de 1959, na já referida “Comissão de Imigração da Ajuda

---

\* Engenheiro construtor da cidade de Goiânia, ex-Governador do Estado de Goiás e ex-Senador da República pelo Estado de Goiás.

Suíça-Europa". Diversos especialistas e entidades opinaram favoravelmente ao empreendimento, como sejam:

- . A Organização São Raphael de Hamburgo;
- . O Ministério para Indústria, Profissões e Empregos "Biga" de Berna;
- . A F.A.O pelo prof. Wahlen de Washington-USA;
- . A I.R.O pelo Dr. Kuhlman, de Genebra;
- . O Ministro Charles Redard ( Newchatel );
- . O Comitê Internacional da Cruz Vermelha de Genebra, pelo Dr. Akar;
- . O Sr. Georges Lobsinger, também de Genebra.

Enfim, todo o imenso esforço feito com entusiasmo resultou na imigração das primeiras 500 famílias, e a Colônia de Entre Rios, no Paraná, atualmente testemunha o sucesso do grande empreendimento que merece continuidade de ação nos dias de hoje.

Tudo indicava que Goiás, sempre o mais atuante e presente nas "demarques" teria o seu Planalto Central contemplado com este 1º grupo "semente" de imigrantes, mas surgiu um evento imprevisível, em face do resultado negativo de uma eleição infeliz, que devolveu o governo local para o mesmo e retrógrado grupo político que absurdamente sempre combateu - no passado - a imigração e a contribuição dos competentes estrangeiros. No poder, mesmo transitório, aquele grupo de políticos passou, na época, a simplesmente ignorar o assunto, como se não existisse.

Todo o trabalho de Goiás, na prática e em boa hora, reverteu em favor do Paraná, cujo governo recebeu as primeiras 500 famílias, de braços abertos, oferecendo assistência e todas as facilidades possíveis, inclusive ótimas terras em região privilegiada, perto da cidade de Guarapuava, desde então em franco desenvolvimento e hoje tornando surpreendente pelo trabalho dos Suábios.

Felizmente todos os brasileiros poderão hoje, cinquenta anos decorridos, visitar e se empolgar com um dos empreendimentos imigratórios mais felizes e bem sucedidos do Brasil, com cinco Comunidades de Suábios reunidos na "Cooperativa Agrária Mixta Entre Rios Ltda (Agrária), bem como na "Agromalte S/A (Industrialização), empresas estas responsáveis por uma grande produção agrícola e pecuária, destacando-se a cevada (já industrializada) que abastece 80% do consumo nacional, às vésperas do seu período de exportação dos excedentes, para gerar divisas para o Brasil. Além da cevada estão em franco desenvolvimento as culturas de arroz, cereais, milho, soja e trigo.

As 5 Comunidades, destacando-se a de "Entre Rios", com centenas de casas e milhares de Suábios e seus descendentes, já apontam para uma nova e grande cidade capitaneando uma colonização que pode ser considerada como a mais bem sucedida do Brasil, ora em vertiginoso progresso.

É de justiça um destaque todo especial aos trabalhos e esforços excepcionais do sertanista verde nº 1 do Brasil, Sr. Wolf Jesco von Puttkamer, agraciado com os títulos de Doutor "Honoris Causa" pela Universidade Católica de Goiás (UCG) e Cidadão Goiano, pela Assembléia Legislativa de Goiás, e que, com meu testemunho de governador, - com sua competência, dedicação e entusiasmo, foi ao lado de Goiás e do Brasil quem mais lutou pelo sucesso da vinda dos Suábios.

Rio de Janeiro, 1990  
Jerônimo Coimbra Bueno

# BRIGADEIRO FELICÍSSIMO DO ESPIRITO SANTO PERFIL BIOGRÁFICO E GENEALOGIA

*Antônio César Caldas Pinheiro\**

---

## RESUMO

*O Autor traça o perfil biográfico de uma das destacadas figuras goianas do século passado, a do Brigadeiro Felicíssimo do Espírito Santo, bisavô do atual Presidente da República, embasado em consolidada pesquisa genealógica, reparando erros e ampliando a história dos municípios citados neste artigo.*

---

**Palavras-chave:** *biografia, genealogia.*

---

Há alguns anos tentando mitigar a sede curiosa que temos sobre a genealogia das famílias goianas, chegou-nos às mãos o livro "COISAS DE BAÚ VELHO", de Domingos Vellasco. Saboreando tão prestante obra, procuramos, segundo um costume nosso, datar, através de pesquisas nos diversos arquivos de Goiás, os nascimentos, casamentos e óbitos citados no livro. Aguçou-se-nos a curiosidade principalmente sobre a pessoa do Brigadeiro FELICÍSSIMO DO ESPIRITO SANTO, nome que ouvimos falar desde a nossa infância, por ter o Brigadeiro residido por muitos anos em Itaberaí, nossa terra natal, onde deixou seu nome ligado a um dos logradouros daquela cidade.

Agora, mais recentemente, encontramos publicados no Jornal do Brasil, edição de 7/10/94 e em O POPULAR de 31/10/94, matérias que relacionavam a ascendência de FELICÍSSIMO DO ESPIRITO SANTO, dando-o como descendente direto, pelo lado materno, dos VELLASCO MOLINA, o que os documentos por nós compulsados não corroboram.

Na antiga Vila Boa, pesquisamos no Arquivo Geral da Diocese de Sant' Ana, na Fundação Educacional, Museu das Bandeiras e no Cartório de Famílias, arquivos que guardam preciosidades sobre o passado da terra e da gente de Goiás, palpitando em seus papéis amarelecidos a vida dos mais de dois séculos de nossa história. Ainda à procura de dados, compulsamos o Arquivo Histórico

---

\* Pesquisador e Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Estadual de Goiás, em Goiânia,, e entrevistamos familiares da família Espírito Santo, tendo muito nos ajudado a Senhora Maria José do Espírito Santo Machado (Maricota), a quem agradecemos a gentileza com a qual fomos recebidos.

Em genealogia, é preciso que se diga, difícil é que se não cometa enganos, principalmente quando não se vai à cata de documentos que possam dar certeza aos fatos narrados.

A história oral, sabemos, é perigosa, no sentido de ser mais confiável somente a acontecimentos de vulto, que causam impacto e conseqüentemente impregnam-se nas memórias; quanto a fatos costumeiros e quotidianos, deixa muito a desejar.

Assim é que quanto a mãe do Brigadeiro FELICÍSSIMO DO ESPÍRITO SANTO que “COISAS DE BAÚ VELHO”, diz ser Mariana de Velasco Molina, os documentos que encontramos dão-no como filho de Rita Porfíria da Silva e Oliveira. A comprovar o que dizemos, transcrevemos aqui, apenas passando para a grafia atual, o Termo de Batismo de FELICÍSSIMO DO ESPÍRITO SANTO:

“Aos quatro de outubro de mil oitocentos e trinta e cinco, nesta Freguesia de Sant’Ana, o padre Francisco Pires do Prado batizou solenemente, e pôs os Santos Óleos ao inocente FELICÍSSIMO, filho legítimo de Manoel Pereira Cardoso e sua mulher Dona Rita Porfíria da Silva. Foram padrinhos José Joaquim da Silva e Dona Ana Justina de Velasco, e de que para constar, mandei fazer este”.

Não há assinatura do padre ou mesmo do escrivão eclesiástico e o termo se encontra registrado no livro 6 de batizados da freguesia de Sant’Ana de Goiás, às folhas 288v.

Confusos quanto às informações da ascendência materna de FELICÍSSIMO, mesmo frente ao batismo acima transcrito, procuramos encontrar outros dados que clareassem indubitavelmente este impasse. A acudir-nos, então, veio-nos às mãos um documento existente no Cartório de Famílias da Cidade de Goiás, que lançou luzes sobre os antepassados maternos do bisavô do Presidente FERNANDO HENRIQUE CARDOSO.

O documento em questão é o testamento de Dona Rita Joaquim Correia de Sá, nascida na Cidade de Goiás, exposta em casa de Tomás de Souza e criada pela filha deste, de nome Tomásia Joaquim Correia de Sá. No seu testamento, escrito a 14 de fevereiro de 1855, Dona Rita Joaquim declarou ainda ter vivido sempre solteira e que neste estado teve cinco filhos, a saber:

F1- MARIA DOS PRAZERES VELASCO MOLINA

F2-ANA DA SAUDAÇÃO VELASCO MOLINA casada com o capitão João Rodrigues Jarim.

F3-MANOEL JOSÉ DA SILVA E OLIVEIRA, residente, na época, na Vila do Desemboque, Minas Gerais, casado com filha do finado Balduino César França.

F4-EMERENCIANA VICÊNCIA DO SACRAMENTO, já falecida à época do inventário. Era solteira.

F5-RITA PORFÍRIA DA SILVA E OLIVEIRA, também já falecida naquele tempo e foi casada com o capitão Manoel Pereira Cardoso, deixando 6 filhos: Maria Joana, Flaminia, Felicíssimo, José e Manoel, os quais representando sua mãe, foram herdeiros de Dona Rita Joaquina.

Como se pode depreender do testamento, aberto na Cidade de Goiás a 26 de maio de 1855, FELICÍSSIMO realmente não é filho de Mariana de Velasco Molina, aliás, Mariana nem existiu. Duas filhas de Dona Rita Joaquina - Maria dos Prazeres Velasco Morina (nome confundido para Mariana) e Ana da Saudação Velasco Molina - sem dúvida, eram filhas de um Velasco, inclinándonos a crer como tudo indica, serem filhas ilegítimas de Joaquim Maurício de Velasco Molina. Este, que era casado com Dona Francisca dos Santos Silva, teve, com esta, os filhos José Maurício, João Maurício, Joaquim Justiniano, Ana Júlia e Joana Carlina de Velasco Molina. As outras duas filhas que "COISAS DE BAÚ VELHO", cita como suas filhas com Dona Francisca, não o são. Maria dos Prazeres e Joana da Saudação Velasco Molina são irmãs dos filhos de Joaquim Maurício, mas apenas pela parte paterna.

O engano em que se incorreu foi fruto do esquecimento que os anos trouxeram, mas que os papéis estão a comprovar de outra forma. E procurando elucidar ainda mais o que estamos afirmando, passaremos a dissertar, com base em provas documentais sobre a ascendência e descendência do Brigadeiro, FELICÍSSIMO, procurando também tecer sua biografia.

Para Goiás, em fins do século XVIII, veio o Alferes José Manoel da Silva e Oliveira, natural de Minas Gerais, filho do Sargento-mor João da Silva

e Oliveira, português, morador na região de Santo Antônio da Casa Branca de Ouro Preto e de Dona Joana Francisca de Paiva.

José Manoel assentou praça de Alferes da Companhia de Ordenanças que fora novamente ereta e criada no arraial das Cabeceiras do Rio das Velhas em 12 de fevereiro de 1791, no Governo de Tristão da Cunha Menezes. Em 1805, era Guarda-mor em Goiás, época em que pediu por sesmária três léguas de terra em comprido, na estrada real que ia para Cuiabá, adiante do Rio Claro (1). Foi Capitão-mor de Vila Boa de Goiás e sua Comarca por patente do Príncipe Regente Dom João, de 17 de janeiro de 1807, em razão de “ter vivido com toda a decência, honra e achar-se estabelecido com roças e lavouras na mesma Capitania e feito os mais relevantes serviços, assim no julgado de Desemboque que lhe deve a sua existência, como nas campanhas dos Pilões, as quais estariam desamparadas se ele com tanto desvelo não tivesse procurado povoá-las”(2).

Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa de sua Majestade, Coronel de Milícias, Comandante das Tropas da Comarca do Norte e encarregado da Navegação da Capitania de Goiás, para a do Pará, desempenhou muito bem todas estas funções, prestando relevantes serviços à Capitania de Goiás. Como Comandante da Comarca do Norte, juntamente com o Ouvidor Joaquim Teotônio Segurado, procurou incrementar a navegação do Tocantins que se fez próspera àquela época, tendo cooperado com isto o estabelecimento de uma linha de correios da Corte para o Pará, via Goiás. Também a estes dois homens, o Governador Dom Francisco de Assis Mascarenhas incumbiu da abertura de uma estrada em rumo direto, a partir de São Romão até Porto Real (Porto Nacional) sendo o já Coronel José Manoel da Silva e Oliveira, nomeado inspetor daquela estrada (3). Com a experiência que teve com a navegação no Norte da Capitania, escreveu uma “Descrição do estado atual da navegação dos rios Araguaia, Tocantins e Maranhão”, dirigida em 1808 a Dom Rodrigo de Souza Coutinho.

Este Coronel José Manoel da Silva e Oliveira, que faleceu assassinado em Traíras, mais ou menos em 1814, foi o pai de pelo menos dois filhos de Dona Rita Joaquina Correia de Sá: Manoel José da Silva Oliveira e Dona Rita Porfírio da Silva e Oliveira (mãe de Felicíssimo). Autoriza-nos a dizer isto a tradição da família de Felicíssimo do Espírito Santo (filho) algumas anotações deixadas por Felicíssimo do Espírito Santo Neto e o livro “Hildebrando de Araújo Pontes - Vida, Casos e Perfis”, editado pelo Arquivo Público de Uberaba em 1992 e que na página 83 confirma o que vimos dizendo: “O Sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira tinha seis irmãos legítimos e um natural. Dos primeiros se contam o Capitão General José Manoel da Silva e Oliveira, que foi assassinado em 1814, em Traíras, norte de Goiás, quando em

viagem à Capitania do Pará, iria assumir as rédeas do seu governo (sic). É o progenitor das famílias Pereira Cardoso, de Goiás, Silva e Oliveira (uma parte), Oliveira França, Araújo, etc, do Triângulo e de quem o obscuro autor destas linhas é Ternetto”.

Portanto, Dona Rita Porfíria da Silva e Oliveira, era filha do Coronel José Manoel da Silva e Oliveira com Dona Rita Joaquina Correia de Sá.

Não obstante a mãe de Felicíssimo não carregasse o nome Velasco, parece-nos que em suas veias corria uma porção do sangue desta família, que tantos homens de valor tem dado à História. Segundo o autor do livro acima citado (Pág.18), a família Silva e Oliveira” é descendente da Casa dos Condes e Marqueses de Távora, de Portugal”. Sabemos que os Távoras e os Velascos são aparentados, tendo mesmo o Capitão-mor de Vila Boa Francisco Xavier Leite de Távora (1744), a partir de certa data passado a assinar Francisco Xavier Leite de Velasco (4).

Dona Rita Porfíria casou-se na Cidade de Goiás, a 3.11.1825, com Manoel Pereira de Campos, como está no termo de seu casamento, Manoel Pereira Cardoso de Campos, ou Manoel Pereira Cardoso, nome mais encontrado nos documentos. Eis o termo:

“Aos três dias do mês de novembro de mil oitocentos e vinte e cinco, na Capela da Senhora do Carmo, às oito horas da noite, com Provisão do Ilustríssimo e Reverendíssimo Provisor e Vigário Geral, feitas as diligências do estilo, em minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, com palavras de presente, não havendo impedimento algum, guardada a forma dos Sagrados Cânones e Ritual Romano, receberam-se em matrimônio os contraentes Manoel Pereira de Campos e Rita Porfíria da Silva e Oliveira, e receberam as bênçãos nupciais. E para constar fiz o presente.

O Cura Joaquim Vicente de Azevedo

Manoel José de Azevedo

Teodósio Manoel Leite”

(Livro 6 de casamentos, fls. 7)

Deste matrimônio houve oito filhos que são:

F1- Porfíria, nascida a 18 e batizada “in articulo mortis”, a 22.02.1826. Padrinho, o padre Manoel Camello Pinto.

F2- Maria Roberta Pereira da Silva, batizada na Catedral a 6.4.1827, recebendo por padrinhos Manoel

Macedo Silva Bacelar e Dona Maria Josefina de Velasco Molina. Casou-se a 26.11.1846, em Goiás, com José Vitor Esselin(1812-15.1-1875 francês, aportado no Brasil a 22.04.1840, vindo de Gênova e que veio para Goiás, aqui se dedicando à sua profissão de serralheiro. Tiveram pelo menos:

N1-José Vitor Esselin, que se casou em Santa Rita de Antas, em 27.11.1869, com Maria Rodrigues de Moraes, filha de Antônio Rodrigues de Moraes e Rita de Cássia.

N2-Otaviano Esselin (falecido a 14.1.1817), ex praticante da Navegação do Araguaia. Em 1871 era praticante interino da Tesouraria de Goiás. Foi nomeado Inspetor da Tesouraria Geral de Alagoas, em 1880, como noticiou o jornal "O COMÉRCIO", nº 43, de 20.10.1880. Residiu no Rio de Janeiro. Casou-se a primeira vez com Rosa de Amorim Godinho, nascida a 3.5.1857, e falecida a 27.2.1877, com sucessão. A segunda vez casou em São Paulo, não deixando filhos.

F 3-Porfíria (2º) batizada a 16.11.1829 na Catedral de Goiás, recebendo por padrinhos José Joaquim da Silva e o Sargento Joaquim Justiniano de Velasco. Cremos que faleceu na infância.

F4-Joana Eduarda Pereira da Silva, batizada a 15.05.1831, sendo seus padrinhos, José Joaquim da Silva e a avó Rita Joaquina Correia de Sá. Casou-se com João Clemente de Campos e não sabemos se deixou filhos.

F5-Flamínia Pereira da Silva. Casou-se a 27. 04. 1851, em Goiás, com o Capitão Speridião Batista Roquete Froes, filho de José Batista Franco e Mariana Honória Rodrigues Froes, natural de Sant'Ana dos Alegres, Pernambuco. Tiveram, pelo menos, um filho:

N3-Américo, nascido a 14 e batizado a 22.10.1855, no Presídio de Santa Bárbara, freguesia de Santo Antônio do Amaro Leite. Foram padrinhos o Capitão

Felicíssimo do Espírito Santos e Dona Emerenciana Vicência de Azevedo.

F6- Felicíssimo do Espírito Santo, de quem falaremos adiante.

F7-José Manoel Pereira Cardoso, nascido, segundo o inventário de sua mãe, em 1840 e sobre o qual nada mais encontramos. Em "COISAS DE BAÚ VELHO" consta que foi casado, não deixando filhos.

F8-Manoel Pereira Cardoso (Júnior) nasceu em Goiás, a 28.03 e batizado a 07.04.1848. Casou-se na Catedral de Sant' Ana a 1.05.1869, com Ana Rosa de Azevedo, filho de Rosa Teixeira de Carvalho. A respeito deste Manoel Pereira Cardoso Júnior, o Jornal do Brasil e O Popular respectivamente de 07. 10 e 31. 10. 94, publicaram ter ele se casado com sua prima Ana Benedita do Espírito Santo, o que é enganoso. Se ele tivesse se casado com Ana Benedita, não teria se casado com prima, mas com sobrinha. Deixou, pelo menos, os seguintes filhos:

N4-Manoel Pereira Cardoso (o 3º deste nome) nascido a 23.02 e batizado a 04.04.1870. Este é que se casou com Dona Ana Benedita do Espírito Santo, sua prima, filha de Felicíssimo do Espírito Santo e Ana Francisca da Cunha Moraes. Deixaram filhos.

N5-Pedro, nascido a 25.04 e batizado a 09.05.1872.N6-Rita, nascida a 31.07.1875 e batizada "in artículo mortis", a 23.04.1976.

Até aqui, falamos sobre a mãe e irmãos do Brigadeiro Felicíssimo, porém faz-se necessário que digamos algumas linhas sobre o seu pai, o Capitão

Manoel Pereira Cardoso, nascido no arraial do Pilar mais ou menos 1807, filho de Dona Maria Francisca de Jesus. Transferindo residência para a cidade de Goiás, ali se casou e viveu toda a existência. Foi, primeiramente, Amanuense da Contadoria da Junta da Fazenda, desde 17 de março de 1834 a 11 de julho do mesmo ano, quando passou a 3º Escriurário Interino da Tesouraria Provincial.

Pela Resolução de 30 de junho de 1836, foi nomeado Escrivão das Armas e Vedoria. Foi alferes pela resolução de 7 de abril de 1840 e 1º Tenente a 26 de setembro do mesmo ano e Capitão a 8 de dezembro de 1842. Serviu ainda como Comandante da Companhia de Artilharia da velha Capital “onde se empregou com zelo e aptidão”. Falecendo sua esposa, Dona Rita Porfíria na cidade de Goiás, a 8 de março de 1851, convolou segundas núpcias com sua cunhada, Dona Maria dos Prazeres Velasco Molina, meia irmã de Dona Rita Porfíria. Com esta, parece, não teve filhos, e assim o pensamos, pelo fato de que tendo Dona Maria dos Prazeres nascido em Goiás em 1815, quando se casou em 1868, já contava com 53 anos, idade pouco provável para que procriasse. Vejamos os termos de seu batismo e casamento:

“A vinte e nove de abril de mil oitocentos e quinze nesta Matriz de Vila Boa, batizou e pus os Santos Óleos à inocente Maria, filha natural de Dona Rita Joaquina Correia e foram padrinhos o Ajudante José de Souza Pereira e Dona Úrsula Maria Correia do que para constar fiz este assento que assinei.

O Cura Antônio Ribeiro de Abreu”

(Livro de batizados 6, fls. 30v. Goiás)

“Aos trinta e um dias do mês de maio de mil oitocentos e sessenta e oito, nesta Cidade de Goiás, em presença das testemunhas, o Capitão Inácio Xavier da Silva e Dona Maria Josefina de Velasco Molina, receberam-se em casamento, com palavras de presente, perante Sua Excelência Reverendíssima o Sr. Bispo Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo, o Major Manoel Pereira Cardoso com Dona Maria dos Prazeres de Velasco Molina, esta filha natural de Dona Rita Joaquina Correia de Sá, natural desta freguesia e aquele, da de Pilar, filho natural de Dona Maria Francisca de Jesus, e viúvo. Receberam as bênçãos núpcias. E para constar fiz este. Tudo no Oratório Episcopal.

O Coadjutor Padre José Iria Xavier Ser-

radourada.” (Livro de Casamento n° 4, fls. 112v., Goiás)

Dona Maria dos Prazeres Velasco Molina, viveu casada com Manoel Pereira Cardoso apenas 5 meses, pois a 15 de outubro de 1868 este faleceu em Goiás. Sobreviveu a ele por 13 anos, vindo a falecer no dia 25 de agosto de 1881, com idade de 66 anos.

Deste segundo matrimônio de Manoel Pereira Cardoso é que se originou o engano ao qual nos referimos e que está realmente elucidado.

## BRIGADEIRO FELICÍSSIMO DO ESPÍRITO SANTO

Nasceu na Cidade de Goiás, a 17 de setembro de 1835, filho de Manoel Pereira Cardoso e Dona Rita Porfíria da Silva e Oliveira (não Dona Maria dos Prazeres Velasco Molina, conforme “Coisas do Baú Velho”, pág. 15).

A despeito dos poucos recursos financeiros de seus pais, recebeu na Cidade de Goiás sólida instrução, aprimorando desde cedo a sua já manifesta inteligência.

Primeiramente, deve ter freqüentado a Escola Primária de Ensino Mútuo da Capital, criada pelo Ministério da Guerra em 1825 e posteriormente as aulas do então chamado Ensino de 2° Grau, com o professor Vicente Pinto de Souza (5). Com a criação do Liceu de Goiás, em 1846 e sua instalação em 1847, novas perspectivas surgiram para os jovens goianos sedentos de instrução.

Em 1851, Felicíssimo, com a necessária permissão de seu pai, requereu ao Liceu a sua matrícula na aula de Latim, pedido deferido a 1° de outubro de 1851. Estudou, então, com o padre José Ribeiro Dantas de Amorim, que lecionou naquele estabelecimento por cerca de dezessete anos.

Começou a trabalhar cedo, iniciando-se colaborador da antiga Tesouraria Geral da Província, Praticante e 1° Escrivário daquela repartição.

Sendo nomeado Tenente da Guarda Nacional, coube-lhe o comando do destacamento militar sediado no presídio de Jurupensem, na margem direita do Rio Vermelho, distante de Goiás cerca de 80 quilômetros. Neste local residiu por algum tempo.

Participou, a 4 de fevereiro de 1864, da instalação do Gabinete Literário Goiano, concorrendo, juntamente com outras pessoas graduadas da Capital, para a manutenção deste grêmio de cultura, sendo eleito seu fiscal nas eleições da diretoria nos anos de 1898 e 1899.

Apaixonado pela política, em certa ocasião, quando os ânimos políticos da Capital encontravam-se alterados, experimentou alguns dissabores. Querendo-o afastado da Cidade de Goiás, alguns elementos de influência no governo, destinaram-no para professor de primeiras letras em Leopoldina, hoje Aruanã, onde, no “Colégio Isabel”, lecionou aos índios catequizados, tendo sido, logo depois, nomeado diretor do mesmo estabelecimento.

Dessa experiência lhe valeu, mais tarde, ser nomeado para a função de Encarregado do Serviço de Catequese do Araguaia, quando recebeu a patente de “Brigadeiro”, tal qual acontecera a José Vieira Couto de Magalhães, fundador do Colégio.

A concessão da patente de Brigadeiro, nos ensina Genesco Ferreira Bretas (6), era costume dos tempos do Império, recebiam-na os súditos que possuindo real valor, desempenhavam sérias e difíceis missões em regiões distantes e perigosas. Daí o porquê de serem conhecidos os titulares desta patente por “Brigadeiros dos Índios”.

Regressando à Capital, foi nomeado Capitão da Companhia de Polícia, aposentando-se a 6 de fevereiro de 1878.

Mas foi na política que o Brigadeiro Felicíssimo se notabilizou como político honesto, inteligente e moderno. De maneiras atenciosas, sabia conservar suas relações de amizade, estando sempre voltado para os interesses do povo e o bem de sua terra.

Como um dos mais respeitados e eminentes chefes do Partido Conservador da província, o partido da monarquia, houve um momento em que foi o maior vulto da política de então, tendo merecido inteira confiança de estadistas da estirpe do Barão de Cotegipe, Barão de Porto Franco, Conselheiro Ribeiro da Luz e outros (7).

Eleito Deputado da Província várias vezes, foi também Conselheiro da Câmara da Cidade de Goiás. Como Presidente interino da Câmara foi que o Brigadeiro Felicíssimo instalou a Vila do Curralinho, hoje Itaberaí, no dia 10 de setembro de 1886. Neste lugar viveu por muitos anos, tendo contribuído sobremaneira para a sua melhoria, residindo, por algum tempo, na fazenda Palmital, a 3 quilômetros da localidade.

Em Itaberaí, exerceu as funções de Delegado, nomeado a 3 de julho de 1878 e de Inspetor Paroquial, por nomeação de 21 de junho de 1881. Lutando pelo progresso de Itaberaí, ao lado do Coronel Antônio Primo de Faria e do Capitão José Manoel da Silva Caldas, foi o principal propugnador da idéia de elevação de Curralinho à categoria de Vila, o que se alcançou facilmente devido à sua influência no ambiente político da Capital.

Vulto de real prestígio na província, entre os cargos públicos que de-

sempenhou, sobressai o de supremo Chefe do Executivo. Ocupou interinamente a presidência da província (Governador) por três vezes: de 11 de agosto de 1887 a 20 de outubro de 1887; de 3 de janeiro de 1888 a 6 janeiro de 1888 e de 20 de fevereiro de 1888 a 6 de março de 1889, passando o cargo ao Engenheiro Elísio Firmo Martins.

Na sua administração à frente da Província criou, a 29 de setembro de 1888, o foro Cível e o Conselho de Jurados de Itaberaí, dividindo o município em três distritos.

Na República, teve o seu nome indicado pelo Senador Canedo para, mesmo como elemento do Partido Conservador, formar a chapa para a Constituinte. Não aceitando sua indicação, foi incluído em seu lugar o nome de Canedo. Talvez sua recusa se devesse a estar na época pleiteando a eleição como candidato do Partido Católico de Goiás. (8)

De 1892 a 1894, residiu com a família na cidade de Pirenópolis, tomando parte como auxiliar da Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil, a Comissão Cruis, que demarcava o sítio da nova Capital da República.

Em 1896, passou a residir com a família na cidade de Uberaba, voltando para Goiás no ano seguinte.

Era Oficial da Ordem da Rosa, condecoração recebida em 1888, por serviços prestados à Província.

Faleceu na Cidade de Goiás como Senador Estadual, na manhã de 12 de junho de 1905. O Senador Estadual, por proposta do Senador Meirelles, aprovou no mesmo dia grandes homenagens ao extinto. A Assembléia foi representada nos funerais pelos Deputados Moisés Santana, Alonso de Souza e Taguatinga Viana.

Foi sepultado no Cemitério São Miguel e o seu nome é lembrado em Goiás como um dos filhos que mais enobreceu a terra do Anhangüera, deixando uma descendência ilustre, que muito honra o seu nome.

Casou o Brigadeiro Felicíssimo do Espírito Santo duas vezes. A primeira com Dona Emerenciana Vicência de Azevedo, nascida em Goiás a 11 e batizada na Catedral a 20 de julho De 1830, filha de Dona Ana Joaquina de Azeredo Coutinho. No termo deste casamento está escrito Felicíssimo Pereira Cardoso, o que nos parece ter sido engano do escrivão eclesiástico, pois em documentos anteriores Felicíssimo já assinava Espírito Santo. Este documento se encontra no Arquivo Geral da Diocese de Goiás, livro nº 4 de casamentos, fls.40 vº.

“Aos quatorze dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e cinquenta e oito, nesta Cidade de Goiás, em o Oratório Particular do reverendo Joaquim Vicente de Aze-

vedo, o padre Pio Joaquim Marques, com licença competente, em presença das testemunhas o Inspetor João Batista Carneiro e Tenente Coronel Joaquim da Rocha Maya, pela cinco horas da tarde, guardada a forma do Ritual Romano e Sagrados Cânones, ajuntou em casamento e deu as bênçãos nupciais a Felicíssimo Pereira Cardoso com Dona Emerenciana Vicência de Azevedo, esta filha natural de Dona Ana Joaquim de Azeredo e aquele do Major Manoel Pereira Cardoso e sua mulher, já falecida, Dona Rita Porfíria da Silva Oliveira, e para constar faço o presente.  
O Coadjutor Pe José Iria Xavier Serradourada.”

Deste primeiro consórcio teve o Brigadeiro Felicíssimo 7 filhos:

F1-General Joaquim Inácio Batista Cardoso, nascido em Goiás a 24.06.1860 e falecido no Rio de Janeiro a 7.03.1924. Em 1886 era Alferes, quando participou da instalação da Vila do Currálinho (Itaberaí), ocasião em que disse um discurso enaltecendo o Imperador D. Pedro II (Publicador Goiano, nº 82 de 18.09.1886). Casou-se no Rio de Janeiro a 04.03.1886 com Leonídia Fernandes. No dia 9 de setembro de 1953 foi inaugurado em Goiânia, no cruzamento da rua 3 com a 23, um busto do General Joaquim Inácio, doado à cidade por seus filhos, Generais Felicíssimo e Leônidas (9), este, pai do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Deixou o General Joaquim Inácio, 16 filhos.

F2-Ana Inácia do Espírito Santo Cardoso, nascida em Goiás a 1º e batizada na Igreja do Rosário a 10 de novembro de 1861. Faleceu a 3 de setembro de 1938, sem sucessão.

F3-José Inácio do Espírito Santo Cardoso, nascido em Goiás a 29 de dezembro de 1863 e batizado a 8 de janeiro de 1864.

F4-Joana Inácia do Espírito Santo Cardoso, nascida a

24 de junho e batizada a 16 de julho de 1865.

F5-General Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, nascido em Goiás a 31 de maio e batizado a 11 de outubro de 1894, com Dona Ana Fernandes. Faleceu no Rio de Janeiro a 23 de setembro de 1947. Com sucessão.

F6-João Inácio do Espírito Santo Cardoso, nascido a 23 e batizado a 26 de junho de 1868.

F7-Inácio. Não encontramos o seu batistério. Felicíssimo do Espírito Santo Neto, em suas anotações, disse que Inácio faleceu em junho de 1871. Queremos crer que este Inácio, falecido ainda criança, deve ser o mesmo João Inácio a quem nos referimos acima.

Falecendo Dona Emerenciana Vicência de Azevedo na Cidade de Goiás a 3 de agosto de 1871, contraiu o Brigadeiro Felicíssimo segundas núpcias, em 1873 (Expediente Eclesiástico, Correio Oficial nº 464, 29/3/1873), com Dona Ana Francisca da Cunha Moraes, nascida em Goiás a 25 de maio de 1848, filha do Capitão Tristão da Cunha Moraes, natural de Itaberaí e de Dona Ana Francisca da Fonseca, também de Itaberaí. Deste segundo matrimônio deixou o Brigadeiro Felicíssimo 5 filhos, a saber:

F8-Maria Henriqueta, nascida a 15 e batizada a 22 de março de 1874. Faleceu criança.

F9-Ana Benedita do Espírito Santo Cardoso, nascida em Goiás a 4 e batizada a 23 de abril de 1876. Casou-se com seu primo Manoel Pereira Cardoso (III) filho de Manoel Pereira Cardoso (II) e Dona Ana Rosa de Azevedo. Faleceu Dona Ana Benedita, com sucessão, a 27 de julho de 1903.

F10-Antônio Milburges do Espírito Santo, nascido na antiga Capital a 23 de fevereiro e batizado a 6 de março de 1879. Casou-se a 25 de maio de 1902, na igreja da Boa Morte, com Ana de Velasco, filha do Capitão Joaquim Justiniano de Velasco e Maria Luiza Brandão. Faleceu Antônio Milburges a 28 de

novembro de 1928, deixando oito filhos.

F11-Maria Benedita do Espírito Santo, nascida em Goiás a 13 e batizada a 25 de novembro de 1883. Casou-se na Cidade de Goiás, a 16 de setembro de 1905, com o seu primo José Inácio Correia de Moraes, filho do Coronel João José Correia de Moraes, natural de Itaberaí e grande propugnador da navegação do Araguaia no século passado, e de Dona Maria Genoveva da Cunha Moraes, também de Itaberaí. Dona Maria Benedita faleceu a 7 de setembro de 1839, deixando 8 filhos.

F12-Felicíssimo do Espírito Santo Filho. Nasceu na cidade de Goiás a 21 de janeiro de 1886. Fez os seus estudos na sua cidade natal, Pirenópolis e Uberaba. Funcionário dos Correios e Telégrafos, prestou inestimáveis serviços ao Estado onde no desempenho de suas funções residiu em várias cidades. Em Itaberaí, onde morou de 1920 a 1929, foi professor, rábula e grande colaborador do jornal "O Itaberaí". Comprometido com o magistério, lecionou em várias escolas pelas cidades em que residiu, nunca esmorecendo frente às dificuldades que encontrava em seu caminho. Em 1937 foi transferido para Goiânia, como primeiro agente postal telegráfico. Por Decreto de 19 de abril de 1951, o Presidente Getúlio Vargas o nomeou para o cargo de diretor regional dos Correios e Telégrafos, função que exerceu até o fim de sua vida. Foi o fundador da primeira Escola de Enfermagem do nosso Estado e por seu intermédio passou a funcionar o primeiro Curso de Madureza em nossa terra. Poeta, de grande sensibilidade, publicou, em 1936, um livro intitulado "Sinhazinha", homenagem à sua filha que falecera. Esparsos em alguns jornais de nosso Estado, publicou vários trabalhos, quase sempre dedicados à sua idolatrada esposa. Faleceu em Goiânia a 21 de maio de 1957, deixando uma memória impoluta e uma herança de

trabalho, sacrifício e dedicação que permanece viva naqueles com os quais conviveu. Casou-se na Cidade de Goiás a 6 de julho de 1912 com sua parenta Dona Maria da Glória de Oliveira e Silva (5/7/1889 - 8/12/1971), filha de Joaquim Augusto de Oliveira e Silva e Josefa Calazans Malheiros Serradourada. Deixaram onze filhos.

---

## ABSTRACT

### BRIGADIER FELICÍSSIMO DO ESPIRITO SANTO BIOGRAPHICAL PROFILE AND GENEALOGY

*The author delineates the profile of one of the prominent figures of Goiás in the last century, the Brigadier Felicíssimo do Espírito Santo who was the great grandfather of the actual President of Brazil. This profile was based on a solid genealogical research in which mistakes have been corrected and the history of the cities quoted in this article has been enlarged.*

---

**Keywords:** *biography, genealogy.*

---

## NOTAS

- <sup>1</sup> Livro nº 41 “Índice de Requerimentos de Sesmarias”, fls. 9, Seção de Especiais, Arquivo Histórico Estadual, Goiânia.
- <sup>2</sup> Livro nº 2, “Registro de Patentes”, fls. 8v. Arquivo Histórico Estadual, Goiânia.
- <sup>3</sup> ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Anais da Província de Goiás**, 1863, p. 307.
- <sup>4</sup> Livro nº 12, Seção de Especiais, Arquivo Histórico Estadual Goiânia.
- <sup>5</sup> BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia. CEGRAF/UFG - 1991, p. 180.
- <sup>6</sup> Idem, p. 434.
- <sup>7</sup> “A Imprensa”, nº 68 de 17.06.1905, Gabinete Literário, Cidade de Goiás.
- <sup>8</sup> MORAES, Maria Augusta Sant’Ana. “**História de uma Oligarquia: Os Bulhões**”. Goiânia, Oriente, 1974, p. 126.
- <sup>9</sup> BORGES, Humberto Crispim, “**Generais Goianos**”, Gráfica O Popular, 1979, p. 47.

# ZOROASTRO ARTIAGA: Pioneiro da Geografia de Goiás

*Horieste Gomes\**

---

## RESUMO

*O Autor tece considerações sobre a pessoa de Zoroastro Artiaga, pioneiro da Geografia de Goiás, sublinhando aspectos da sua vida e da sua obra.*

---

**Palavra-chave:** *biografia, geografia, Goiás.*

---

É o goiano de Itaberaí que dedicou grande parcela de sua vida a difundir o conhecimento da terra goiana em suas potencialidades naturais e econômicas. Na obra do professor Zoroastro detectamos o profundo amor que Ele nutria pelas coisas de Goiás. A sua produção cultural revela, em muitos momentos, a sua preocupação com o **nacionalismo pátrio**, no sentido da defesa, preservação e utilização dos nossos recursos naturais renováveis e não renováveis.

De certo modo, podemos considerar os trabalhos de Zoroastro Artiaga dosados em **conteúdos empírico/descritivos** e na ideologia nacionalista, um tanto chauvinista e ufanista.

No período ibegeno, ele foi o maior produtor e divulgador da informação histórico/geográfica goiana, abrangendo a sua pesquisa teórica, escrita e oral, a mais de uma dezena de livros publicados e vários artigos em jornais goianos. No conjunto, a sua produção constitui-se num importante **patrimônio / inventário de natureza descritiva** geo/histórica, econômica, geológica, fitogeográfica, estatística, demográfica, etnológica, etc.. Embora esse volume de informações esteja, em certa dimensão, calcado na exposição narrativa e descritiva dos acidentes geográficos individualizados, atomizados e dicotômicos e, às vezes, contendo afirmações acientíficas, no geral, o valor de sua produção é, por sinal, muito rico em forma de **saber inventariante**.

Também, na sua lógica de interpretação analítica dos fatores e elementos naturais e culturais da realidade objetiva—de ordem natural, econômica e social—prevalece a dimensão da **aparência** dos fenômenos em detrimento da

---

\* Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

essência intrínseca dos mesmos, que é por natureza mais profunda e verdadeira.

Por meio dessa lógica de análise da realidade, o **mundo aparente**, isto é, o “visível” passa a ser captado pela estrutura sensorial (as funções dos sentidos) e o conhecimento das coisas fica situado ao nível, unicamente, do **observável**.

Na totalidade dos seus trabalhos, a tônica dominante recai no **inventário/descritivo**, calcado na descrição fatural e estatística, assim como nas análises centradas na lógica formal de interpretação dos **fatos**<sup>1</sup> da Natureza e da Sociedade).

No texto intitulado **Mudança da Capital Federal**, Zoroastro expõe no cap. III- **Evolução da Idéia da Mudança da Capital** - a partir da Assembléia Constituinte de 46 -as razões de ordem militar, de caráter geopolítico, político/administrativo e integracionista, com o intuito de justificar a mudança da Capital Federal sediada no Rio de Janeiro. Suas conclusões o conduz a optar pelo sítio por ele denominado **Retângulo do Congresso**, em função das pesquisas então realizadas pela **Comissão de Localização da Nova Capital Federal**, criada em junho de 1953, sob **Lei de No.1803**. A desapropriação pública pelo Estado de Goiás em 55, a fim de atender as condições exigidas para se instalar a Nova Capital, ocorreu via **Decreto de No.480**, transformado em **Lei No.1.071**, no mesmo ano.

Num outro trabalho, **Riqueza Vegetal do Planalto Goiano e do Vale do Tocantins (1947)**, o autor descreve a importância de plantas medicinais e de madeiras de lei do Brasil Central, bem como faz um breve estudo da **Economia Goiana no Setor Vegetal** (babaçu, ramie, algodão goiano, plantas venenosas e de outras fibras). Termina a referida análise anexando um texto de Americano do Brasil “**A Pujança das Matas Goianas**”, acompanhado de um enfoque sobre a **Riqueza Florestal de Goiás**, concluindo que:

“Goiáz, é o Estado do Brasil que possui maiores reservas econômicas nos três reinos da Natureza”.

Neste mesmo trabalho, há uma referência nos seguintes termos:

“no Brasil Central não há matas, e sim capões de mata, matas de proteção dos rios (matas galerias ou ciliares) e puras caatingas”<sup>2</sup>.

afirmação que Ele refuta veemente:

“Desde os tempos da colonização que todos os naturalistas se referem com entusiasmo à mataria que possuímos, e, sobre ela, todos os tratados de Geografia fazem referências elogiosas, todos os botânicos teceram elogios”.

Noutro estudo descritivo sobre a “**Potomografia Goiana**” (rios, ribeirões e lagos), o autor também aborda o seu ponto de vista a respeito das nascentes do rio Tocantins, afirmando:

“Sua nascente mais alta na minha modesta opinião é a do Rio Uru, no M. de Goiás, entre tanto, esta deveria ser a que pelo critério de direção e características fitogeográficas o ponto onde começa o Tocantins, o que não aconteceu, pois, este ponto se acha um pouco adiante de Formosa na direção de Veadeiros”.

Na produção “**Geologia Econômica de Goiás -Geologia Econômica do Brasil Central**”, aflora o seu bairrismo mais uma vez, como exemplo, nesta afirmação categórica:

“Nenhuma parte do Planeta tem melhores cristais do que o Estado de Goiás”.

Neste mesmo trabalho, revela preocupação de ordem social que desponta no seguinte trecho:

“Saibamos valorizar essa riqueza, que é nossa, e que tem sido levada para o estrangeiro sem que o mesmo deixasse proventos aqui, nem ao menos a retribuição justa ao garimpeiro para dar-lhe um nível de vida condigno”.

Segue a lista das suas principais produções:

**.Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás(2 vols.)**

Tip. Triângulo Mineiro,Uberaba,MG/51;

**Geologia Econômica de Goiás** Tip.  
Triângulo, Uberaba, MG/47;

**.Riqueza Vegetal do Planalto Goiano e do Vale do Tocantins**

Imprensa Oficial,Goiânia,GO/47;

**.Contribuição Para a História de Goiás**

Depto. Estadual de Cultura (DEC). Goiânia,GO47;

.**Dos Índios do Brasil Central**(DEC)  
Tip.Triângulo,Uberaba,MG/47;

**História de Goiás**

Ed. Revista dos Tribunais,SP/59;

idem (2<sup>o</sup> tomo)-SP/61;

**Mônografia Corográfica e Histórica da Nova**

**Capital de Goiás** Ed. Escola Técnica Federal, Goiânia/46;

.**Síntese da História e da Geografia de Goiás** Ed.  
do autor,Goiânia 58;

.**Riquezas de Goiás** Ed. Revista dos Tribunais, SP  
61;

.**Dos Minérios de Radium Em Goiás** Goiânia  
(sem data);

Outros trabalhos (não publicados)<sup>1</sup> :

.**Mudança da Capital Federal;**

.**História de Goiás (3<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> tomos);**

.**Geografia de Goiás**  
(atualizada-2a.edição);

.**Usos, Costumes e Linguajar dos Goianos;**

.**Caçadas e Pescarias Em Goiás;**

.**Origem do Índio do Brasil Central;**

.**Riqueza Mineral, Vegetal e Animal do Estado  
de Goiás Araguaia - Tocantins;**

...

Elaboração de Mapas:

.**mapas municipais (1937)** -para o IBGE;

.**mapa geológico de Goiás** -publ. pela CELG;

.**mapa econômico de Goiás** - in exposição carto-  
gráfica, Batismo Cultural de Goiânia.

Consta no seu **Curriculum** que o prof. Zoroastro Artiaga, além do

curso superior de advocacia, fez os seguintes  **cursos de aperfeiçoamento:**

.Geologia, Mineralogia, História Natural, Paleontologia, Estatística, Geografia, Economia, Pedagogia, Didática e Rádio Atividade, durante o período de 1937 a 1950, cursos estes então ministrados no Rio de Janeiro e São Paulo.

A figura do Prof. Zoroastro Artiaga, valiosa para nós goianos, está muito bem expressa no seu **Curriculum Vitae**, depositado no museu que leva o seu nome (Goiânia -Praça Cívica):

“Espírito de cientista autodidata, não perdia um momento útil para dedicá-lo à sua observação, sem auxílio ou incentivos de organizações maiores, mas só pelo desejo de servir à terra goiana que tanto amou.

Naturalista, amou os índios, os rios, as matas, os campos, o céu, todo o conjunto que fez à síntese de sua dedicação a Goiás”.

---

#### ABSTRACT

*The author comments on the character of Zoroastro Artiaga, pioneer in Geography in Goiás, underlining aspects of his life and work.*

---

**Keywords:** *biography, geography, Goiás.*

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> utilizando-se aqui da classificação do objeto da Geografia, na formulação do geógrafo francês Jean Brunhes, contido em sua Geografia Humana.

<sup>2</sup> segundo o Prof. Zoroastro, a mesma foi redigida por um profissional de renome, e editada num jornal do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> constam em seu **Curriculum Vitae** que se encontra no Museu Estadual Prof. Zoroastro Artiaga, em Goiânia.

# BIOGRAFIA DO COMENDADOR ANTÔNIO DE PÁDUA FLEURY

*Jarbas Jayme(\*1895 - † 1968) \**

Nasceu em Santa Cruz de Goiás, a 8 de dezembro de 1795, foi batizado a 6/03/1796, na Matriz de N. S. da Conceição, daquela cidade, pelo Padre Antônio Correia de Sant'Ana. Foram-lhe padrinhos o padre Gonçalo Lopes de Camargo e Maria Bárbara de Andrade. Em Cuiabá, para onde se transferiu, casou a 29/11/1823 com Augusta Rosa Gaudie Ley, a 30/08/1809, e faleceu, na cidade de Goiás, a 27/09/1869, filha do Capitão-mor André Gaudie Ley e de Mariana de Alvim Poupino, e sobrinha do Coronel João Poupino Caldas, de grande projeção, em Mato Grosso, e assassinado em Cuiabá, a 29/08/1836, por motivos que se prendiam à célebre "Rusga". Na Capital, dedicou-se o Comendador Pádua Fleury a atividades comerciais e adquiriu, "além de fartos cabedais, merecido prestígio político e invejável consideração social". Exerceu, ali, os cargos de Juiz ordinário, membro do Conselho da Presidência e representou a província de Mato Grosso, a que presidiu, na Assembléia Geral Legislativa, isto por diversas vezes. Em novembro de 1834, por motivos de ordem política, retornou a Goiás, em companhia do sogro, e fixou residência na Capital da Província onde construiu grande edifício, ainda existente, situado na "Praça do Chafariz", de propriedade, hoje, de Aquiles Cardoso. Na qualidade de Vice-Presidente, exerceu a chefia do executivo goiano no período de 19/02/1848 a 11/06/1849. Dedicou-se à navegação do Araguaia e à catequese dos gentios, havendo fundado, no vale do Rio do Sono, sob a direção do frei Rafael de Taggia, o aldeamento a que denominou "Pedro Afonso". Impulsionou a instrução pública, cuidou do embelezamento da capital, cujas ruas foram calçadas, e construiu grande parte do cais do Rio Vermelho, Em seu fecundo governo, foram iluminadas, a querosene, as ruas da metrópole goiana. Por vezes, auxiliou as despesas gerais da província, emprestando-lhe dinheiro, sem juros, foi providencial, em diversas legislaturas, deputado geral, coronel-chefe de legião e comandante superior da Guarda Nacional da Capital. Por sua benemerência foi agraciado com a Comenda da Ordem de Cristo. Exerceu também as funções de Inspetor Geral dos Índios. Soube transmitir a seus ilustres três filhos aquela nobreza de sentimentos que o tornou dos mais notáveis goianos de seu tempo. Que se não apague, na tentativa dos pósteros, a grandeza d'alma do egrégio brasileiro que, na cidade de Goiás que a 14/11/1859, se alçou aos páramos da

---

\* Historiador e ex-membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

luz, deixando:

- 1- Clementina de Pádua Fleury
- 2- Mariana Augusta de Pádua Fleury
- 3- Rosa Augusta de Pádua Fleury
- 4 - Cel. Antônio Augusto de Pádua Fleury
- 5 - Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury
- 6 - Desembargador João de Pádua Fleury
- 7 - Dr. Luiz Augusto de Pádua Fleury
- 8 - Dr. Augusto César de Pádua Fleury
- 9 - Augusta Henriqueta de Pádua Fleury
- 10- Laurinda Augusta de Pádua Fleury

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS (IHGG)

*Horieste Gomes\**

DD. Sr. Prof. José Mendonça Teles  
Presidente do IHGG

DD. DD. Srs. Atuais Membros do IHGG, Colegas, Amigos, Parentes e demais  
pessoas presentes a esta solenidade.

Minha homenagem ao Prof. Colemar Natal e Silva membro fundador e Presi-  
dente Perpétuo do IHGG.

Senhores:

Inicialmente, transmito ao presidente do IHGG, Prof. José Mendonça Teles, e aos demais membros da Entidade os meus sinceros agradecimentos por receber-me como sócio titular desta veneranda Instituição.

Também, parabenizo a atual direção pelo empenho em abrir o Instituto às pessoas compromissadas com o desenvolvimento cultural do nosso Estado, a exemplo dos novos empossados neste evento. Todavia, Prof. José Mendonça Teles, como é notório, muitos são os valores de nossa terra que ainda não tiveram acesso ao Instituto, inclusive há vários deles presentes a esta Sessão Plenária.

Senhor Presidente:

Em 1939, então criança de 5 anos, em companhia dos meus pais aportei a Goiânia como mais um descendente da família Bariani, então sob o comando do meu avô materno o velho patriarca Fioravante Bariani. Família esta, tão bem representada nesta Instituição científica e cultural pelo escritor Waldomiro Bariani Ortêncio.

Filho de trabalhadores, pai operário e mãe doméstica, muito cedo a conduta dos meus pais plasmaram em meu ser valores como a disciplina, o trabalho, a ética, valores estes que marcam o perpetuar da minha existência. Depois de ter terminado a escola primária no Grupo Escolar Pedro Ludovico no outro-

---

\* Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

ra bucólico bairro de Campinas (infelizmente, hoje completamente poluído pela ganância e desordem capitalista), e a secundária no tradicional Lyceu de Goiânia, ingressei em 1955 na Universidade Católica de Goiás.

Apesar de ter me preparado para fazer medicina no Rio de Janeiro, todavia, sem condições econômicas para materializar o pretendido sonho, desisti da idéia e não vacilei em optar pelos estudos históricos e geográficos, cuja vocação sentia desde criança. Muito dos ex - e atuais membros do IHGG foram importantes educadores que muito contribuíram em termos de postura ética, conhecimento, dedicação e empenho para a minha formação acadêmica e profissional . A título de gratidão, cito alguns nomes de professores: Lena Castelo Branco, Zoroastro Artiaga, Bernardo Élis, Antônio Teodoro da Silva Neiva, Agneio Arlington Fleury Curado, Luiz Toledo França, José Sizenando Jaime e muitos outros, cujas lembranças me são inesquecíveis.

Senhores, em especial, meu reconhecimento ao Prof. José Sizenando Jaime, pois, sinto-me muito honrado em substituí-lo nesta augusta Instituição, por significativa razões:

.a minha própria formação no âmbito das ciências históricas e geográficas, portanto, dotada de correspondência interdependente com o Instituto que hoje acolhe-me como membro, e que tem como patrono da cadeira 37, o pesquisador/geógrafo Luís Cruas, tão bem representado nesta pelo Prof. José Sizenando Jaime;

.a condição de ter sido ex-aluno do Prof. José Sizenando Jaime na UCG, e, mais tarde, seu colega de magistério no tradicional Lyceu;

.do meu ingresso na UFG (SEB), sobre a gestão do Prof. Colmar Natal e Silva, membro fundador e presidente perpétuo desta augusta instituição, pelas mãos de Bernardo Élis e Gilberto Mendonça Teles, justamente neste mesmo recinto, o que significa para minha pessoa, uma espécie de retorno à casa paterna.

Senhores, a figura do Prof. José Sizenando é para mim imensamente grata. Além dos motivos anteriormente citados, permitam-me reavivar a memória de alguns dos comportamentos, atitudes e procedimentos de sua personalidade que marcaram, em certa dimensão, a minha formação acadêmica e profissional: a sua firmeza e honestidade no desempenho da função educativa revelando preparação científica e didática em suas aulas, procurando levar ao

conhecimento do aluno o saber livre e atualizado. Lembro-me, por exemplo, de seus ensinamentos de Geografia Física calcados no excelente livro de Moisés Gicovate, livro este, na época, dotado de reflexões maiores; recordo-me, na condição de membro do corpo docente do tradicional Lyceu de Goiânia, de sua postura íntegra e moralizadora; uma das lembranças mais significativas de sua personalidade foi quando de retorno à visita que fizera a sua filha Maria José que se encontrava refugiada no Chile, em decorrência da ditadura político/militar imposta ao povo brasileiro pelos golpistas de 64. Na ocasião, ele pronunciou no recinto da UCG uma excelente palestra sobre o avanço social da democracia “socialista” do governo da Unidade Popular, sob a presidência do saudoso e inesquecível Salvador Allende, assassinado, como também foram centenas de cidadãos chilenos pela ditadura Pinochet. Na sua descoberta, podemos assim dizer, o Prof. Sizenando identificou-se sim com os ideais socialistas, traduzidos no direito de viver com dignidade a que toda pessoa que seja realmente cidadã, isto é, dotada de consciência coletiva, faz jus; ideais estes que fazem parte de minha contínua construção de mundo; a maior de todas as minhas lembranças e do meu respeito ao saudoso Prof. José Sizenando foi o de ter ele abraçado o sacerdócio da Educação. Como é do conhecimento público, foram 40 anos dedicados ao magistério, neste país tão carente de assistência social e formação cultural. Sua atividade marcante como educador e professor neste quarto decênio de teoria e prática educativa, podemos assim sintetizar:

prof. do Ginásio Anchieta e do Seminário

Sta. Cruz de Silvânia;

prof. do Lyceu de Goiânia;

idem, do colégio Sto. Agostinho;

idem, da Faculdade de Filosofia da UCG, inclusive um dos seus fundadores;

.diretor do Ginásio Arquidiocesano de Anápolis;

.diretor do Lyceu de Goiânia (um triênio);

.diretor do Instituto de Educação do Estado de Goiás;

.diretor de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado de Goiás; membro de Comissões de reforma do ensino primário e normal do Estado (46 e 59);.etc., sendo que, em todos os eventos, sempre se pautou com competência, responsabilidade, disciplina e autoridade no cumprimento da missão educativa.

Pela mesma razão, foi um homem zeloso com os bens do patrimônio público e privado. Ainda este ano, antes do seu passamento, ele registrava numa entrevista ao Popular a sua indignação ante o vandalismo praticado contra a

arte sacra de Pirenópolis, sua terra natal e berço do seu saudoso pai, o historiador e linhagista da vida pirenopolina, Jarbas Jaime. Este, como é notório, deixou-nos um verdadeiro tratado genealógico das “origens de todas as famílias que fizeram a história de Pirenópolis”, (no dizer do atual presidente do IHGG) intitulado

“Famílias Pirenopolinas”, e cuja a publicação só foi possível graças ao empenho do seu filho José Sizenando Jaime.

Dotado de um bairrismo salutar, como não poderia deixar de ser o Prof. José Sizenando com orgulho:

“o pirenopolino, através do espaço e do tempo, onde quer que finque os pés, costuma liderar. Dificilmente é comandado. E sua estirpe continua a cultivar esse salutar defeito”.

Senhor Presidente, Senhores membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ao ser admitido nesta Instituição histórica e geográfica, espero estar à altura de contribuir de forma efetiva, juntamente com os meus pares, na preservação e difusão do nome de tão importante instituição cultural, “marcado pelas tradições e pelas glórias de seu passado”, como bem afirmou, nos idos de 72, o laborioso e competente ex-presidente do IHGG Prof. Basileu Toledo França.

Meus agradecimentos a todos e muito obrigado.

# DISCURSO DO PROF. JESCO VON PUTTKAMER\* NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA NA OUTORGA DO TÍTULO DE “CIDADÃO GOIANO”

Excelentíssimo Deputado Moura, Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás; Ex.mos. Srs. Deputados Goianos; demais autoridades presentes; meus queridos irmãos goianos:

Sinto-me extremamente feliz nesse momento. Ao mesmo tempo possuído por profundas reflexões sobre o fato que o destino me escolheu para receber de vossas mãos, tão grande homenagem que certamente muitos outros a mereciam.

Recebo hoje, com grande emoção, esse título máximo que os goianos decidiram me conferir, sabendo com certeza que com esse gesto gostariam de homenagear, uma série de pessoas, cujo esforço e amor por essas terras benditas por Deus e o seu povo operoso, honesto e ao mesmo tempo extremamente corajoso, foi o fim de toda a sua vida. Vocês descendentes que são dos fabulosos bandeirantes que se misturam com heróicas tribos indígenas do Planalto como os Kaiapós, Xavantes, Karajás, Goyazes e outras e que segundo as descobertas do meu ilustre colega e amigo Prof. Altair Sales, da Universidade Católica de Goiás, habitavam esse Planalto há mais de dez mil anos. Tribos essas que em parte imigravam para o norte, onde ainda existem puros em regiões isoladas e que tem sido objeto de meus estudos e pesquisas durante esses últimos 40 anos.

Ao me conceder essa grande homenagem só posso dizer que em verdade constitui em reconhecimento duplo: Primeiramente aos forasteiros de origem germânica que desde tempos passados procuram essas terras maravilhosas, de clima ameno e abundância de água e terras boas e de seu povo acolhedor e cheio de iniciativas e de uma personalidade marcante:

Permitam-me mencionar somente alguns desses que aqui acharam sua segunda pátria: Henrique Himmelreich (recém-falecido), Otto Hoffmann, Werner Sonnenberg e seus companheiros Jansemn Drewes e outros, Consul Geral Hans Steffen, Dr. Thon, Prof. Pter, Otto Peinprecht, Aloisio, fazendeiro Pfrimer de Veadeiros, e muitos mais, além de meu pai que, no cemitério de muitos pioneiros goianos, Cemitério Sant'Anna, nem tão longe de seu amigo Dr. Pe-

---

\* Indigenista, pesquisador e ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

dro Ludovico Teixeira e outros, não poderia deixar de mencionar aqui o grande goiano a que devo minha vinda a Goiás: Dr. Jeronymo Coimbra Bueno, Ex.-Governador e ao qual me foi possível ajudar em diversas tarefas ligadas a vinda de técnicos europeus e nos importantes trabalhos preparando a vinda da Capital do Brasil para os Planaltos de Goiás.

Mas em segunda intenção: Entendo que Vossas Excelências queriam homenagear os grandes esforços que meus colegas do Instituto de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás têm empreendido no setor da Etnologia e Pré-História do Brasil Central e da Amazônia: os resultados dos nossos trabalhos feitos com poucos recursos e muito amor são hoje internacionalmente reconhecidos: é goiano hoje o maior arquivo sobre culturas indígenas da Amazônia e as nossas pesquisas arqueológicas tem revelado resultados surpreendentes que alteram todos os conceitos existentes sobre o povoamento das Américas com descoberta de vestígios humanos com 20 a 40 mil anos.

Compartilho, pois, essa homenagem com os reitores da UCG que nos apoiam: Pedro Vaz, Padre Pereira, Pedro Wilson, Dario Nunes e Ivo Maury e abraço nesse momento meus queridos colegas de trabalho, os Professores Altair Sales, Mário Arruda, Dulce Rios, Orione, Acary dos Passos, e os demais Professores que atuam em trabalhos de Gabinete e os Auxiliares Técnicos indispensáveis. Peço lembrar e agradecer aqui: o grande apoio da Sec Nap pessoas de Dom - + Dom - há muitas famílias goianas tradicionais a cujo apoio devo em grande parte ter bem sucedido: Veiga, Alencastro Veiga, Sampaio, Vaz, Dr. Dales Machado, Dr. Claro Godói, Dr. Antonio Caiado, Antonio Artiaga. Famílias: Dr. José Fleury, Dr. Theldo Emmerich e Dr. Othon Nascimento. E, em especial, a dois colegas meus, assistentes do Governador Coimbra Bueno e que hoje são ilustres autoridades: Dr. Waldir Castro Quinta e o Ex.- Governador Dr. José Luiz Bittencourt mas nem por último a família dos Irmãos Câmara: Joaquim, Dr. Jaime e Tasso através de seus formidáveis órgãos de publicação "O Popular" e a "Televisão Anhangüera".

Finalizando, desejo dizer a Vossas Excelências que o pouco que contribuí não pagaria nunca o grande benefício e acolhida que eu e meu pai tivemos e o tempo feliz que nos proporcionaram mais senão mais, o que certamente posso afirmar com toda convicção: meu coração se tornou inteiramente goiano. Amo essa terra e essa gente como nada mais nessa terra.

Que Deus os proteja e os abençoe para sempre!

# DOCUMENTO

## DOAÇÃO DOS RETRATOS A ÓLEO DO COMENDADOR ANTÔNIO DE PÁDUA FLEURY E SUA ESPOSA AO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Rosarita Fleury(\*1913 - † 1993) \*

Ex.mo. Sr. Dr. COLEMAR NATAL E SILVA  
DD Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Sendo o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás a Entidade destinada a preservar os valores históricos de nosso Estado, na qualidade de descendente do casal Comendador ANTÔNIO DE PÁDUA FLEURY e sua esposa AUGUSTA ROSA GAUDIE LEY FLEURY, e proprietária por herança, de dois quadros pintura a óleo sobre tela - do referido casal, faço doação a esse Instituto, por aceitação de V. Ex.a., dos aludidos quadros, desejando que eles aí sejam conservados para conhecimento das gerações futuras.

O Comendador ANTÔNIO DE PÁDUA FLEURY, nascido em Santa Cruz de Goiás, passou a residir em Cuiabá, Mato Grosso, onde se casou e , além de atividades comerciais, exerceu funções de relevo. Transferindo sua residência para a Capital de Goiás, "na qualidade de Vice - Presidente exerceu a chefia do Executivo goiano no período de 19-02-1848 a 11-06-1849."(Famílias Pirenopolinas vol. V pg. 257 e 258 - Jarbas Jayme )

Anexo a este, pequena biografia, também de Jarbas Jayme, estudioso do assunto e patrono da cadeira que ocupa nesse Instituto.

Segundo a tradição oral chegada a meu conhecimento, as referidas pinturas - óleo sobre tela - seriam de autoria do pai de Visconde de Taunay, Félix - Emile Taunay, pintor de grande renome, cujas telas, da mesma época, encontram-se expostas no Museu Histórico Nacional, G.B., no Museu Imperial de Petrópolis e outros.

Observando-se esses quadros , especialmente o D. Pedro II ao ser declarada sua maioridade aos 14 anos e sete meses, nota-se a mesma técnica, identidade nas cores mais usadas e expressiva minuciosidade nos detalhes.

As pinturas retratam o casal com as vestimentas por eles usadas na cerimônia de coroação de D. Pedro II, em 18 de julho de 1.841. As telas sofreram

---

\* Escritora e ex-membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

reforma no Rio de Janeiro e o pintor que executou o trabalho não foi feliz, porque se nota algumas manchas que antes não existiam.

Esperando que V. Ex.a receba com agrado a doação que neste instante faço ao Instituto.

Com considerações e estima,

Goiânia, 16 de Janeiro de 1991.

Rosarita Fleury.

# CURRICULUM VITAE

*Wolf Jesco von Puttkamer (\* 1919 - † )\**

Nasci em 21 de Maio de 1919 na fazenda “Monte Verde”, Macaé, Niterói, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Fazenda do meu pai, Barão WOLF HEINRICH VON PUTTKAMER, de nacionalidade alemã, e que tinha chagado ao Brasil em 1914, antes do início da Primeira Guerra Mundial. Ele casou-se com uma jovem carioca, minha mãe, KARIN MARIA EKLOF HOLM, filha do cônsul sueco no Rio de Janeiro.

Eu era o filho mais velho; depois nasceram ainda meu irmão Olavo Von Puttkamer, na ilha do Paquetá ( Rio ), e minha irmã Helga Adelaide Von Puttkamer, em 1926, já na fazenda do meu pai, perto de Coromandel, Triângulo Mineiro.

Minha irmã ainda está viva.

Meu irmão faleceu na última guerra devido aos meus tratos que recebeu, por ser brasileiro nato, pela Gestapo, a polícia política secreta do III Reich.

## INFÂNCIA

Devido ao alto índice da malária, que nos afetou a todos, naquela Baixada Fluminense, meu pai organizou uma expedição a cavalo e carro de boi, em 1924, visando a conhecer o Planalto Central Brasileiro e, além de adquirir uma fazenda, procurar ao mesmo tempo as origens dos diamantes brasileiros, pois, além de ser agrônomo, meu pai também era mineralogista e geólogo, que aprendeu em estágio de 8 anos na colônia alemã, em Namíbia, onde tinha uma fazenda, e era oficial da cavalaria, pois era colônia alemã.

Finalmente, e passando pela maravilhosa região das nascentes do rio São Francisco, encontrou o que queria na região do rio Douradinho, perto de Coromandel, Minas Gerais.

Ali passamos a morar, e, além da fazenda, nosso pai explorava garimpos de diamantes, ajudado pelo seu grande amigo, Georg Schlecker, engenheiro mecânico. Eles fizeram pesquisas geológicas em toda a região, e, finalmente, com ajuda do serviço de mineralogia do Governo Federal, encontraram, sendo os primeiros no Brasil, a pedra - matriz do diamante “Kimberlita”, e minas de platina.

Nesse ambiente do sertão e da natureza, os meninos cresceram; mas

---

\* Indigenista, pesquisador e ex - membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

quando eu já tinha 10 anos, e ainda sem escola, nossa mãe começava a se preocupar: a decisão foi que Olavo e eu deveríamos ser levados para Suíça, ficando lá na casa da mãe do companheiro, Georg Schlecker, em St. Gallen, e fazer o curso primário.

Isso aconteceu de 1929 a 1934, quando retornamos ao Brasil, levando um aventureiro, que se dizia professor, e se propunha educar-nos na fazenda, no rio Douradinho. O que fora feito; mas, depois, verificou-se que senhor Brei-tner não se adaptava bem à vida no sertão, fugindo poucos meses mais tarde. Assim, ficamos de novo sem escola, e nossa mãe conseguiu que meu pai e Georg Schlecker aceitassem administrar uma mina de ouro em São João Del Rey, MG, para a firma Hermann, do Rio.

Ainda em 1934, mudamos para lá, e meu pai aceitou um sócio que doravante administrava a fazenda no rio Douradinho.

Ficamos 4 anos em São João Del Rey, numa casa que meus pais alugaram no bairro Matola, todos os meninos estavam estudando no Ginásio Sto. Antônio, um dos melhores no país: era dos padres franciscanos holandeses e alguns professores de São João Del Rey. Tancredo Neves tinha-se formado no mesmo colégio, alguns anos antes.

Também em São João Del Rey servimos na II Companhia da Infantaria / Tiro de Guerra /, saindo como reservista de I categoria, Companhia Quadros, assim perdendo nossa dupla nacionalidade, doravante sendo somente **cidadãos brasileiros**, tendo jurado à bandeira do Brasil.

## FORMAÇÃO SUPERIOR

Consegui formar-me no ginásio Sto. Antônio, em 1938; seguindo depois para Rio, para estudar química na Escola Nacional de Química, Praia Vermelha.

Freqüentei apenas seis meses a escola: aconteceu que meu pai tinha sido chamado para ir a Alemanha, com toda família, para receber sua parte da herança, na partilha da grande fortuna que meu avô, Barão WOLFGANG VON PUTTKAMER, tinha deixado, e porque o III Reich queria deserdá-lo, e não permitir, que algo fosse transferido para o Brasil.

Seguimos então para a Alemanha, por nossa conta, utilizando passaportes brasileiros, e com esperança de conseguir nosso direito. Entretanto, a luta e as negociações se prolongaram e, por isso, consegui admissão na Universidade de Breslau, para estudar Química, Ciências Naturais, Mineralogia, Física, Físico - Química, e ainda Engenharia de Minas, a pedido do meu pai, essa na Escola Politécnica de Breslau.

As negociações foram se complicando e, assim, até 1942, eu já tinha me diplomado como químico, Engenheiro Químico, e trabalhado na tese de doutorado, e para exames para doutor em Ciências Naturais, quando, em agosto de 1942, o Brasil decide participar da Segunda Guerra Mundial.

A primeira reação foi que Olavo e eu fomos identificados como inimigos e estrangeiros, e colocados sob prisão domiciliar, junto com a família.

Em seguida, meu irmão Olavo tentou fugir para o Brasil, através da fronteira suíça, mas foi preso; por isso, Olavo e eu fomos agora definitivamente encarcerados no presídio da polícia de Breslau. Inicialmente, fizeram um processo, querendo provar atividades de espionagem.

Fomos muito maltratados pela Gestapo, a polícia política e secreta alemã. Mas como não conseguiram nada provar, eles alegaram que tínhamos duas nacionalidades, e éramos obrigados servir na frente da batalha, no Exército Alemão / Waffen SS /. Recusamos. Algum tempo depois, fomos condenados a ser fuzilados durante alguns dias. Contudo, minha mãe conseguiu fazer contato com o cônsul sueco, e sua intervenção foi o que certamente permitiu minha sobrevivência, pelo que agradeço a ele. Não assim para meu irmão, Olavo, que nunca mais apareceu, até hoje.

Em fins de 1944, quando os russos se aproximaram da Breslau, todos os presos foram obrigados a escavar compridas e profundas trincheiras, para evitar passagem dos tanques T34 do Exército Russo. Aí sofri um acidente: fui atropelado por um caminhão. Isso levou-me ao hospital, com fraturas na perna esquerda. Todavia, permaneci vigiado pela Gestapo, mas a confusão era já grande, os nazistas foram os primeiros a abandonar o local.

## A SERVIÇO DO BRASIL E DA ONU

Nesse tumulto todo, resultado do final da guerra, o Exército determinou que alguns trens de ferro, pintados com cruces vermelhas no teto, abandonassem na calada da noite Breslau, rumo ao Marienbad, levando para lá doentes e feridos, procedentes dos hospitais da Tchecoslováquia.

Aconteceu assim que uma noite todos os pacientes do meu hospital, inclusive eu, foram evacuados. Eu estava com a perna ainda engessada.

Parei no hospital daquela cidade, onde fiquei protegido pelo médico Dr. Galuske, ele nunca tirava gesso, para não me entregar aos agentes da Gestapo, que vinham procurar por mim a toda hora.

No início do mês de maio, aproximavam-se do Marienbad tropas norte-americanas. Eu consegui fugir - já sem gesso mas ainda de muletas, através da floresta, até me encontrar com um jipe, cheio de soldados americanos, que me

levaram para Eger, onde recebi todo apoio do comandante militar, que / também / ajudou a encontrar meus pais e minha irmã, eles conseguiram fugir para Erlangen, perto de Nuremberg. Todavia, mesmo com oferta dos americanos para repatriar-nos, minha mãe decidiu que voltaríamos depois de saber o que aconteceu a Olavo, meu irmão. Assim, com ajuda do exército americano, procuramos durante mais de um ano.

Os americanos colocaram à nossa disposição uma bela mansão, que pertencera a um alto funcionário nazista. Fizera-me também presidente do "Brazilian Committee" ("Comitê Brasileiro"), organizado pelo III Exército Americano, sediado em Erlangen. O comitê era para atender inúmeros cidadãos que apareciam, que diziam ser brasileiros, desejosos de regressar ao Brasil.

Ao mesmo tempo, utilizando minhas aptidões de fotógrafo e cinegrafista, fui solicitado para trabalhar como fotógrafo oficial do governo militar da Bavária, para documentar campos dos deslocados de guerra para as Nações Unidas ( UNRRA) e por 3 meses no tribunal de guerra, de Nuerenberg (Tribunal Militar Internacional), isso, a pedido da correspondente de guerra, ERICA MANN, filha do escritor Thomas Mann, cidadã americana. Também para correspondentes de guerra, brasileiros, SAMUEL WAINER E SILVA BITTENCOURT (Major).

Sem encontrar vestígios de Olavo, voltamos ao Brasil em fins de 1947, no navio "Santarém", brasileiro, que aportava em Hamburgo.

## RETORNO AO BRASIL E TRABALHOS PARA GOIÁS

Em janeiro de 1948, estávamos de volta ao Rio de Janeiro - a imprensa brasileira recebeu-nos como heróis, pois enquanto eu trabalhava em Nuerenberg com Samuel Wainer, publicou a matéria no seu jornal "Diretrizes": "DOIS BRASILEIROS CONTRA A GESTAPO", transformando ao Olavo e a mim em heróis.

Entretanto, ao voltar, recebemos uma notícia amarga: nosso procurador geral, Dr. Georg Schlecker, bem intencionado, vendeu nossa fazenda, tendo adquirido um navio para fazer transportes costeiros. O navio afundou numa dessas viagens. Não estava no seguro.

Fazer o que, agora? Eu iniciei trabalho como químico analítico com professor Feigel, na Praia Vermelha.

Minha irmã Helga, e seu marido, Dr. Kock, médico, começaram trabalhar com Dr. Bianchi, que tinha uma clínica no Rio de Janeiro. Adquirimos um lote em São Conrado, bairro do Rio, e fizemos uma casa de madeira, que abri-

garia a nós todos.

Porém, não demorou muito, quando a família Coimbra Bueno, que morava no Rio, mas era de Goiás, e sendo velhos amigos do meu pai, descobriremos.

Heládio chefiava firma de exportação, importação, a Brazil Quartz Ltda., convidaram-me trabalhar com eles, por um bom salário (6.000 cruzeiros), devido aos meus bons conhecimentos do alemão e do inglês.

Um belo dia, Dr. Jeronymo Coimbra Bueno, irmão do Heládio, entrou no escritório, dizendo que precisava de mim como assessor para assuntos de imigração e colonização em Goiânia, pois tinha sido eleito governador de Goiás.

Depois de fazer uma viagem a convite do Dr. Jeronymo, resolvi mudar sozinho para Goiás, e trabalhar para esse Estado, pois gostei muito de tudo que via e da beleza dessas terras, e a operosidade desses pioneiros.

Nunca mais saí de Goiás, e, após falecimento da nossa mãe, em 1954, no Rio, meu pai, que tinha viajado diversas vezes nas comitivas do governador pelo interior goiano, veio também fazer-me companhia e ajudar-me, ficando aqui em definitivo, desde 1954, até a sua morte em Goiânia, em 1982, aos 95 anos.

Inicialmente, minhas tarefas para o governador de Goiás, eram fomentar, com ajuda do Governo Federal, Conselho de Imigração e Colonização, e outras, a vinda de técnicos e professores para Goiás, e imigrantes das levas de deslocados de guerra, que estavam chegando sob auspícios da UNRRA (pertencente a ONU), posteriormente transformado em IRO, grupos que estavam interessados em colocar agricultores tradicionais, desejosos vir para Goiás, auxiliados por diversos órgãos, como CARITAS SUÍÇA, e outras.

Também organizar o “Instituto de Terras e Colonização do Brasil Central”, e uma universidade do Brasil Central.

Tivemos bastante sucesso, e algumas decepções. Mas o “I Congresso de Imigração e Colonização”, em 1950, em Goiânia, provou que a terra goiana era de alto potencial para imigração e colonização, e mesmo para mudança da nova capital, para o “quadrilátero de Cruls”.

Foi nesse congresso que o engenheiro BERNARDO SAYÃO, amigo do Jesco, e o próprio Jesco, ganharam o título de “Membros Natos” do congresso, como homenagem ao mérito pelos trabalhos que fizeram para Goiás e para Brasil.

## PIONEIRISMO EM BRASÍLIA

A nova capital estava se instalando em Brasília, e JESCO estava montando, com a ajuda do pai, uma das maiores chácaras de verduras, flores, e mudas frutíferas, em Goiânia. Ela foi considerada um verdadeiro modelo, e deu um grande sucesso com seu enorme e variado viveiro, e um entreposto de venda no centro da cidade.

JESCO ficou ausente apenas um ano, em 1951, quando foi chamado para ajudar instalar, no Paraná, a grande cooperativa agrária e de colonização, pois essa iniciativa, ajudada com recursos de Caritas Suíça, queria inicialmente vir

para Goiás.

Tendo ajudado instalar essa colônia, voltou para Goiânia, para continuar organizar seu empreendimento agrícola, introduzindo novos métodos em Goiás, pois fez estágio na firma Dierberger (viveiristas), em São Paulo.

Não tardou receber um diploma da Sociedade Goiana de Pecuária, e uma medalha de ouro, por ter introduzido um novo tipo de gado leiteiro Holandês (o tourinho chamava-se "Barão)". O animal era de raça Guernesey, marrom e branco.

Em 15 anos, o viveiro de mudas chegou a vender mais de um milhão de mudas, em sua maioria enxertadas, e introduzidas pela primeira vez árvores de Natal, moranguinhos, tangerina Ponkan.

Depois de partes de campos, utilizados somente para pastos e plantação do abacaxi, surgiram partes da cidade, como bairro Nova Suíça e partes do Jardim América. Mas não tardou muito, e, em 1959, JESCO foi convidado pelos seus amigos, entre eles, BERNARDO SAYÃO, senador JERONYMO COIMBRA BUENO, para ajudar na construção de Brasília, e assim foi, como funcionário do Departamento de Relações Públicas da NOVA CAP, por causa dos seus bons conhecimentos dos idiomas alemão, inglês, francês.

Trabalhou acompanhando e mostrando canteiros de obras de Brasília aos ilustres visitantes.

Todavia, para melhorar seus salários, e como era apaixonado fotógrafo, trabalhou para diversos jornais, como "O POPULAR", de Brasília, e "Última Hora", também de Brasília. Montou nos fundos da casa, na W-3 Sul, um dos primeiros laboratórios de fotografia da nova capital.

Permaneceu ali até à inauguração de Brasília. Seu arquivo particular de fotos da construção e inauguração de Brasília é considerado, hoje, o maior do país: tem sete mil fotos.

## FASE DE INDIGENISMO

Um dos primeiros órgãos federais que se mudou foi a FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL-FBC, e logo JESCO tornara-se amigo dos dirigentes. Já era, há muito tempo, amigo dos irmãos Villas-Boas, e do sertanista Dr. ACARY DOS PASSOS.

Assim, a convite deles, também tornou-se fotógrafo e cinegrafista oficial desses executores do heróico programa "Marcha para Oeste", passando a documentar diversas grandes iniciativas ordenadas pelo presidente JUSCELINO KUBITSCHEK, como a BR-29, que liga Cuiabá a Porto Velho, atualmente a BR-364, a Operação Bananal, a Estrada BR-80, da Xavantina a Cachimbo.

Durante a Operação Bananal, encontra seus velhos amigos Orlando e Cláudio Villas-Boas, recebendo deles convite para conviver com eles e com índios no Alto Rio Xingu, e documentar e estudar a vida desses índios, ainda em estado de pureza absoluta.

Como a chácara em Goiânia era otimamente dirigida pelo seu pai, resolveu aceitar esse convite, e foi morar com os Villas-Boas no que seria, mais tarde, o Parque Indígena do Xingu.

Durante os oito anos seguintes, JESCO participaria, com os irmãos Villas-Boas, das diversas "Frentes de Atração" dos índios arredios (Txucahamãe, Txicão, entre outros) e tiraria milhares de fotos, gravando milhares de horas de som, e rodando milhares de metros de filmes documentários em 16mm, com apoio da BBC e ADRIAN COWELL, e com rendas da sua chácara (a Sta. Tereza).

Após rodar sete documentários, com ajuda da BBC e do Adrian, iniciaria os trabalhos de escrever diários e tirar fotos com ajuda da SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DOS ESTADOS UNIDOS ("NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY"), viu cinco de seus trabalhos publicados na grande revista, a "National Geographic", com tiragem superior a 17 milhões de exemplares, lida em 86 países.

Também outras revistas internacionais ("Der Stern", "Family of Man", "Bunte"), nacionais ("Manchete"), e diversos jornais publicavam seus trabalhos. Foi durante essa época, que Jesco recebeu em 1978, já em Rondônia, com os sertanistas CHICO E APOENA MEIRELLES, o diploma "Honra ao Mérito" da cidade de Goiânia, conferido a 44 pessoas consideradas pioneiras, e com relevantes serviços prestados a Goiânia.

Tendo praticamente completado seu trabalho no alto Xingu, JESCO aceitou convite do sertanista FRANCISCO DE MEIRELLES e do sertanista ACARY DOS PASSOS para continuar seus trabalhos nas frentes de atração

dos índios, no norte do Mato Grosso e Rondônia, participando dos contatos com os Surui, Cintas Largas, e Urueu-Wau-Wau, Amundava, e outros. Também já em 1972, a convite do professor ALTAIR SALES BARBOSA, foi professor e pesquisador no que seria o futuro Instituto de Pré-História e Antropologia (IGPA), da Universidade Católica de Goiás, 1972.

Com apoio de Meirelles, da Universidade Católica de Goiás e de entidades, como a National Geographic Society, além de outros, incluindo Da. HELOISA ALBERTO TORRES, presidente do Conselho de Proteção aos Índios-CNPI, estudou, em 1964, também, índios nas faixas da fronteira e da Amazônia, nos Estados de Acre, Roraima, norte do Pará (Marubos, Kampas, Cachinaua, Atroari, Yanomami, Hixicariana), além de outros.

Jesco recebeu logo o diploma "Honra ao Mérito", do IGPA, e em 1988, título "Dr. Honoris Causa" da Universidade Católica de Goiás, pelos seus serviços ao Brasil, UCG, e índios.

Jesco tem doado para a Universidade Católica de Goiás os seus diários de campo, com milhares de fotos e filmes, e muitas fitas gravadas, originais. Todo esse material, de excepcional valor, é considerado um dos maiores acervos sobre o índio da Amazônia e do Brasil.

Em 1990, na Semana do Índio, JESCO doou a mansão e os terrenos, no setor Bueno, à Universidade, para servir de um grande museu sobre o índio do Brasil e o Centro de Documentação e Pesquisa, e que deverá ter o nome "MUSEU INDIGENISTA ACARY DOS PASSOS OLIVEIRA", cujo primeiro diretor será ele próprio, auxiliado pelos professores do IGPA e da Universidade Católica de Goiás.

JESCO tem saúde de ferro, entretanto teve sua perna direita amputada em 1989, quando já estava com 70 anos, mas, mesmo assim, e depois de ter adaptado perna mecânica, deseja participar das expedições do IGPA, que, anualmente, vai até as frentes da Amazônia, mesmo que a participação seja somente em aviões, canoas e barcos.

**Prof. W. JESCO VON PUTTKAMER**

Goiânia, em 12 abril 1990

# SÓCIOS CORRESPONDENTES

**ADILSON CÉSAR**

End.: Rua Miranda Azevedo nº 147 apto 61 Ed. Santa Catarina Centro  
Sorocaba-SP  
Fone: (0152) 326841  
Cep 18035-090

**ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO**

End.: Rua Alfredo Ellis nº 262 apto 9 - São Paulo - Guararema  
B. Paulo  
Cep: 08.900.00

**ANTONIO CÉSAR CALDAS PINHEIRO**

End.: Avenida Goiás nº 995 apto 501 Ed. D. João VI - Centro  
Goiânia-GO  
Cep 74005-010  
Fone: 225-2517

**ANTONIO FIRMINO DE LIMA**

End. Rua C-146 Qd. 285 Lt. 06 - Jd. América  
Goiânia-GO  
Fone: 287-0172

**ANTONIO TEIXEIRA NETO**

Rua T-36 nº 3.168 Qd. 140 Lt. 5 - Setor Bueno  
Cep 74.223-050  
Fone: 241-7095

**ANTOLINDA BAÍA BORGES**

End. Rua D. Cândido nº 27 Centro  
Cidade de Goiás-GO  
Cep 76.600.00  
Fone: 371-1931 / 371-1990

**BRÁULIO NASCIMENTO**

End.: Rua Sá Ferreira nº 205/901 - Copacabana  
Rio de Janeiro-RJ  
Cep 08.900.000

**BENTO ALVES ARAÚJO JAYME FLEURY CURADO**

End.: Rua 01 Qd. 22 Lt. 1 - Bairro Santuário  
Trindade-GO  
Cep 75.380.000

CORNÉLIO RAMOS  
End. Rua Nassin Angel nº 446  
Catalão-GO

CARLOS FRANCISCO MOURA  
End. Rua prof. Manoel Ferreira nº 171 apto 202 Gávea  
Rio de Janeiro-RJ  
Fone: 224-5130

ENÉLIO LIMA PETROVICH  
End. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte  
Rua da Conceição, 622 - Cidade Alta - Natal-RN  
Cep 59025-270

DULCE MADALENA RIOS PEDROSO  
End.: Rua 88-A nº 05 Setor Sul  
Goiânia-GO  
Cep 74.085.020  
Fone: 241-0988 / 227-1221

FRANCISCO BRAGA SOBRINHO  
End. Qd. 6 Conj. 11 Casa 17 Lago Sul  
Brasília-DF  
Rua 1127 nº 136 Setor Marista  
Goiânia-GO

FILADELFO BORGES DE LIMA  
End. Rua 27 nº 412 Bairro Califórnia  
Rio Verde-GO  
Cep 75.906.430  
Fone: (062) 621-0932

GETÚLIO PEREIRA ARAÚJO  
End. Rua T-5 nº 1093 apto 201 Setor Bueno  
Goiânia-GO  
Cep 74.230-040  
Fone: 259-2366 / 212-2300 (Samedh)

HAYDEÉ JAYME FERREIRA  
End. Av. Contorno nº 898 Centro  
Anápolis  
Cep 75.020.010  
Fone: 321-1335

IAPERI SOARES DE ARAÚJO  
Maternidade Januário Cicco - Av. Nilo Peçanha  
Nata-RN  
Fone: (084) 222-0791

JOSÉ CARDEAL DOS SANTOS  
End.: ARSE, 51 QHI-Alameda 6 Lt-18 - casa 42  
Palmas-TO  
Cep 77.054.970  
Fone: (063) 214-1342

JORGE SALIM SAFADY  
End. Rua Carlos Petit nº 427  
São Paulo-SP  
Fone: (011) 571-9196 / 242-1647 Zahich

LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE  
End.: Rua Barão de Melgaço nº 338  
Cuiabá-MT  
Cep 78.005.500

LUIS ROBERTO DE BARROS MOTT  
End.: Rua Teodoro Sampaio nº 87  
Salvador-BA  
Cep 40.070.150  
Fone: (071) 242-3782

LUIS ALBERTO DE QUEIROZ  
End.: Rua 232 nº 200 Setor Universitário  
Goiânia-GO  
Cep 74.605.140  
Fone: 973-0327

MANOEL RODRIGUES FERREIRA  
End.: Av. Higianópolis nº 240 apto 31  
São Paulo-SP

MARTINIANO JOSÉ DA SILVA  
End.: Caixa Postal nº 26  
Mineiros-GO  
Cep 75.830.000  
Fone: 224-6983

MARIA CAVALCANTI MARTINELLI  
End.: Rua T-48 nº 11 apto 404 Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep 74.140.086  
Fone: 251-1168

MARCO ANTONIO DE FARIA GALVÃO  
End.: Qd L-2 conj. 11 casa 18 SHIN  
Brasília-DF  
Cep 70.000.000  
Fone: 577-2066 / 577-2165

ONILDO GONÇALVES DE CASTRO  
End.: Rua R-17 nº 77 apto 401 Ed. Rachel Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep 74.040.720  
Fone: 251-9354

OLGA CABREIRA GARCIA  
End.: Rua 47 Qd. 45 Lt. 25 Conj. Itatiaia  
Goiânia-GO  
Cep 74.690.720  
Fone: 205-1985

POMPEU CHRISTOVAM DE PINA  
End. Rua Sizenando Jayme nº 22  
Pirenópolis  
Cep 72.980.000  
Fone: 331-1102

OSVALDO RODRIGUES PÓVOA  
End.: Rua prof. Carlos Alberto Wolney nº 15 Centro  
Dianópolis  
Cep 77.300.00  
Fone: (061) 692-1261 / 224-3243

RAMIR CURADO  
End.: Pça Monsenhor Chiquinhó nº 87  
Corumbá-GO  
Cep 72.960.000  
Fone: 338-1103

VALDON VARJÃO

End. Rua Cel. Antônio Cristino Cortês nº 08

Barra do Garças-MT

Cep 78.300-000

Fone: 446-2755 / 446-3335 / 446-1531

SÔNIA MARIA FERREIRA

End.: Rua 24 nº 821 apto 701 - Ed. Florença - Centro

Goiânia-GO

Fone: 225-2875

WALDEREZ LOUREIRO MIGUEL

End.: Rua 124 nº 146 - Setor Sul

Goiânia-GO

Cep 74.093.060

Fone: 241-6367

TEREZY FLEURY DE GODOI

End. SQS 406 - Bl. B Aptº 205

Brasília-DF

Cep 70255-020

MURILO MELO FILHO

Revista Manchete Rua do Russel nº 894

Rio de Janeiro-RJ

Cep 22214-900

ANTÔNIO OLIVEIRA MELLO

Rua Olavo Amorim nº 162 C. Postal 195

Patos de Minas-MG

Cep 38700-000

HILDEGARDES VIANNA

Av. Princesa Isabel nº 401 Apto 102 Barra

Salvador-BA

Cep 40130-030

JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO

Rua Barão de Melgaço nº 3.709

Cuiabá-MT

LENINE DE CAMPOS PÓVOAS  
Rua Estevão de Mendonça nº 1877  
Cuiabá-MT  
Cep 78020-000

ZÉLIA DOS SANTOS DINIZ  
Av. Catarina de Abreu nº 36  
Aragarças-GO  
Cep 76240-000

MARLENE GOMES VELLASCOS  
Rua D. Cândido nº 27  
Cidade de Goiás-GO  
CEP 76600-000

GUSTAVO NEIVA COELHO  
Rua J-80 Qd. 156-A Lt. 04 - Setor Jaó  
Goiânia-GO

ESTHER CALDAS GUIMARÃES BERTOLETTI  
Rua das Laranjeiras nº 147 Apto 204  
Rio de Janeiro-RJ

FERNANDO ANTÔNIO DE FARIA  
Rua Uruguai nº 486 Apto 503 Tijuca  
Rio de Janeiro-RJ  
Cep 20510-000

## SÓCIOS EMÉRITOS

01 - ANTÔNIO TEODORO DA SILVA NEIVA  
End. Rua 17 nº 60 Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep 74140-050  
Fone: 251-4737

02 - ÁTICO VILAS BOAS MOTA  
End. Praça da Matriz nº 248  
Macaúbas-BA  
Cep 46500-000  
Fone: (073) 473-1292

03 - ELI BRASILIENSE RIBEIRO  
End. Alameda dos Buritis nº 564 - Centro  
Goiânia-GO  
Cep 74015-080

04 - GILBERTO MENDONÇA TELES  
End. Rua Pompeu Loreiro nº 36 Apto 802 - Copacabana  
Rio de Janeiro-RJ  
Cep 22061-000  
Fone: (021) 235-7454

05 - MODESTO GOMES DA SILVA  
End. Rua 1 nº 967 Apto 701 Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep 74115-040  
Fone: 225-5148

## SÓCIOS BENEMÉRITOS

01 - AUGUSTO DA PAIXÃO FLEURY CURADO  
End. Rua 131 nº 234 Setor Sul  
Goiânia-GO  
Cep 74093-200  
Fone: 241-0359

02 - BASILEU TOLEDO FRANÇA  
End. Rua 29 Apto 502 Ed. Louvre Centro  
Goiânia-GO  
Cep 74015-050  
Fone: 225-6928

03 - ESTHER BARBOSA ORIENTE  
End. Rua 13 nº 814 Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep 74120-060  
Fone: 281-0342

04 - HUMBERTO CRISPIM BORGES  
End. Rua 19 nº 71 Apto 906 Ed. Dom Abel - Centro  
Goiânia-GO  
Cep 74030-090  
Fone: 224-4625

# SÓCIOS HONORÁRIOS

01 - ANTÔNIO HENRIQUE SANTILLO

End. Anápolis-GO

Fone: 319-1071

02 - DOMICIANO FARIA PEREIRA

End. Rua 125 n° 88 Setor Sul

Goiânia-GO

Cep 74093-070

Fone: 250-1188 / 250-1000

03 - HÉLIO SEIXO DE BRITO FILHO

End. Rua 110 n° 48 Setor Sul

Goiânia-GO

Cep 74085-100

Fone: 241-6402

04 - JOÃO DE PAIVA RIBEIRO

End. Rua 4 n° 305 Apto 1400 Ed. Solar D'Oeste - Setor Oeste

Goiânia-GO

Fone; 229-3537 / 233-2510

05 - KLEBER BRANQUINHO ADORNO

End. Av. Portugal n° 346 Apto 1301 - Setor Oeste

Goiânia-GO

Cep 74140-020

Fone: 215-3186 / 975-5104

06 - TEREZINHA VIEIRA DOS SANTOS

End. Rua 1136, Qd. 239 Lt. 34 - Setor Marista

Cep 74.180.150

Goiânia-GO

07 - LUIZ JOSÉ BITTENCOURT

End. Rua T-38 n° 692 Apto 1201 Ed. Saint Moritz - Setor Bueno

Goiânia-GO

Cep 74140-080

Fone: 241-7682

08 - MARIA ABADIA SILVA

End. SQS 402 Bl. Q Apto 305 - Brasília-DF

Cep 70236-000

Fone: (061) 223-8829

09 - ANTÔNIO DE SOUSA ALMEIDA

Editora Kelps

End. Rua 19 nº 100 - Setor Marechal Rondon

Goiânia-GO

Cep 74560-460

Fone: 211-1616



*MURILO MELO FILHO entre associados e funcionários do IHGG*



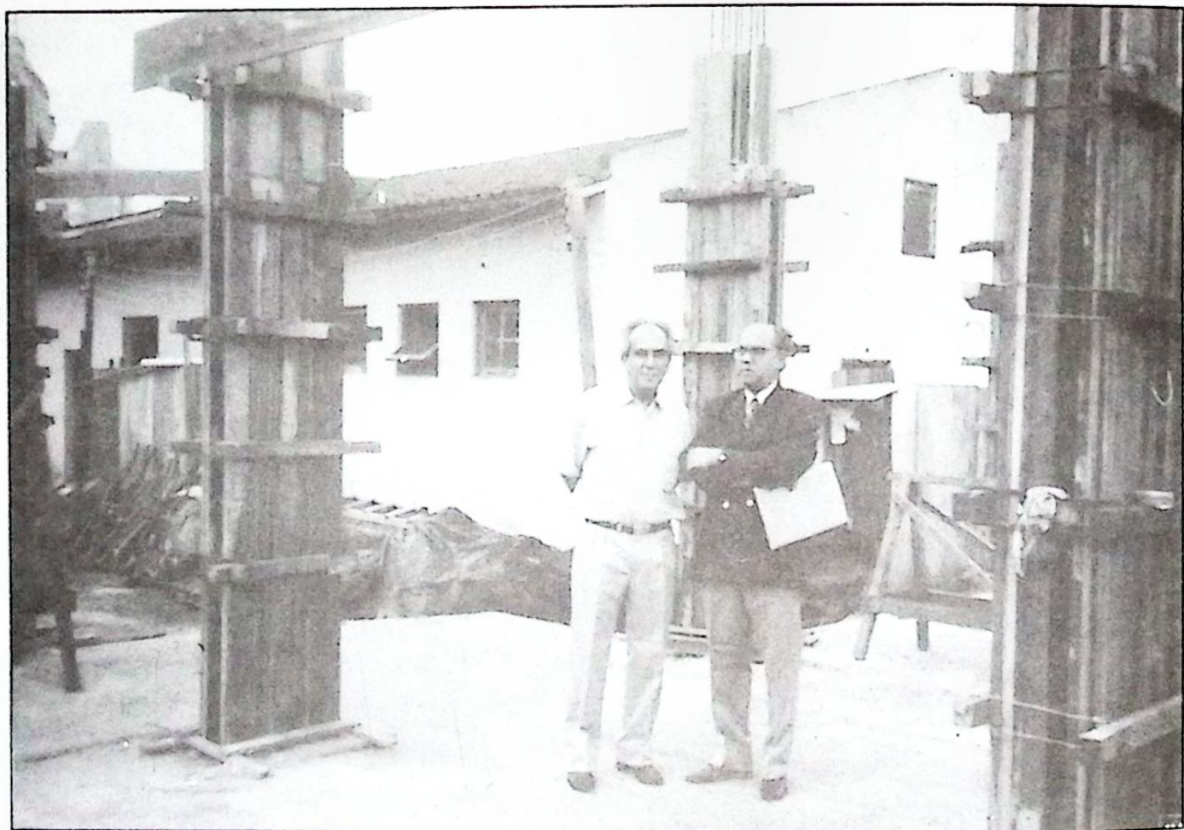
*Posse de MURILO MELO FILHO, vendo-se à sua direita a prof<sup>a</sup> MARIA DO ROSÁRIO CASSIMIRO, Presidente da Academia Goiana de Letras, à sua esquerda o Presidente JOSÉ MENDONÇA TELES, o Vereador HÉLIO DE BRITO FILHO, representando a Câmara Municipal de Goiânia, o Jornalista WALTER MENEZES, Presidente da Associação Goiana de Imprensa*



*Associados em visita ao canteiro de obras da futura sede do IHGG*



*Comendador ANTÔNIO PÁDUA DE FLEURY, com vestimenta usada por ocasião da coroação de D. Pedro II, em 18/07/1841, e sua esposa AUGUSTA ROSA GAUDIE LEY, quadros de autoria de Emile de Taunay, pai de Visconde de Taunay, doados ao IHGG pela saudosa escritora e associada ROSARITA FLEURY*



*O Presidente JOSÉ MENDONÇA TELES e o Associado CARLOS FERNANDO MAGALHÃES, Diretor da Revista, no local onde se ergue a nova sede do IHGG.*



*Momento em que GETÚLIO PEREIRA ARAÚJO recebia os cumprimentos do Presidente JOSÉ MENDONÇA TELES, ao empossar-se no quadro de Sócio Correspondente do IHGG. Vê-se na foto, COLEMAR NATAL E SILVA e o Deputado Luis Bittencourt.*

# **DIRETORIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS BIÊNIO 1997/1998**

<b>Presidente:</b>	<b>JOSÉ MENDONÇA TELES</b>
<b>1º Vice-Presidente:</b>	<b>BELKISS SPENCIERE CARNEIRO DE MENDONÇA</b>
<b>2º Vice-Presidente:</b>	<b>GERALDO COELHO VAZ</b>
<b>3º Vice-Presidente:</b>	<b>NEY TELES DE PAULA</b>
<b>Secretário Geral:</b>	<b>JACY SIQUEIRA</b>
<b>1º Secretário:</b>	<b>MARY JOSÉ YÁZIGI</b>
<b>Tesoureiro:</b>	<b>WALDOMIRO BARIANI ORTÊNCIO</b>
<b>Relator de Admissão de Sócios:</b>	<b>MARIA AUGUSTA CALLADO</b>
<b>Diretor da Revista:</b>	<b>CARLOS FERNANDO FILGUEIRAS DE MAGALHÃES</b>
<b>Secretárias Administrativas:</b>	<b>ELIZABETH ABREU CALDEIRA BRITO NEUSA SOARES DE MELO</b>



Cadeira Nº 25  
Patrono: Luis do Couto  
Titular: JERÔNIMO CARVALHO BUENO  
End: Rua 136-B nº 84 - Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.093.270  
Fone: 241-2438

Cadeira Nº 26  
Patrono: Jarbas Jayme  
Titular: JACY SIQUEIRA  
End: Rua 5 nº 605 Apto 204 - Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74.125.070  
Fone: 223-5467

Cadeira Nº 27  
Patrono: Manoel Onofre Andrade  
Titular: ITABORAÍ VELASCO DO NASCIMENTO  
End: ACS Garavelo - Setor Garavelo Cx. Postal 150  
Ap. de Goiânia-GO  
Cep: 74.930-540  
Fone: 227-1077 / 288-1632 / 973-8444

Cadeira Nº 28  
Patrono: Bouyhan Helou  
Titular: MARY JOSÉ YAZIGI  
End: Rua Ipameri nº 232 - Campinas - Goiânia-GO  
Cep: 74.525.030  
Fone: 233-0231 / 233-5532 (Loja)

Cadeira Nº 29  
Patrono: Salomão de Vasconcelos  
Titular: JOSÉ NORMANHA DE OLIVEIRA  
End: Rua 94 nº 603 Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.310-010  
Fone: 223-1941

Cadeira Nº 30  
Patrono: Cifforde Evans  
Titular: ALTAIR SALES BARBOSA  
End: Av. Universitária nº 1440 - Setor Universitário  
Cx Postal 86  
Cep: 74.605.010  
Fone: 212-2929

Cadeira Nº 31  
Patrono: Euridice Natal e Silva  
Titular: MARIA NARCISA DE ABREU CORDEIRO PIRES  
End: Rua 1 nº 480 Ed. Tainã Apto 1101 Setor Oeste  
Goiânia-GO  
Cep: 74.125.020  
Fone: 223-9391

Cadeira Nº 32  
Patrono: José Peixoto da Silveira  
Titular: JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA JÚNIOR  
End: Cx. Postal 694 - Goiânia-GO  
Fone: 252-1914 / 245-1539

Cadeira Nº 33 - VAGA

Cadeira Nº 34  
Patrono: Amália Hermano Teixeira  
Titular: JOSÉ ÂNGELO RIZZO  
End: Rua 18 nº 105 Ed. Stela Apto 102 - Centro - Goiânia-GO  
Cep: 74.030.040  
Fone: 223-9652 / 821-1112

Cadeira Nº 35  
Patrono: Moisés Santana  
Titular: MARIA TEREZINHA CAMPOS SANTANA  
End: Rua 215 nº 49 - Setor Coimbra - Goiânia-GO  
Cep: 74.530.130  
Fone: 233-0597 / 821-1091 / 976-4496

Cadeira Nº 36  
Patrono: Ricardo Paranhos  
Titular: NASR NAGIB FAYAD CHAUL  
End: Rua 2 nº 155 Apto 501 - Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74110-130  
Fone: 212-9667

Cadeira Nº 37  
Patrono: Luís Crus  
Titular: HORIESTE GOMES  
End: Av. T-5 nº 1134 Apto 602 - Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74.230.040  
Fone: 259-2306 / 227-1077

Cadeira Nº 38  
Patrono: Henrique Silva  
Titular: JOSÉ SENECA LOBO  
End: Av. Tocantins, nº 296 - Centro - Goiânia-GO  
Cep: 74.015.010  
Fone: 225-6432

Cadeira Nº 39  
Patrono: José Honorato de S. Silva  
Titular: LICÍNIO LEAL BARBOSA  
End: Rua T-55 nº 95 Lt. 12 - Setor Bueno - Goiânia-GO  
Cep: 74.215-170  
Fone: 251-0425 / 225-3448

Cadeira Nº 40  
Patrono: Dom Emanuel Gomes de Oliveira  
Titular: ÁUREA CORDEIRO DE MENEZES  
End: Colégio Santa Clara - Rua José Hermano nº 244 Qd. 16  
- Campinas - Goiânia-GO  
Cep: 74.515.030  
Fone: 233-9751

Cadeira Nº 41 - VAGA

Cadeira Nº 42  
Patrono: Ministro Jorge Latour  
Titular: BINÔMIO DA COSTA LIMA  
End: Av. Goiás nº 530 Cx. Postal 422 - Jatai-GO  
Cep: 75.800.000  
Fone: (062) 631-3418

Cadeira Nº 43  
Patrono: Cora Coralina  
Titular: MARIA DO ROSÁRIO CASSIMIRO  
End: 10 nº 810 Apto 710 - Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74.120.020  
Fone: 214-1706 / 224-8096

Cadeira Nº 44  
Patrono: Francisco Tosi Colombina  
Titular: JOSÉ FERNANDES  
End: Av. Venerando de Freitas Borges Qd. 35 Lt. 02 Setor Jaó  
Goiânia-GO  
Cep: 74.673.010  
Fone: 204-1078

Cadeira Nº 45  
Patrono: Cândido Mariano Rondon  
Titular: LEOLÍDIO DI RAMOS CAIADO  
End: Rua 22 Qd E Lt. 56 Setor Oeste - Goiânia-GO  
Cep: 74.120.130  
Fone: 215-4062

Cadeira Nº 46  
Patrono: Manoel Aires de Casal  
Titular: WALDOMIRO BARIANI ORTÊNCIO  
End: Rua 82 nº 505 Setor Sul - Goiânia-GO  
Cep: 74.083.010  
Fone: 223-0330

Cadeira Nº 47  
Patrono: Regina Lacerda  
Titular: NICE MONTEIRO DAHER  
End: Rua 4 nº 125 Centro - Goiânia-GO  
Cep: 74.020.060  
Fone: 299-1157

Cadeira Nº 48  
Patrono: Rosarita Fleury  
Titular: CARLOS FERNANDO FILGUEIRAS DE MAGALHÃES  
End: Rua 3 nº 351 Ed. Rural Apto 103 - Centro - Goiânia-GO  
Cep: 74.023.010  
Fone: 977-0754 / 255-9476

Cadeira Nº 49  
Patrono: Joaquim Teotônio Segurado  
Titular: ANA BRAGA MACHADO CONTIJO  
End: Rua 1122 esq. c/ 1125 Qd. 227 Lt. 14 - Setor Marista  
Goiânia-GO  
Cep: 74.175.110  
Fone: 241-3432

Cadeira Nº 50  
Patrono: Gerson de Castro Costa  
Titular: WALDERMAR GOMES DE MELO  
End: Alameda Pampulha Qd. 04 Lt 12 e 13 Setor Jaó  
Goiânia-GO  
Cep: 74.673.200  
Fone: 204-2824

**APOIO CULTURAL:**



**DESDE 1952**

**HOSPITAL SÃO LUCAS**

**DR. BENJAMIN BARBOSA RORIZ**

**RUA 4 Nº 1335 - CENTRO**

**GOIÂNIA-GO**

